

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ

ALAN VINICIUS SERBAI

**DE MANIFESTAÇÕES POPULARES A AGITAÇÕES VIOLENTAS:
A COBERTURA DOS ATOS PRÓ-CUBA PELO *DIÁRIO CARIOCA* E
ÚLTIMA HORA
(1961-1962)**

CURITIBA

2018

ALAN VINICIUS SERBAI

**DE MANIFESTAÇÕES POPULARES A AGITAÇÕES VIOLENTAS:
A COBERTURA DOS ATOS PRÓ-CUBA PELO *DIÁRIO CARIOCA* E
ÚLTIMA HORA
(1961-1962)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes – FCHLA, da Universidade Tuiuti do Paraná, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientadora: Prof.^a Me. Viviane Maria Zeni.

CURITIBA

2018

Dedico este trabalho a Viviane Maria Zeni, aos docentes do curso de História da Tuiuti e aos meus amigos e familiares, em especial á minha mãe.

Gostaria inicialmente de agradecer a todo o corpo docente do Curso de História da Universidade Tuiuti do Paraná, em especial Viviane Maria Zeni que foi professora, orientadora e amiga inestimável durante o curso, de tal modo que não tenho palavras para descrever minha gratidão por sua pessoa.

Agradecimento especial merece também o professor Osvaldo Meza Siqueira, com quem muito aprendi não só nas aulas ministradas na universidade, mas durante meu estágio e monitoria que tive o privilégio de realizar sob sua supervisão, o que me rendeu valiosas experiências dado a sua inspiradora forma de exercer a profissão de docente.

Também é necessário o agradecimento a professora Liz Andrea Dalfré, pois por meio de suas aulas e suas atenciosas indicações pude elaborar os primeiros esboços do que mais tarde se tornaria este presente trabalho. É importante fazer referência também aos professores Luiz Carlos Sereza e André Luiz Siqueira que, por meio da disciplina de pesquisa histórica também contribuíram para a elaboração desta monografia.

Os professores Pedro Leão da Costa Neto, Pedro Oscar Valandro e Vera Irene Jurkevics igualmente merecem citação e os meus sinceros agradecimentos pelos valiosos ensinamentos, que certamente levarei para além da minha formação acadêmica.

Gostaria de igualmente dedicar este trabalho a minha família e em especial a minha mãe Luciana Colaço da Silveira, pois sem ela simplesmente não conseguiria se manter na universidade e também ao meu pai Wilson José Serbai. Não poderia deixar de mencionar e agradecer profundamente Ana Carolina de Souza Oliveira, minha melhor amiga e companheira. Da mesma forma, também sou grato aos meus amigos Douglas Ribeiro e Denis Victor da Silveira, que conheci no curso de história e que desde então sempre pude contar.

Por fim, é pertinente também agradecer a Fundação Biblioteca Nacional e sua Hemeroteca Digital Brasileira, que possibilitou o acesso as fontes utilizadas nesta monografia e é necessário ressaltar a importância de tal iniciativa, que visa a preservação e a acessibilidade de valiosas fontes históricas.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo a análise dos discursos jornalísticos redigidos pelos jornais *Diário Carioca* e *Última Hora* sobre as manifestações a favor de Cuba durante a Invasão da Baía dos Porcos (1961) e a Crise dos Mísseis (1962), pautada nas considerações de Pierre Bourdieu e Pierre Ansart sobre as variadas práticas discursivas. Além de contextualizar a organização interna dos periódicos, a análise também procurou distinguir e salientar as convergências e as divergências referentes as posições tomadas pelos influentes jornais cariocas, acerca não só das manifestações pró-Cuba, mas também de temas como a Política Externa Independente e o processo revolucionário cubano

Palavras-chave: *Diário Carioca*, *Última Hora*, Manifestações pró-Cuba, Invasão da Baía dos Porcos, Crise dos Mísseis.

Sumário

INTRODUÇÃO	6
1. BRASIL, CUBA E GRANDE IMPRENSA NO ESTADO DA GUERRA FRIA	11
1.1- A Grande Imprensa no Brasil: Atuação do <i>Diário Carioca</i> e do <i>Última Hora</i>	11
1.2 <i>Em Havano Popular: A Revolução Cubana e a Imprensa no Brasil</i>	33
2. DA BAIÁ DOS PORCOS Á CRISE DOS MÍSSEIS: OS CONFLITOS EM CUBA E REPERCUSSÃO NO BRASIL	39
2.1. Cuba x Estados Unidos x Brasil um impasse e a Política Externa Independente	39
2.2 “ <i>O Barril de pólvora do Caribe ameaça explodir:</i> ” Crise dos Mísseis e a dicotomização entre o <i>DC</i> e <i>UH</i>	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
FONTES	81
REFERÊNCIAS	84

INTRODUÇÃO

O estado de Guerra Fria sempre instigou inúmeros questionamentos por envolver diversos conflitos e propostas revolucionárias como alternativas a um mundo dividido entre Ocidente-capitalista e Oriente-comunista. Dentro deste conturbado contexto eclodiu a Revolução Cubana que influenciou/transformou as formas de pensar de vários latino americanos, sobretudo os brasileiros.

Tendo como base esta premissa, o presente trabalho objetivou analisar as matérias jornalísticas publicadas pelos periódicos *Última Hora* (RJ) e *Diário Carioca* (RJ), sobre as manifestações pró-Cuba realizadas no Brasil durante a Invasão da Baía dos Porcos em 1961 e a Crise dos Mísseis de 1962.

Considerados desdobramentos da Revolução Cubana, estes episódios foram determinantes para que o processo revolucionário extrapolasse a esfera de acontecimentos referentes a América Latina, para ter o seu âmbito diretamente veiculado ao curso da Guerra Fria, angariando amplo envolvimento diplomático dos mais diversos países.

Dentro deste contexto, o Brasil estava sob o governo de Jânio Quadros e sete meses depois vivenciando o governo João Goulart sob o regime parlamentarista. Nos dois governos, os presidentes conduziram uma política exterior que defendia a autodeterminação dos países e a manutenção de sua soberania nas questões políticas internas e se posicionaram contra as pretensões intervencionistas dos EUA em Cuba nos dois episódios, que pretendiam a retirada de Fidel Castro do poder.

Por sua vez, os partidos políticos e os ascendentes movimentos sociais de esquerda brasileiros, representados principalmente pelos sindicatos e associações estudantis, inspirados na Política Externa Independente, procuraram demonstrar o seu apoio a Cuba denunciando o imperialismo estadunidense por meio de marchas, comícios e variados atos de repúdio. No entanto, o apoio prestado aos revolucionários, gerou um embate entre os manifestantes pró-Cuba e grupos e instituições conservadoras, entre elas a polícia política que, por diversas vezes, suprimiu violentamente as manifestações.

Discursos jornalísticos sobre esses acontecimentos carregados de simbologia política, foram realizados por diversos periódicos, entre eles os influentes *Diário Carioca* e *Última Hora*, que se destacavam como precursores da modernização na imprensa brasileira, por importar ou criar técnicas e práticas que marcaram o jornalismo nacional.

Nesse sentido, analisar de que maneira os periódicos *Última Hora* (RJ) e *Diário Carioca* (RJ) retrataram as manifestações pró-Cuba, transformou-se na problemática deste estudo monográfico.

Visando responder a esta problematização e para a realização deste trabalho, foram utilizadas além das fontes provenientes dos jornais e a leitura de obras acadêmicas que forneceram os subsídios para a compreensão do contexto histórico tanto no Brasil quanto em Cuba.

Em referência a imprensa nacional no momento da criação do *DC* e do *UH* a obra *História da Imprensa no Brasil*, de Nelson Werneck Sodré¹ foi de grande valia. Considerada um clássico, a obra de viés marxista, contém uma abrangente análise sobre o periodismo nacional e, mesmo datada de meados da década 1960, ainda perdura como leitura obrigatória sobre o tema.

Em uma perspectiva historiográfica mais contemporânea, o trabalho da historiadora Marialva Barbosa, *História Cultural da Imprensa*², também mereceu atenção por tecer importantes informações e questionamentos a respeito do campo jornalístico e suas práticas, especialmente as de autoafirmação, que visavam afastar o jornalismo da esfera da literatura.

Entre outras pesquisas que discorreram sobre a história dos jornais e auxiliaram as análises destacou-se *Diário Carioca, o jornal que mudou a imprensa brasileira* de Cecília Costa³ no qual a autora, além de tratar das inovações propostas pelo *DC*, contextualizou a história do periódico e das personalidades marcantes ligadas ao jornal, utilizando também de entrevistas com jornalistas que integraram a redação do periódico.

Sobre o *Última Hora*, o trabalho das historiadoras Lilian Perosa e Maria Lúcia Zanelli, *Última Hora: uma revolução na imprensa brasileira*,⁴ também ofereceu uma ampla perspectiva da criação do periódico até o final de sua circulação, apontando a singularidade do espaço ocupado pelo *UH* no jornalismo nacional. De maneira igualmente importante, o estudo *A novidade que faltava: sensacionalismo e retórica política nos jornais Última Hora, O Dia e Luta Democrática no segundo governo Vargas (1951-1954)*, de Carla Siqueira⁵, foram fundamentais para a pesquisa.

¹ SODRÉ, Nelson Werneck, *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

² BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil (1900-2000)*. Rio de Janeiro: Mauadx, 2007.

³ COSTA, Cecília. *Diário Carioca: o jornal que mudou a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2011.

⁴ PEROSA, Lílian M. F. de Lima, ZANELLI, Maria Lúcia. *Última Hora: uma revolução na imprensa brasileira*, Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2003. (Cadernos da Comunicação. Série Memória; v. 7)

⁵ SIQUEIRA, C. V. *A novidade que faltava: sensacionalismo e retórica política nos jornais Última Hora, O Dia e Luta Democrática no segundo governo Vargas (1951-1954)*. In: NEVES, Lúcia Maria. B. P. das; MOREL,

Os verbetes temáticos⁶ sobre o *Diário Carioca* e *Última Hora*, oferecidos pela Fundação Getúlio Vargas e seu Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), ambos escritos por Carlos Eduardo Leal e Dora Flaksman, foram selecionados e se encontram presentes no decorrer do texto.

Sobre a Revolução Cubana e sua influência no contexto latino-americano, entre outras obras de grande valia para esta pesquisa incluem-se *A Revolução Cubana: História e Problemas Atuais*", organizada pelo historiador Osvaldo Coggiola⁷ e "*Cuba e Estados Unidos: Uma história de hostilidades*", dos historiadores Maria Rita Guercio e Dorisney de Carvalho. As considerações de Andreia de Souza Carvalho, na dissertação intitulada *De revolução salvadora à conspiração maligna: representações da Revolução Cubana na imprensa escrita brasileira. (1959 a 1964)*⁸, foram de especial importância por conta das fontes jornalísticas apresentadas pela autora.

Há de se fazer referência também a contribuição dos trabalhos de Luiz Alberto Moniz Bandeira, *De Martí a Fidel: A Revolução Cubana e a América Latina*⁹ e *O Governo João Goulart: As lutas sociais no Brasil(1961-1964)*.¹⁰ No primeiro, o autor realizou uma extensa remontagem da conjuntura histórica latino-americana e da ressonância da Revolução Cubana no continente, analisando criticamente a influência de Washington na promoção de grupos e governos anticomunistas, ao mesmo tempo que teceu profundos comentários sobre o processo revolucionário cubano e os episódios em questão nesta monografia, a Invasão da Baía dos Porcos e a Crise dos Mísseis.

Já no segundo trabalho, o historiador demonstrou um panorama da administração presidencial de Jango, tratando sobre diversos temas, como aspectos biográficos do presidente, conjuntura política, mobilização do proletariado em torno das esquerdas e ação dos conservadores que tramaram o golpe contra Jango com a ajuda de grupos estrangeiros.

A partir destas obras e outros artigos acadêmicos, buscou-se tratar da construção discursiva sobre os movimentos em favor de Cuba durante as crises envolvendo a ilha. Os jornais, embora sejam utilizados como fontes para a compreensão dos discursos jornalísticos

Marco; FERREIRA, Tânia M. Bessone da C. (org.). *História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A / FAPERJ, 2006

⁶ LEAL, C. E. C. ; FLAKSMAN, Dora . Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1984.

⁷ COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Revolução Cubana: História e Problemas Atuais*. São Paulo: Xamã, 1998.

⁸ CARVALHO, Andreia de Souza de. *De revolução salvadora à conspiração maligna: representações da Revolução Cubana na imprensa escrita brasileira. (1959 a 1964)*. 171f. Dissertação (Mestrado em História)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

⁹ MONIZ BANDEIRA, L. A. (b) *De Martí a Fidel: A Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

¹⁰ MONIZ BANDEIRA. L. A. (a) *O Governo João Goulart: As lutas sociais no Brasil(1961-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

sobre questões políticas, sociais e econômicas se apresentam como valiosas fontes para compreender as manifestações pró-Cuba no Brasil.

Com o intuito de explorar este tema este estudo foi dividido em dois capítulos. O primeiro capítulo tece algumas considerações sobre a modernização da imprensa e seu início a partir da virada do século XIX e discorre sobre o contexto histórico da criação do *Diário Carioca*, durante o final da Primeira República, perpassando a era Vargas até 1951, com a criação do *Última Hora*. A partir deste momento foi elaborada a análise da atuação do *Última Hora* e *Diário Carioca* nas conturbadas décadas de 1950 e 1960, suas características físicas, organização interna destes jornais e sobretudo suas posições perante aos variados acontecimentos políticos do momento no Brasil e em Cuba .

O segundo capítulo apresentou, mesmo que parcialmente, o governo Jânio Quadros e a conjuntura política internacional que resultou na Invasão da Baía dos Porcos. Sobre este evento discutiu-se as manifestações a favor de Cuba, a posição do *DC* e do *UH* sobre a atuação diplomática brasileira, como também em relação ao governo de Fidel Castro. A conturbada renúncia de Jânio Quadros, o subsequente mandato presidencial de João Goulart, a polarização política, com a influência da Revolução Cubana no contexto brasileiro também foram apresentados neste capítulo.

A fim de analisar as diversas matérias jornalísticas utilizadas neste trabalho, utilizou-se das reflexões teóricas de Pierre Bourdieu sobre operações de *nomeação* e *discurso* foram levadas em consideração. Para o autor, os agentes sociais, sempre aspiram pelo poder de dar nomes e atribuir características as coisas, uma vez que a própria construção da realidade pode ser determinada por este processo. Essas operações e o poder de executá-las estariam intrinsecamente conectados com as instituições, que delegam esse poder aos seus porta-vozes. Logo, um jornalista age dentro de um noticiário, conforme os ritos e as censuras, por vezes imperceptíveis, da instituição representada pelo jornal e o grupo midiático ao qual este pertence.¹¹

Estas práticas refletem uma luta social em que diferentes instituições, por meio de seus cooptados agentes sociais, tentam impor suas visões de mundo e suas nomeações ao máximo número de pessoas, visando obter capital, não só político e financeiro, mas também cultural. Para conseguir tal efeito, é necessário que o agente social, seja reconhecido por pelo menos um grupo de pessoas, afim que seu discurso seja legitimado e possa falar em nome de

¹¹ BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Lingüísticas*. São Paulo: Editora da USP, 1996.

todos, ao mesmo tempo que procura atingir e cooptar mais pessoas, pretendendo uma interferência na formação do senso comum e na percepção da realidade.

Em complemento as considerações de Bourdieu, as indicações de Pierre Ansart sobre práticas discursivas e *discursos ideológicos*, foram amplamente utilizadas. Em sua obra *Ideologias, conflitos e poder*, Ansart elaborou uma análise sobre o papel das instituições nas construções dos discursos, como também sobre as lutas simbólicas que estas se engajam, na cooptação de mais indivíduos à sua causa.¹²

A metodologia para a análise dos periódicos, pautou-se nas pesquisas de Maria Helena Capelato¹³ e Maria Ligia Prado¹⁴, nas quais os jornais não foram concebidos como um simples relatores imparciais de notícias e acontecimentos e sim como agentes movidos e controlados por interesses políticos de uma determinada classe ou grupo social. As autoras também reconhecem que na análise de um periódico deve-se levar em conta, além de sua situação dentro da conjuntura político e social, suas características físicas, a disposição das matérias juntamente com seus títulos que são precisamente selecionados para causar o máximo efeito ao leitor, a tipografia, a tiragem, o uso ou não de imagens e caricaturas e anúncios publicitários entre outros objetos de avaliação.

Por fim, além conjunto documental e dos referencias teóricos e historiográficos acima mencionados, torna-se importante salientar sobre a extensa pesquisa necessária para a realização do presente estudo monográfico, uma vez que os olhares dos periódicos em questão sobre as manifestações a favor de Cuba, raramente foram objetos de análise por parte de outros acadêmicos e, mesmo no momento em que ocorreram, os atos pró-Cuba não figuraram proeminentemente na maioria dos jornais do período. Porém, em uma minuciosa e muitas vezes árdua pesquisa histórica, as fontes jornalísticas foram reveladoras e significativas para subsidiar este trabalho fornecendo uma nova perspectiva histórica sobre a conturbada conjuntura política que envolveu a imprensa nacional e os governos do Brasil e de Cuba no estado da Guerra Fria.

¹² ANSART, Pierre. *Ideologias, conflitos e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978

¹³ CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

¹⁴ _____. PRADO, Maria L. *O Bravo Matutino*. São Paulo: Editora Alfa-Romeu, 1980.

1. BRASIL, CUBA E GRANDE IMPRENSA NO ESTADO DA GUERRA FRIA.

1.1- A Grande Imprensa no Brasil: Atuação do *Diário Carioca* e do *Última Hora*.

No início da República no Brasil, a ideia que predominava entre as autoridades e os intelectuais da sociedade brasileira era a de modernização. Todo o atraso do escravismo e do sistema monárquico devia ser negado e substituído pelas formas modernizantes provenientes do estrangeiro. Este era também o momento em que a burguesia brasileira começava, ainda de maneira tímida, a influir nos rumos da nação, na qual o poder dos grandes oligarcas era incontestável.

Peça instrumental e termômetro do desenvolvimento burguês, a imprensa no Brasil passava por processos de modernização desde o final do século XIX. O *Jornal do Brasil*, por exemplo, estabelecido em 1891, no Rio de Janeiro, desenvolveu ao longo da década em que foi criado, uma estrutura empresarial destinada a fazer que o periodismo fosse um negócio rentável por longos anos.¹⁵

Logo, na virada do século, os demais jornais nacionais que atuavam nas grandes cidades seguiram rumo parecido e, paulatinamente, abandonaram o formato artesanal e aderiram a industrialização tornando-se essencialmente empresas, de grande ou pequeno porte e, de modo geral, utilizavam-se da lógica empresarial visando abertamente a ampliação de seus lucros.¹⁶

As inovações tecnológicas que chegavam ao Brasil naquele período, também mudaram o panorama da imprensa nacional e a sua relação com o público. Os grandes jornais passaram a se apresentar como símbolos da modernidade, introduzindo novas impressoras, que chegavam a imprimir mais de 10 mil exemplares por hora e novas técnicas que possibilitavam a reprodução de imagens e cores¹⁷, fato de grande relevância, pois permitiu que, mesmo de forma limitada, o público iletrado tivesse acesso as informações por meio das fotografias e gravuras.¹⁸

Era necessário inovar; de forma que os periódicos que pretendiam consolidar sua força, tanto com o público quanto com a política, deveriam implementar constantemente

¹⁵ SODRÉ, Nelson. W. *Op. cit.* p. 257.

¹⁶ *Ibid.* p. 257.

¹⁷ BARBOSA, Marialva. *Op. cit.* p. 22.

¹⁸ *Ibid.* p. 32.

novas tecnologias às suas publicações para aumentar a tiragem, a qualidade e a rapidez na impressão de seus jornais.¹⁹

A introdução das linotipos, que já ocorria desde 1892, além de possibilitar o aumento no número de páginas, permitiu que as informações de última hora pudessem ser acrescentadas aos exemplares em processo de impressão, aumentando uma dinâmica na qual o jornal pudesse noticiar os acontecimentos recentes.²⁰ Além disto, a imprensa buscou a aproximação entre o acontecimento e o público e o telégrafo foi uma inovação fundamental para este objetivo.²¹

O telégrafo símbolo da modernidade no campo jornalístico, permitia que os informes dos mais remotos lugares do país e do mundo pudessem ser veiculados com uma rapidez nunca antes vista e, as informações obtidas por meio das novas tecnologias e publicadas nos jornais como notícias, continham caráter supostamente neutro e meramente informativo, fornecendo suporte para que o meio jornalístico se tornasse um *conformador da realidade e da atualidade*, impulsionando assim, a diferenciação entre as notícias que trariam informações aparentemente isentas e os textos de opinião, predominantes nos jornais até então.²²

Este processo de modernização tecnológica seguiu o compasso do desenvolvimento do espaço urbano, da ascensão da burguesia e do capitalismo no país, com os jornais buscando disponibilizar cada vez mais espaço em suas páginas para os anúncios do Estado e do crescente capital comercial que, durante este momento, configuravam-se como os principais financiadores do periodismo.²³

Com o advento da Grande Guerra Mundial (1914-1918), a industrialização tornou-se ainda mais difusa no Brasil e não foi diferente no setor periodista, no qual o molde capitalista de empresa havia se tornado essencial. As empreitadas jornalísticas feitas de maneira artesanal e por indivíduos não conseguiam mais subsistir dentro das grandes cidades estando fadadas a curtos períodos de circulação. O aumento nas tiragens promovido pelos novos equipamentos gráficos, alterava não somente as relações produtivas e de circulação, como também as interações entre os periódicos e seus anunciantes e a política.²⁴

Se até então era comum para os partidos e figuras políticas fundarem seus próprios periódicos, o aumento da divisão do trabalho na imprensa fez com que a compra da opinião de

¹⁹ Ibid. p 23.

²⁰ Ibid. p. 26.

²¹ Ibid. p. 23.

²² Ibid. p. 24.

²³ SODRÉ, Nelson. W. *Op.cit* p. 278.

²⁴ Ibid. p 355.

um grande noticiário já existente, fosse uma opção mais viável e eficaz para que a classe política pudesse influir ao seu favor utilizando-se do meio jornalístico.²⁵

Já para os grandes jornais, manter estreitas ligações com os governantes do Estado apresentava-se como um caminho à prosperidade, pois uma vez no poder, cabia aos políticos retribuir aos grupos que lhes deram apoio, por meio de isenções de impostos, anúncios estatais, concessão de créditos para a compra de novos maquinários ou inclusive o perdão de dívidas. Estas relações proporcionaram o crescimento de várias empresas e de sua influência sobre um determinado público, e este crescimento estava muitas vezes conectado a um vínculo que as empresas mantinham com o Estado. Tais asserções ficam claras nas palavras de Nelson Werneck Sodré ao se referir sobre as práticas de José do Patrocínio, dono da *Cidade do Rio*, tida como de imprensa artesanal e as do jornal *O País*, de João Lage, que já utilizava práticas empresariais. De acordo com o historiador:

A pequena imprensa exemplificada na *Cidade do Rio*, sem estrutura de empresa, exigia a compra do indivíduo em que o jornal se resumia; a empresa jornalística que é *O País* demanda um paço a frente: é preciso comprar o próprio jornal e de forma estável, institucional por assim dizer. Patrocínio recebia dinheiro; Lage recebe negócios que proporcionam dinheiro - negócios do Estado.²⁶

Neste contexto histórico de mudanças, além do vínculo entre imprensa e governo ocorria a disputa pelo exercício do poder entre as oligarquias cafeeiras de São Paulo e Minas Gerais e as oligarquias dos outros estados brasileiros excluídas do poder Executivo. Com a imprensa já em condições de influir de maneira significativa no cenário político nacional, os governos a partir de Campos Sales (1898-1902)²⁷ não hesitaram em comprar o apoio de pequenas e grandes empresas jornalísticas afim de suprimir as opiniões contrárias a ordem estabelecida. Em contrapartida, esta ação suscitou o surgimento de uma virulenta reação em setores do jornalismo contra esta prática e por consequência, contra o domínio oligárquico paulista e mineiro.

A cidade do Rio de Janeiro enquanto Distrito Federal, configurava-se como um dos mais importantes centros de difusão cultural do país e além de possuir no comércio sua principal característica econômica, apresentava uma oligarquia com mínima influência no exercício do poder pois já não participava ativamente da produção cafeeira, uma vez que o café passou a ser majoritariamente escoado pelo Porto de Santos. Sob estas condições, a capital federal tornou-se um dos locais em que ocorreram fortes e ressoantes embates entre os jornais cooptados pelos governantes da chamada política do Café com Leite e os

²⁵ Ibid. p.275-276.

²⁶ Ibid. p 278.

²⁷ Ibid. p. 277.

oposicionistas. Entre os periódicos que nasceram da contestação do domínio político de São Paulo e Minas destacou-se o *Diário Carioca*.

Fundado em 17 de julho de 1928 pelo jornalista José Eduardo de Macedo Soares²⁸, o *Diário Carioca* iniciou sua circulação com a tiragem diária de 5000 exemplares e desde a sua criação canalizou as preferências políticas de seu fundador, um profundo crítico do então presidente Washington Luís e do sistema político que representava. De acordo com o próprio Macedo Soares, o *DC* objetivava “*servir ao país, traduzindo lealmente seus sentimentos, esclarecendo e interpretando as correntes de opinião, e assumindo com honestidade e firmeza a parcela de responsabilidade que lhe coubesse nas lutas da política brasileira*”, evidenciando assim, o objetivo que seu criador tinha de influir no campo político nacional.²⁹

Quando irrompeu a Revolução de 1930, o periódico apoiou a escolha de Getúlio Dornelles Vargas à liderança do recém formado Governo Provisório, embora meses depois, deixasse de oferecer suporte à Vargas passando a criticá-lo, pois defendia em seus pareceres editoriais a reconstitucionalização imediata do país.³⁰ Por este motivo, o *Diário Carioca* sofreu represálias de militares e civis getulistas. Sua sede foi depredada pelos manifestantes e permaneceu fechada pelo governo por cerca de dois meses. O regresso de sua circulação normal somente ocorreu em 25 de abril de 1932, porém devido ao acúmulo de dívidas, o *DC* em circunstâncias ainda não definidas com exatidão, passou às mãos de Horácio de Carvalho Júnior, embora Macedo Soares continuasse no comando em conjunto com o novo proprietário.³¹

²⁸ Nascido em 1882, José Eduardo de Macedo Soares foi um jornalista, político e oficial da Marinha e ficou conhecido pela alcunha de "o príncipe dos jornalistas brasileiros" pelo seu talento na profissão de periodista. Era também proveniente de uma influente família latifundiária do Rio de Janeiro, com várias ramificações na política. Em 1912, após regressar do serviço militar, fundou o periódico *O Imparcial*, com orientação ideológica das ideias de civilismo de Rui Barbosa, figura pelo qual Macedo Soares nutria profunda afeição. Entre os anos de 1915 e 1924, foi preso três vezes por conta de sua oposição ao governo, deixando o país e regressando somente em 1927. Em seu retorno articulou a criação do *Diário Carioca* (1928) e promoveu aberta crítica ao governo de Washington Luís. Sua história neste momento confunde-se com a do *DC*, uma vez que fez do periódico um veículo para suas crenças políticas baseadas principalmente no liberalismo democrático. Deixou a direção do jornal em 1932, mas continuou delineando a posição política do periódico. Em 1934 foi eleito deputado e em 1935 tornou-se senador. Ao longo de 1937, articulou-se para obter o posto de governador do Rio de Janeiro, porém com o estabelecimento do Estado Novo, teve sua ascensão política barrada por Vargas. Ao final do regime ditatorial em 1945, participou da fundação da UDN, apoiando a candidatura de Eduardo Gomes. Após a morte de Vargas, se aproximou em definitivo do PSD e da candidatura de Juscelino Kubitschek, mas foi gradualmente afastando-se da área política, limitando-se a atuação no *DC*, que também diminuiu em torno do início da década de 1960. Morreu em 1967. PECHMAN, Robert. *José Eduardo de Macedo Soares* (verbete). In: ABREU, Alzira Alves de *et al* (coords.). (b) Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930. Rio de Janeiro: CPDOC, 2015.

²⁹ ABREU, A. A.; CARNEIRO, A. D. (Org.). Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro da Primeira República 1889-1930. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. v. 1. 1400p.

³⁰ SODRÉ, Nelson. *W. Op. cit.* p. 377.

³¹ Horácio de Carvalho Júnior, proveniente de tradicional família fluminense, foi um empresário e grande amigo de Macedo Soares em sua empreitada jornalística no *Diário Carioca*. Após se tornar o proprietário jurídico do

A eclosão da Revolução Constitucionalista de 1932 e a eventual promulgação da Constituição Brasileira de 1934, foram amplamente apoiadas pelo *DC*, e em 1935, com a confirmação da permanência de Vargas no poder, as relações entre o periódico e o recém eleito presidente se estabilizaram. No entanto, com a instituição do Estado Novo em 1937, o *DC*, assim como vários periódicos, foi obrigado a alinhar sua postura a ditadura estadonovista para manter a circulação de seus exemplares, mesmo que repudiasse o novo regime.

Diante de uma implacável censura imposta pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e as benesses que poderiam ser obtidas por meio deste órgão, especialmente em relação aos subsídios para a aquisição do papel jornal (facilitados aos periódicos que se alinhassem ao regime), o *DC* somente conseguiu realizar veladas críticas ao Estado Novo e a Vargas quando estes passaram a perder força política durante o ano de 1945.

O *Diário Carioca* comemorou a deposição de Getúlio Vargas e no editorial assinado por Macedo Soares destacou que "*As Forças Armadas Desempenharam-se de Seus Compromissos de Honra*"³². Ao apontar as classes armadas como o sujeito da ação que pôs fim a ditadura estadonovista o editorial atribuiu representações positivas às suas ações destacando que os militares "*Portaram-se com desprendimento, prudência e patriotismo*"³³. Os mecanismos ideológicos, comentou Pierre Ansart, em seus estudos sobre práticas discursivas, "veiculam simultaneamente modelos de afetos ardentes de identificação e repulsa", ao sujeito da ação deve ser atribuída além de uma identidade coletiva, uma série de valores e afetos positivos, de forma que os atores da ação que se pretende exaltar devem fazer parte de um justo projeto.³⁴ Assim sendo, pode-se perceber que para o *DC* o *justo projeto* era a ação desempenhada pelos militares na deposição de Getúlio Vargas.

Com a eleição presidencial se aproximando, o *DC* apoiou a candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes, representante da União Democrática Nacional (UDN), partido político com o qual o periódico e seu fundador tinham uma maior afinidade ideológica. No mesmo período, engajou-se em uma campanha jornalística de difamação capitaneada por Carlos Lacerda contra Iedo Fiúza, candidato do Partido Comunista do Brasil (PCB), juntamente com a

DC em 1932, atuou pouco na área pois não era jornalista, deixando que seu amigo e sua equipe prosseguisse com o comando do periódico. Horácio possuía trânsito fácil pela política e após a queda da ditadura estadonovista, se aproximou do governo Dutra e do PSD. Com a morte de Vargas se aproximou politicamente de Juscelino Kubitschek, seu amigo de longa data, e com isso o *DC* abandonou de vez o udenismo, para dar todo apoio ao então presidente. No governo de Jânio Quadros, Horácio se desligou do jornal, e o vendeu a Arnon de Melo, mas voltou a comprá-lo em 1965 afim de assegurar os direitos sobre o nome do periódico. COSTA, Cecília. *Op cit.* p.110.

³² DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1945, n.5325, p. 1, Diário

³³ *Ibid.* p. 1

³⁴ ANSART, Pierre. *Op cit.* p.84.

divulgação de diversas críticas a Getúlio Vargas, que foi eleito senador pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).³⁵

Com a ascensão do General Eurico Gaspar Dutra, do Partido Social Democrático (PSD) à presidência em 1946, o jornal passou a apoiá-lo afim de conseguir concessões por parte do Estado, sendo este um dos poucos e curtos períodos em que o *DC* não se opôs a um governo estabelecido. Alguns familiares de Macedo Soares, como seu primo e irmão estavam presentes em cargos importantes na administração Dutra e possivelmente usaram de sua influência para que o periódico apoiasse o então presidente.³⁶

O suporte ao governo foi compensado por vultuosos empréstimos fornecidos pela Caixa Econômica Federal e pelo Banco do Brasil, possibilitando ao periódico a construção de uma nova sede e a compra de equipamentos gráficos de última geração, que visavam tornar o *DC* o maior jornal do Rio de Janeiro.³⁷

Para alcançar este objetivo, o periódico passou por uma enorme reforma gráfica que modernizou a estética de suas páginas e ofereceu aos seus leitores formas pioneiras de expor seu conteúdo, além de introduzir novas técnicas jornalísticas, em sua maioria importadas dos EUA.³⁸ Entre as novidades, estavam o uso do *lead*³⁹, *sublead*⁴⁰ e *book style*⁴¹, juntamente com a utilização de copidesques⁴² na sua redação, sendo o primeiro periódico a apresentar tal estrutura no Brasil. Dentro do quadro de jornalistas precursores destas inovações destacaram-se Danton Jobim⁴³ Pompeu de Sousa⁴⁴ e Luiz Paulistano⁴⁵.

³⁵ LEAL, C. E. C. ; FLAKSMAN, Dora . *Diário Carioca*. *Op. cit.*.

³⁶ COSTA, Cecília. *Op. cit.* p.216-217

³⁷ *Ibid.* p. 235.

³⁸ MACHADO, Izamara Bastos. *A reforma do Diário Carioca na década de 50*. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 1., 2003, Rio de Janeiro p. 3

³⁹ No vocábulo periodista, o *lead* consiste no primeiro parágrafo do texto jornalístico, neste é realizado uma breve apresentação da matéria informando o quê, quem, quando e o local da notícia, buscando oferecer ao leitor um resumo e uma motivação para que continue a leitura do texto. RIBEIRO, A. P. G. . *Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950*. Estudos Históricos - CPDOC/ FGV, Rio de Janeiro, v. 31, p. 147-160, 2003. p 149

⁴⁰ Invenção do jornalismo brasileiro, surgindo pela primeira vez nas páginas do *DC*, o *sublead* corresponde ao um *lead* secundário, no qual se veicula informações adicionais sobre a notícia e servindo também para fazer a ponte entre o *lead* e o restante da matéria. SALES, Felipe Gomes. COSTA, Klenio Veiga da. BATISTA, Renata Lourenço. *Jornalismo Narrativo: eficiência e viabilidade na mídia impressa*. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/costa-klenio-jornalismo-narrativo.pdf>> Acesso em: 12/06/2018. p. 18.

⁴¹ O *book style* ou o manual de redação, como ficou conhecido no Brasil, delimitava regras e instruções para os jornalistas, com o objetivo a padronizar os textos das notícias veiculadas pelos jornais e serviram inicialmente para coibir a liberdade estilística oriunda do campo literário, ajudando na construção da identidade dos periódicos. Com as "Regras de redação do Diário Carioca", elaboradas por Pompeu de Souza, o jornal foi pioneiro na introdução do manual de redação na imprensa nacional. RIBEIRO, A. P. G. *Op. cit.* p. 150.

⁴² Os copidesques ou *copy-desk*, no inglês original, correspondem aos setores que executam a tarefa de revisar as matérias de um jornal tendo em vista a correção da gramática e da ortografia, a clareza e a adequação às normas editoriais. *Ibid.* p 151.

⁴³ Danton Jobim foi um jornalista, político, advogado, professor e escritor brasileiro, nascido em 1906. Como jornalista integrou os jornais *A Noite*, *Diário de São Paulo* e mais notoriamente o *Diário Carioca*, onde

O exemplar do dia 28 de maio de 1950 inaugurou a nova fase do *Diário Carioca*, que estreava com uma edição de 72 páginas e sete seções, sendo uma dedicada somente aos anúncios. Além disso, trazia dois cadernos inteiros em cores como o *Carioquinha*, voltado às crianças e a *Revista do DC*, criada para as mulheres⁴⁶. Em decorrência desta reforma gráfica e técnica, em 1951, o jornal chegou a ter uma tiragem 45 mil de exemplares diários e de 70 mil aos domingos.⁴⁷

Apesar da abrangência de suas novas seções e de se declarar um "jornal para todos", o *Diário Carioca*, manteve seu consumo entre as classes médias e altas⁴⁸, fato que o tornou influente, porém o impossibilitou de atingir um crescimento maior durante este período. Os ventos, em conjunto com as avultosas verbas estatais, pareciam conduzir o jornal de Macedo Soares ao seu desejado objetivo, entretanto a tempestade logo se abateu sobre o periódico.

O primeiro golpe veio logo ao final de 1950, com a crise internacional do papel, que encareceu a importação deste produto e obrigou o jornal a reduzir para 12 o número de páginas em sua edição diária. Foi neste período, e por conta desta redução, que surgiu o lema "O máximo de jornal no mínimo de espaço", que se tornou o *slogan* utilizado até o último ano de circulação do periódico.

trabalhou de 1933 a 1965, assumindo as funções de redator político, redator chefe, articulista, editorialista e diretor de redação. Foi membro ativo do então chamado Partido Comunista do Brasil, representando-o em diversos eventos, mas em 1934 rompeu com a instituição. Em 1937, inicialmente apoiou o Estado Novo, mas logo se opôs ao regime. Com a redemocratização de 1945, se filiou ao Partido Republicano, que formava ocasionais coligações com a UDN e com o PSD. Durante o final da década de 1950 e início da de 1960 se tornou a figura preponderante no *Diário Carioca*, tendo em vista o gradual afastamento de Macedo Soares do periódico. Em meados de 1962 se tornou proprietário do jornal, posto que ocupou até o Golpe de 1964, ao qual se opôs. Durante a ditadura se tornou senador pelo Movimento Democrático Brasileiro ocupando a cadeira no senado entre 1971 e 1978, ano de seu falecimento de causas supostamente naturais, que foram questionadas por familiares, tendo em vista a oposição explícita que Danton Jobim fazia aos militares. Notabilizou-se também pela produção acadêmica e teórica para o campo do jornalismo. AVANZA, Marcia Furtado. *Danton Jobim, o mediador de duas culturas: por uma pedagogia do jornalismo*. Tese de doutorado apresentada à Escola de Comunicação e Artes da USP. São Paulo: 2007. 61-74.

⁴⁴ Roberto Pompeu de Sousa Brasil, foi cofundador do *DC* e exerceu grande influência na política nacional, por ser um dos fundadores da UDN e do Partido Socialista Brasileiro (PSB) e assumindo um mandato de senador entre 1987 e 1991, pelo PMDB. No *Diário Carioca* atuou como redator e foi um dos preconizadores das inovações técnicas introduzidas no início da década de 1950 neste periódico, entre elas o *lide* e o manual de redação. Pompeu também trabalhou na revista *Veja* em Brasília e fundou na UnB o primeiro curso de Comunicação em Massa do Brasil. Faleceu em 1991. BARS MENDEZ, Rosemary. *Pompeu de Souza: o jornalista que transformou o jornalismo*. In: Terceiro Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2005, Novo Hamburgo. Rede Alfredo de Carvalho, 2005. v. 01. p. 12-17

⁴⁵ O goiano Luiz Paulistano foi um proeminente jornalista, a quem é atribuída a criação do *sublead*. Trabalhou em diversos jornais do Rio de Janeiro, entre os quais *O Jornal*, *A Manchete* e *Jornal do Comercio* além do *Diário Carioca*, contribuindo significativamente para a modernização dos dois últimos. Morreu com 47 anos, vítima de um acidente de helicóptero em 1961. FARIA, T.; LAGE., N.; RODRIGUES, S. *Diário Carioca: o primeiro degrau para a modernidade*. *Estudos em jornalismo e mídia*, Florianópolis: Insular, v.1. n. °1., 2004. 9. p. 139.

⁴⁶ A revista incluía a cobertura de assuntos como o cinema, acontecimentos sociais, oferecendo também a previsão do horóscopo e passatempos e literatura voltada ao público feminino.

⁴⁷ SODRÉ, Nelson. W. *Op. cit.* p. 395.

⁴⁸ COSTA, Cecília. *Op. cit.* p. 10.

Nas eleições de 1950, o *Diário Carioca* em conjunto com a maioria dos representantes da Grande Imprensa, intensificou sua campanha contra a imagem de Getúlio Vargas e de sua candidatura à presidência. O *DC* buscou impulsionar as chapas eleitorais de Cristiano Machado do PSD e a de Eduardo Gomes da UDN, porém sem sucesso, pois Vargas derrotou nas urnas os dois candidatos e assumiu o governo em 1951, para o desgosto da maior parte das grandes empresas de jornais do Brasil.

Cabe lembrar que Getúlio Vargas, após a queda do Estado Novo em 1945, foi amplamente antagonizado pela grande imprensa nacional e o *DC* não fugiu a esta regra. Os anos de repressão e censura estadonovistas, somados ao reflorescimento da ideologia liberal, dificultavam para Vargas a obtenção de apoio por meio da grande imprensa. Esta por sua vez, pedia majoritariamente ao liberalismo e fazia forte oposição ao trabalhismo e ao nacionalismo varguista, agora mais voltado em atrair as classes populares.

No entanto, Getúlio Vargas e suas propostas políticas não ficaram completamente desamparadas no meio jornalístico, pois em 12 de junho de 1951 nascia o vespertino *Última Hora*, criado no Rio de Janeiro por Samuel Wainer⁴⁹. Concebido com o objetivo de apoiar o então presidente e divulgar as campanhas de cunho nacional-desenvolvimentista que sua administração lançava como por exemplo "O Petróleo é Nosso", o *UH* tinha como missão ser um bastião do getulismo dentro da imprensa nacional e tornar-se atrativo para os leitores da classe média e sobretudo da classe trabalhadora.⁵⁰

Para conquistar o sucesso nesta finalidade o *UH*, enfatizava temas populares como o esporte e os casos criminais por meio de *faits divers*⁵¹, ademais, dava voz a movimentos

⁴⁹ Samuel Wainer nasceu em 1910 e imigrou da Bessarábia com seus pais quando tinha apenas dois anos, porém sua verdadeira nacionalidade só seria conhecida depois de sua morte. Quando adulto tornou-se jornalista, fundando a revista *Diretrizes* em 1938. Após o trabalho nesta publicação, integrou o quadro de jornalistas dos *Diários Associados* e em 1949 recebeu o desígnio de entrevistar Getúlio Vargas em seu retiro em São Borja-RS. Este episódio forjou uma amizade entre as duas personalidades e quando Vargas chegou novamente a presidência em 1951, contando com o antagonismo da grande imprensa, afim de contrabalancear esta oposição, Samuel Wainer recebeu o suporte governamental para criar seu próprio periódico, o *Última Hora*, de apoio a Vargas e ao PTB. Tal ação deu início a grande rivalidade com Carlos Lacerda e o *Tribuna da Imprensa*, que percorreria todo o período em que o *UH* foi relevante como voz do trabalhismo. Com a morte de Vargas e a subsequente tomada do poder pelos seus opositores, Wainer foi preso em 1955 por se opor ao governo estabelecido. Na sequência, apoiou Juscelino Kubitschek e a construção de Brasília, o que rendeu a Wainer e ao *UH* um período de bonança, que perdurou até o golpe civil-militar de 1964. Mirado pela ditadura, exilou-se na França, mas regressou em 1967 para reassumir o comando do *UH*. Em 1971, afundado em dívidas, Wainer optou pela venda do periódico, encerrando sua carreira jornalística na *Folha de São Paulo* até a sua morte em 1980. LEMOS, R. *Samuel Wainer*. IN: ABREU, A. A. de (org.) (a). *Op. cit.*, p. 6107

⁵⁰ PEROSA, Lílian M. F. de Lima, ZANELLI, Maria Lúcia. *Op. cit.* p.14-15.

⁵¹ De origem francesa, a expressão *faits divers* no jargão jornalístico, corresponde as notícias ligadas ao cotidiano, como, por exemplo, os crimes e os acidentes, podendo também ser pequenas histórias de caráter fantástico, pitoresco e que eram exploradas de forma sensacionalista e apelativa pelo *UH*. Esse tipo de notícia era uma das razões do sucesso do periódico. GODOY, Alexandre Pianelli. *Ver para crer: Na Última Hora. Histórica* (São Paulo. Online) , v. 1, p. 01-09, 2008

sindicais e as mais variadas reivindicações populares, com matérias investigativas a respeito de denúncias feitas diretamente por seus leitores.

Em seu trabalho sobre o *Última Hora*, a historiadora Carla Siqueira demonstra um exemplo do papel de *defensor do povo* que o periódico pretendeu exercer em sua edição inicial, na qual estampou o anúncio de que urnas seriam instaladas em diferentes pontos da cidade, afim de recolher as reivindicações e reclamações da população, para serem publicadas na seção "*Fala o Povo na UH*". Além disso, o *UH* propôs a instalar *tribunais do povo* para realizar julgamentos relacionados aos abusos dos preços cobrados nos estabelecimentos comerciais.⁵² É possível afirmar então que o noticiário de Samuel Wainer, desde sua primeira edição, foi desenvolvido de forma com que a linguagem utilizada fosse familiar à classe trabalhadora, e neste ponto se diferenciava do *Diário Carioca* e dos demais grandes jornais da Grande Imprensa.

Assim como o *DC*, o *Última Hora* demonstrava arrojadas inovações em suas páginas e se destacava em seus pontos de venda por conta de sua logomarca azul.⁵³ Outros exemplos de suas marcantes características eram a exibição de capas repletas de fotografias e desenhos coloridos, (algo extremamente inovador para o período) e o uso de charges, da linguagem informal e de recursos humorísticos também eram comuns e consistiam na tática utilizada para atrair o leitor proletário.⁵⁴

Para a instalação do maquinário que possibilitava as inovações técnicas, o *UH* necessitava de uma grande sede que pudesse dar lugar as modernas prensas, e este local foi justamente o recém construído prédio do *Diário Carioca* que, por sua vez, apresentava-se atolado em dívidas e obtinha com a vitória de Vargas um prognóstico pessimista em relação ao seu futuro, de forma que Horácio de Carvalho, o então proprietário, vendeu a Samuel Wainer o espaço que sediaría o *Última Hora*⁵⁵.

As inovações técnicas, uma sólida estrutura empresarial, (que contava com um quadro de jornalistas e profissionais renomados e mais bem pagos do mercado) somadas a orientação mais popular do *Última Hora* logo caíram no gosto dos leitores, possibilitando a rápida expansão do periódico. O *UH* tornou-se para alguns estudiosos, "um produto combinado" pois apresentava "simultaneamente características de um jornal de causa, como

⁵² SIQUEIRA, Carla. V. *Op. cit.* p. 55.

⁵³ PEROSA, Lílian M. F. de Lima, ZANELLI, Maria Lúcia. *Op. cit.* p.5.

⁵⁴ MELO, W. F.; Macedo, R. G.. O periódico Última Hora e a sua relevância na história da mídia impressa brasileira. In: *VI Congresso Nacional de História da Mídia. 200 anos de mídia no Brasil. Historiografia e tendências*, 2008, Niterói - RJ. VI Congresso Nacional de História da Mídia. 200 anos de mídia no Brasil. Historiografia e tendências. Niterói - RJ: EdUFF, 2008. p.7-8.

⁵⁵ COSTA, Cecília. *Op. cit.* p.264.

os pasquins do século XIX, e de um produto industrialmente avançado para a época".⁵⁶ Ao trabalhar, por um lado, técnicas inspiradas nos modelos getulistas para seduzir os leitores e por outro lado uma administração racionalizada e lucrativa, o *UH*, para Lilian de Lima Perosa e Maria Lucia Zanelli :

No contexto de um capitalismo incipiente, movimentava-se em direção a um capitalismo avançado, aproveitando-lhe os recursos inovadores nas áreas gráfica e editorial e, assim, antecipando no tempo a modernização da imprensa brasileira.⁵⁷

Desde o ano de sua criação, já vislumbrado como um dos grandes jornais do Rio de Janeiro, passou a ser editado também em São Paulo a partir de 1952. Três anos depois, devido a sua aceitação pelo público, inaugurou sua edição matutina articulando-a a *Rede Nacional de Última Hora*, responsável pela publicação de uma terceira edição nacional, que seria complementada localmente com notícias de Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife, Niterói, Curitiba, Campinas, Santos, Bauru e do ABC Paulista⁵⁸.

Cabe ressaltar que, para a criação e expansão de seu jornal, Samuel Wainer contou com generosos créditos dos bancos estatais. Estes incentivos governamentais somados ao rápido crescimento do *UH* tornaram-se motivo de polêmica e de especulação nos jornais antivarguistas como o *Tribuna da Imprensa*, *Diário Carioca*, *Diários Associados* e *O Globo*, que por sua vez, iniciaram uma campanha difamatória contra o *Última hora* e seu fundador.

Um dos questionamentos levantados por este grupo, estava relacionado aos empréstimos estatais concedidos à Samuel Wainer e as irregularidades existentes dado ao favoritismo do governo em prol do *Última Hora*. Isto posto, os jornais opositores passaram a divulgar matérias que exaltaram a indignação pelo uso do dinheiro público para o financiamento do *UH*, de forma que os anos de 1953 e 1954 foram marcados por esta campanha difamatória, que em conjunto com outras ações, visava principalmente atingir e debilitar a figura de Getúlio Vargas com o objetivo de derrubá-lo da presidência.⁵⁹

As acusações geraram várias polêmicas e o próprio Samuel Wainer afim de provar sua inocência, pediu ao presidente que fosse instaurada uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), para investigar as possíveis irregularidades nos financiamentos das empresas jornalísticas.⁶⁰

Não satisfeita, a oposição continuou com as acusações. No dia 10 de junho de 1953 o *Diário Carioca* exemplificou a tensão que persistia por meio da reportagem "As provas do

⁵⁶ PEROSA, Lílian M. F. de Lima, ZANELLI, Maria Lúcia. *Op. cit.* p.13

⁵⁷ *Ibid.* p.13.

⁵⁸ LEAL, C. E. C. ; FLAKSMAN, Dora . *Última Hora. Op. cit.*

⁵⁹ *Ibid.*

⁶⁰ *Ibid.*

Escândalo" na qual sintetizou os comentários de Carlos Lacerda perante a CPI, sobretudo quando o jornalista citou que ocorria uma "terrível pressão contra a livre imprensa visando sua capitulação" e alegou que o "instrumento desta pressão é um jornal oficioso, financiado com dinheiro do Banco do Brasil, a serviço da corrupção geral".⁶¹

Entendendo por ideologia "o sistema de pensamentos, crenças e normas que participa constantemente da regulamentação social e que em ampla medida se reproduz inconscientemente em cada um de nós"⁶² Pierre Ansart considera que a linguagem ideológica objetiva "denunciar o mal social e a torpeza de tudo que a ele conduz".⁶³ Nesse sentido, pode-se inferir que o *DC*, ao acusar o periódico de Samuel Wainer associava ao *UH* um *mal social* por gerar "uma terrível pressão" à livre imprensa. Lacerda em suas contundentes críticas prosseguiu seu pronunciamento ressaltando que se tratava, de um assunto moral seguido por fim de um "*aspecto político que diz respeito não a qualquer partido, mas ao próprio bem público*"⁶⁴ apontando outra característica dos discursos ideológicos que objetivavam "*enunciar os valores dignos de serem amados e procurados*"⁶⁵ neste caso específico, a moral e o bem público.

Contudo, a CPI ao analisar os subsídios dos bancos estatais às empresas jornalísticas, constatou que os periódicos que moviam a campanha contra o *UH*, também se beneficiaram com os empréstimos dos bancos do Estado além de contarem com enormes dívidas perante a União, muito maiores que as do *Última Hora*.⁶⁶

Outra polêmica levantada contra o *UH*, estava relacionada a nacionalidade de Samuel Wainer, natural da região da Bessarábia, atual Moldávia. Esta situação entrava em contradição com o Artigo 160 da Constituição de 1946, que proibia a propriedade de empresas de comunicação por parte de estrangeiros, reiterando que o controle político-ideológico das mesmas deveria ficar a cargo somente de brasileiros⁶⁷, embora, como será discutido no decorrer deste trabalho, a lei não impedisse que a infiltração estrangeira ocorresse por meio de outros mecanismos.

A CPI concluiu sua investigação após cinco meses de trabalhos destacando que não havia provas suficientes contra o *Última Hora* e o governo na acusação de favoritismo, pois os grandes empréstimos feitos às empresas jornalísticas pelos bancos estatais eram práticas

⁶¹ DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 10 de junho de 1953, n. 7644, p. 1, Diário

⁶² ANSART, P. *Op. cit.* p. 47.

⁶³ *Ibid.* p. 215

⁶⁴ DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 10 de junho de 1953, n. 7644, p. 1, Diário.

⁶⁵ ANSART, P. *Op. cit.* p. 215.

⁶⁶ SODRÉ, Nelson. W. *Op. cit.* p.401-402.

⁶⁷ MELO, W. F. ; Macedo, R. G. *Op. cit.* p. 6.

usuais⁶⁸. Porém, o parecer não diminuiu o grande mal-estar gerado à administração Vargas e as críticas ao presidente e seus apoiadores continuaram até o trágico final de seu mandato em agosto de 1954.

Por trás das acusações contra o *UH* e seu fundador, havia além do ataque à imagem de Vargas, a discussão sobre o monopólio da exploração do petróleo pelo Estado brasileiro e a possibilidade lançada pelo presidente de limitar as remessas de lucro das multinacionais para suas matrizes no exterior⁶⁹. Estas ações contrariavam seriamente os interesses estrangeiros, especialmente os de Washington, em um momento no qual a discordância com estas forças poderia ser facilmente caracterizada como uma posição anti-estadunidense e, portanto, alinhada ao comunismo soviético. Os grupos empresariais estrangeiros também contavam com a ajuda de componentes das elites nacionais brasileiras, que tinham interesses entrelaçados a estes grupos externos.

Logo, visando influenciar a opinião pública contra o nacionalismo varguista, este meio empresarial utilizou seu poder econômico para cooptar vários setores da imprensa nacional e direcioná-los conforme seus objetivos⁷⁰. Para compreender como ocorreu esta cooptação, buscar-se-á discutir, mesmo parcialmente, as transformações que ocorreram na imprensa brasileira a partir da década de 1950.

Uma das mais significativas mudanças foi o desaparecimento quase que total do periodismo de pequeno e médio porte nas grandes cidades. Este tipo de imprensa não apresentava mais as mínimas condições de concorrência com os grandes jornais que, durante este momento, passaram a obter ainda mais recursos e condições para oferecer suas publicações a um custo cada vez menor, graças às mais avançadas máquinas que proporcionavam um volumoso aumento nas tiragens além do grande espaço de publicidade que podiam oferecer. Desta maneira, os pequenos e médios periódicos que resistiam, vislumbraram somente dois destinos: a eventual falência ou a sua compra por um grande grupo jornalístico. Dentro deste quadro é possível afirmar que o processo de monopolização da imprensa nacional se consolidava.⁷¹

Outra alteração se deu em relação aos meios de financiamento das empresas jornalísticas, pois os periódicos que angariavam seus fundos majoritariamente por meio do patrocínio do Estado e de anúncios publicados nos classificados pelos comércios locais, a partir da década de 1950, com a industrialização promovida durante os governos de Getúlio

⁶⁸ LEAL, C. E. C. ; FLAKSMAN, Dora . *Última Hora. Op. cit.*

⁶⁹ SODRÉ, Nelson. W. *Op. cit.* p.404.

⁷⁰ *Ibid.* p.405.

⁷¹ *Ibid.* p.388-389.

Vargas e de Juscelino Kubitschek, passaram a receber investimentos majoritários em publicidade das indústrias multinacionais recém instaladas no Brasil. Apesar disto, as empresas jornalísticas, por volta da década de 1960, ainda dependiam do poder público, por conta não só de possíveis isenções de impostos, créditos dos bancos nacionais e publicidade governamental, mas também porque era o Estado que regulava as cotas de papel, a matéria prima do jornal, em sua maioria importada do exterior.⁷²

O início da década de 1950 marcou também uma transição estilística e técnica do jornalismo nacional, como a já mencionada reforma promovida pelo *Diário Carioca* e as inovações apresentadas na criação do *Última Hora*, de forma que estas novidades logo foram adotadas pelos demais periódicos, mais notoriamente o *Jornal do Brasil* em 1957⁷³.

O estilo francês de periodismo, que consistia em uma forma mais subjetiva, literata e opinativa de transmissão de notícias e que era até aquele momento adotado majoritariamente no Brasil, cedeu lugar ao modelo estadunidense de jornalismo, no qual predominava a objetividade dos textos e a pouca reflexão sobre os fatos políticos⁷⁴. No entanto, em relação a estas mudanças Marialva Barbosa afirmou que naquele momento se procurava construir era

"a autonomização do campo jornalístico em relação ao literário, fundamental para a autoconstrução da legitimidade da própria profissão. Assim, as reformas dos jornais na década de 1950 devem ser lidas como momento de construção, pelos próprios profissionais, do marco fundador de um jornalismo que se fazia moderno e permeado por uma neutralidade fundamental para espelhar o mundo."⁷⁵

Além disto, a mítica da objetividade, difundida pelas regras redacionais e editoriais, foi fundamental para que o campo jornalístico pudesse se auto-afirmar como a "única atividade capaz de decifrar o mundo para o leitor".⁷⁶

A partir destas colocações, pode-se perceber que o processo de modernização fez parte de um discurso produzido pelos próprios jornalistas, que procuravam autonomizar sua profissão frente ao campo literário, uma vez que o jornalismo buscava ser um reflexo fidedigno da realidade. Este pensamento ia de encontro com as formas modernizantes provenientes do estrangeiro, fruto de um contexto que se delineou ao final do século XIX.⁷⁷

Apesar disto, mesmo com o estilo jornalístico proveniente dos EUA ganhando espaço na imprensa nacional, havia restrições a este processo e especificidades características

⁷² ABREU, A. A. *A Modernização da Imprensa* (1970 - 2000). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002. p. 8-12

⁷³ MACHADO, Izamara Bastos. *Op. cit.* p. 3.

⁷⁴ AVANZA, Marcia Furtado. *Op. cit.* p. 32.

⁷⁵ BARBOSA, Marialva. *Op. cit.* p. 150.

⁷⁶ *Ibid.* p. 150

⁷⁷ *Ibid.* p. 158.

dos jornais nacionais que permeavam estas modernizações. O *Última Hora*, apesar de incorporar diversas técnicas consideradas modernas na época, caminhava na contramão desta onda modernizante quando enfatizou as colunas de opinião e literatura na composição do jornal, e com contava importantes cronistas, a exemplo de Nelson Rodrigues e Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta).⁷⁸

Por sua vez, o *Diário Carioca*, tido por vários estudiosos como representante da vanguarda da modernização do jornalismo brasileiro e grande importador das tendências estadunidenses, deixava claro que era um veículo não só de informação, mas também de causa (remetendo a uma característica presente na imprensa brasileira desde o século XIX), evidenciando a sua postura liberal e as suas preferências partidárias, por meio do espaço de destaque que as colunas de opinião, principalmente de Macedo Soares e Danton Jobim possuíam no jornal.⁷⁹

Outro ponto que se pode destacar sobre transformações na imprensa durante os anos 1950, foi o fato de que os jornais brasileiros por vezes se apropriaram das inovações técnicas e dos atributos importados do exterior. Com isto, os periódicos nacionais visavam promover mudanças que lhes ajudassem a servir mais eficazmente aos seus interesses políticos e econômicos, pois no Brasil ainda não era possível uma dissociação entre política e imprensa, de forma que as empresas jornalísticas estavam ainda longe de dependerem somente de publicidade para sobreviver, como era o caso dos periódicos dos países capitalistas avançados.⁸⁰

Neste contexto de transformações técnicas, o anúncio também passou por mutações, uma vez que com o aumento no número de multinacionais e empresas que ofertavam as mais variadas mercadorias, surgiu também a necessidade de especialização para propagandear e vender estes produtos de maneira mais efetiva. Para atender a estas demandas, as agências de publicidade expandiram substancialmente sua atuação no país, agindo de modo a intermediar a relação entre a sua clientela de empresas e os jornais em que se pretendia divulgar os anúncios comerciais⁸¹.

O *marketing* especializado era um campo novo no Brasil e um marco histórico para esta área no país, foi a chegada da missão estadunidense oriunda da Michigan State University (MSU), que criou a Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas,

⁷⁸ PEROSA, Lílían M. F. de Lima, ZANELLI, Maria Lúcia *Op. cit.* p.13.

⁷⁹ COSTA, Cecília. *Op. cit.* p.10-11.

⁸⁰ RIBEIRO, A. P. G. . *Op. cit.* p. 155-157.

⁸¹ CASTILHO, Marcio de Souza . *A presença da Esso na imprensa brasileira*. In: VI Congresso Nacional de História da Mídia, 2008, Niterói. 200 anos de mídia no Brasil - Historiografia e tendências, 2008. p.4.

dando início a sua primeira turma de graduação em 1955 e contendo em seu quadro docente o professor de *marketing* Ole Johnson⁸².

Importa aqui lembrar que, os meios de comunicação eram proibidos pela Constituição de terem seu controle exercido por parte de estrangeiros, mas a considerável entrada de grupos empresariais internacionais no Brasil e seu subsequente investimento em propaganda por meio das agências de publicidade, permitiu a estes grupos adquirirem uma significativa influência dentro da imprensa nacional.

Os altos valores da publicidade proveniente das grandes empresas eram sedutores e possibilitaram que vários os grupos jornalísticos adotassem posições políticas em prol de seus patrocinadores, mesmo que estas fossem essencialmente antinacionais⁸³ como pode-se perceber nos exemplos a seguir.

Dados apurados, mas nunca divulgados por uma CPI de 1957, que investigava as agências de propaganda e o seu controle por parte de elementos estrangeiros, demonstram que houve durante os anos de 1953-54 um significativo aumento no volume de publicidade de empresas petroleiras estrangeiras como a *Esso Standard do Brasil e da Shell* para os mais variados meios de comunicação, ao mesmo tempo em que a campanha contra a Petrobrás e a Vargas chegavam ao seu ápice.⁸⁴

Outro exemplo de controle estrangeiro na imprensa brasileira foi gerado pelas agências internacionais de notícias, que forneciam um conteúdo carregado de conotações ideológicas e políticas próprias do noticiário internacional para quase todos os grandes jornais brasileiros, entre eles o *Diário Carioca* e o *Última Hora*.

Tal ação ocorria por diversos motivos, como por exemplo, a incapacidade de os jornais brasileiros de cooperarem entre si e com o Estado para a formação de uma agência de notícias nacional, devido ao temor que o governo interferisse no conteúdo das informações. Outro motivo era o serviço telegráfico nacional, que não atendia as demandas de tal empreitada, salvo houvesse um grande investimento em sua melhoria.⁸⁵

O que restava era o apelo as agências internacionais como a francesa *France Presse* (*FP*), que atuava no país desde o final do século XIX, quando ainda se chamava *Havas*, e as estadunidenses *Associated Press* (*AP*) e *United Press International* (*UPI*), que desde a década

⁸² MUNHOZ, Aylza M. *Pensamento em Marketing no Brasil: um estudo exploratório*. São Paulo, 1982. Tese(Doutorado em Administração) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas. In: Falcão, R., F. (2014). *O Marketing no Brasil: Sua História e Evolução*. 374 f. Tese (Mestre em Ciências). Departamento de Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade. Universidade de São Paulo. p. 36.

⁸³ SODRÉ, Nelson. W. *Op. cit.* p.398

⁸⁴ *Ibid.* p. 403.

⁸⁵ *Ibid.* p.415-416.

de 1920 prestavam serviços aos periódicos nacionais. A imprensa dos EUA além de ser alimentada por estas agências, mantinha em cooperativa um serviço chamado *Press Wireless*, que transmitia informações via rádio, o que em muito barateava o serviço oferecido aos jornais brasileiros. A barganha neste caso deixava a imprensa nacional totalmente dependente dos serviços estrangeiros, algo que ficava evidente pois as notícias advindas das agências internacionais por vezes expressavam visões contrastantes com os pressupostos ideológicos e as suas características editoriais do jornal brasileiro em que eram veiculadas.⁸⁶

Um segundo exemplo da ação das agências foi o boicote publicitário ao *Última Hora* após o suicídio de Getúlio Vargas, que obrigou a diminuição das tiragens do periódico a um total de 12 mil exemplares, logo após ter vendido 700 mil em decorrência da morte do presidente. Esta ação debilitou seriamente o *UH* e exemplifica o tipo de controle que a força estrangeira poderia utilizar para suprimir qualquer instituição jornalística de maior porte que fosse contra os seus interesses.⁸⁷

Cabe aqui destacar que, além do suicídio de Vargas, o Atentado da Rua Tonelero que antecedeu o trágico fim do então presidente, foram responsáveis por importantes momentos na história tanto do *Última Hora* quanto do *Diário Carioca*. O *DC* foi o primeiro a noticiar a morte do major Rubens Vaz e o ferimento de Carlos Lacerda no atentado, clamando enfaticamente, com o coro reforçado pelo resto da grande imprensa, que o governo federal fora o responsável pelo ocorrido⁸⁸.

O jornal de Macedo Soares atuou ativamente no inquérito que investigou o atentado, e no dia 8 de agosto de 1954, publicou em sua primeira página um manifesto em nome do Clube dos Diretores e Principais Redatores de Jornais do Rio de Janeiro, exigindo que um representante da imprensa acompanhasse a investigação. A exigência foi aceita e o escolhido foi Pompeu de Sousa, que se tornou o jornalista adjunto dos militares da intitulada 'República do Galeão'⁸⁹, órgão responsável por averiguar as várias denúncias que surgiram contra Vargas em decorrência da repercussão do atentado.⁹⁰

⁸⁶ Ibid. p. 415-416. Cabe ressaltar que a visão de Sodré de que a imprensa estaria quase que completamente subjugada pelos interesses estrangeiros, encontrou críticos que discordam desta opinião de forma inteira ou parcial, e apontam que ela é resultado do viés marxista do autor. A versão liberal que se opõe a Sodré, percebeu uma característica positiva no fato de as empresas jornalísticas não mais necessitarem tão decisivamente do Estado para sua sobrevivência, afirmando que a maior parcela de receitas provenientes dos anúncios das multinacionais garantiu mais autonomia para os periódicos. CASTILHO, Marcio de Souza *Op. cit.* p. 4

⁸⁷ LEAL, C. E. C. ; FLAKSMAN, Dora . *Última Hora. Op. cit.*

⁸⁸ COSTA, Cecília. *Op. cit.* p.272.

⁸⁹ Nome atribuído a Base Aérea do Galeão, por conta da investigação independente realizada pelos militares desta localidade no caso da morte do major-aviador Rubens Vaz.

⁹⁰ FARIA, T.; LAGE., N.; RODRIGUES, S. *Op. cit.* p. 136.

Já o *UH*, após a morte de Vargas, recebeu de João Goulart a polêmica Carta Testamento e a estampou em edição especial no dia 24 de agosto com a famosa manchete "*Matou-se Vargas!*"⁹¹, dedicando a edição à vida do presidente falecido, obtendo assim, recorde de vendas⁹².

Após os dramáticos acontecimentos ocorreu uma violenta reação popular contra os opositores de Vargas, oposição que incluía boa parte da imprensa, sendo o *Última Hora* uma das poucas empresas que não enfrentou a ira da multidão. Depois deste conturbado momento o que se seguiu foi a ascensão do vice presidente Café Filho (de orientação liberal e íntimas relações com a UDN), à presidência da República, conquistando entre seus apoiadores o *Diário Carioca* que se aproximou brevemente do governo recém instituído.

Para o *UH*, no entanto, o governo de Café Filho representou uma séria crise para o periódico⁹³, que enfrentou além do boicote publicitário, como já exposto anteriormente, a falta de apoio governamental, fator essencial para a manutenção de uma empresa jornalística de grande porte no país.

Porém, uma reviravolta ocorreu quando nas eleições presidenciais de 1955, tanto o *Última Hora* quanto o *Diário Carioca* apoiaram a chapa PSD-PTB composta por Juscelino Kubistchek e João Goulart, ambos considerados herdeiros políticos de Getúlio Vargas. O apoio do *DC* a tais personalidades políticas se deu principalmente pela proximidade que Horácio de Carvalho possuía com o PSD desde a administração Dutra e, sobretudo, pela amizade com Juscelino Kubitscheck que permitiu que o jornal abandonasse por completo a sua postura favorável a UDN.

O caminho para a vitória definitiva de JK e Jango foi árduo pois as forças conservadoras, nos meses anteriores as eleições, se articularam para impedir que figuras ligadas a Vargas tomassem o poder. O episódio mais significativo desta articulação foi a publicação da Carta Brandi pelos jornais *Tribuna da Imprensa* e *O Globo*, que denunciava um suposto pacto entre o então presidente argentino Juan Perón e João Goulart para a instalação de uma república social-sindicalista no Brasil.

Este significativo episódio repercutiu na imprensa de maneira polêmica e o editorial redigido por J. E. Macedo Soares denominado "*Tartamudo e Tagarela*" serve de exemplo desta repercussão. Neste texto, o fundador do *DC* referiu-se a carta "falsa" como um "*indigno*

⁹¹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1954, n. 979, p. 1, Diário

⁹² LEAL, C. E. C. ; FLAKSMAN, Dora . *Última Hora. Op. cit.*

⁹³ Ibid.

*instrumento da insídia udenista*⁹⁴, apontando que João Goulart, por mais próximo que fosse à Getúlio Vargas, jamais conseguiria implementar um regime totalitário no país como a falsa carta insinuava concluindo que tal acusação era "*uma balela idiota*"⁹⁵. É perceptível pelo tom crítico de Macedo Soares que o antigo alinhamento a UDN, já não estava mais em vigência e o apoio a JK e sua chapa se tornava naquele momento a sua nova orientação.

As pretensões golpistas da ala governista conservadora seriam destruídas por conta do Movimento de 11 de Novembro de 1955, liderado pelo General Henrique Teixeira Lott, que objetivava além de evitar um golpe conservador, assegurar a legalidade proposta pela Constituição que garantia a posse do recém eleito presidente e seu vice. A reação a este movimento por parte do DC e do UH foi de total apoio, como pode ser percebido no editorial de Danton Jobim intitulado "*A lição que demos ao mundo*"⁹⁶ em que se refere de forma positiva as ações de Lott. Já o UH estampou em sua manchete "*Os Canhões da Legalidade Livraram a Nação do Caos*"⁹⁷ referindo-se também ao Movimento de 11 de Novembro, e prosseguiu no texto adjunto a manchete: "*A Consciência Jurídica do País Apoiou Unanimemente o Movimento Armado Visando Recolocar o País Sob a Égide da Lei e do Direito*"⁹⁸.

Se nas questões políticas a administração de Kubitschek obteve o apoio do DC e do UH, no que diz respeito a prosperidade empresarial os periódicos se afastaram. O jornal de Samuel Wainer recuperou boa parte do apoio governamental que conquistou durante o governo Vargas e expandiu suas edições para várias cidades brasileiras. O periódico também adquiriu significativo apoio de vários empresários do setor da construção civil, tendo em vista o incentivo irrestrito que concedeu a criação de Brasília.⁹⁹ Dessa forma ao final do mandato de Juscelino, o UH contava com 1500 funcionários em suas várias edições espalhadas pelo país, além de tiragem diária de 350 mil exemplares.¹⁰⁰

Por outro lado, o *Diário Carioca* entrava em decadência por vários motivos, como por exemplo, a falta de envolvimento da diretoria do jornal. Horácio de Carvalho Júnior que possuía ligações muito próximas com o governo, utilizou suas conexões para favorecer seus

⁹⁴ DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1955, n. 8342, p. 1, Diário

⁹⁵ Ibid.

⁹⁶ DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1955, n. 8384, p. 1, Diário

⁹⁷ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1955, n. 1347, p. 1, Diário

⁹⁸ Ibid.

⁹⁹ PEROSA, Lílian M. F. de Lima, ZANELLI, Maria Lúcia *Op. cit.* p. 81.

¹⁰⁰ FERREIRA, Marieta de Moraes ; MESQUITA, Cláudia. Os anos JK no acervo da Biblioteca Nacional p. 8. In: BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Brasiliana da Biblioteca Nacional-guia de fontes sobre o Brasil* / Organização Paulo Roberto Pereira. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Nova Fronteira, 2001. il., p.329-368.

empreendimentos particulares na área de mineração ao invés do *DC*, que lhe servia mais como um *hobby* do que um negócio. Por sua vez, Macedo Soares já com idade avançada, mostrava-se desinteressado em apresentar discussões na política por meio do *DC*, dado que a democracia e a industrialização pareciam estar consolidadas naquele momento.¹⁰¹

Já Danton Jobim recebeu uma das poucas concessões oferecidas ao *DC* pela administração Kubitscheck, na forma de sua indicação para a presidência do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cargo aliás que não suscitou grandes benefícios ao jornal, agraciando somente a pessoa de seu editor chefe.

Por conta da mudança de prioridades de sua diretoria em prol de interesses particulares, a equipe jornalística do periódico que já era historicamente mal remunerada, ficou desamparada e boa parte dos funcionários da redação deixou o jornal, enfraquecendo ainda mais o *Diário Carioca*.¹⁰² Por fim, o apoio dado aos herdeiros políticos de Getúlio Vargas, soou como uma clara contradição a tradição antivarguista do periódico, também contribuindo para a sua decadência.¹⁰³

Com o fim do mandato de Juscelino Kubitscheck e a realização de novas eleições presidenciais no ano de 1960, o *DC* e o *UH* permaneceram apoiando a coligação PSD-PTB que, desta vez, tinha o General Henrique Teixeira Lott como candidato a presidência e Jango novamente como vice. Entretanto, desta vez a vitória foi do candidato da oposição Janio da Silva Quadros da coligação PTN-UDN, que conquistou o pleito e assumiu a presidência da República, embora a vitória conservadora não fosse completa por conta da incômoda presença do trabalhista João Goulart, eleito novamente Vice-Presidente.

A oposição do *Diário Carioca* e do *Última Hora* ao governo de Quadros foi natural, uma vez que estavam conectados politicamente ao PSD e ao PTB. As divergências e convergências políticas entre estes jornais sobre o governo Quadros, especialmente em relação a política externa serão discutidas no decorrer deste trabalho monográfico, todavia cabe aqui pontuar alguns fatores de ordem interna que se tornaram determinantes naquele período para o *DC* e o *UH*.

Jânio Quadros ascendeu à presidência com uma proposta de sanear os gastos públicos e punir a corrupção que emanava dos governos anteriores. Entre uma das medidas tomadas pelo então presidente, destacou-se o corte aos subsídios estatais concedidos as empresas jornalísticas para a importação de papel do exterior. Esta ação foi prejudicial a toda

¹⁰¹ COSTA, Cecília. *Op. cit.* p.275-276.

¹⁰² MAIA, Deodato. *Diário Carioca: o máximo de jornal no mínimo de espaço*. In: *Cadernos de Comunicação. Série Memória*. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2003. p. 46.

¹⁰³ LEAL, C. E. C. ; FLAKSMAN, Dora . *Diário Carioca. Op. cit.*

a imprensa, embora os jornais menos prósperos foram os que mais sentiram os cortes,¹⁰⁴ especialmente o *DC* que já se apresentava fragilizado economicamente.

Fica evidente o descontentamento do *Diário Carioca* com esta política na transcrição de um texto veiculado no *O Estado de São Paulo* de título "*Matéria-Prima da Democracia*" no qual ao mesmo tempo em que afirmava compreender as políticas de austeridade implementadas pelo governo, alertava que esta ação causaria a falência de várias empresas jornalísticas, enfatizando retoricamente: "*E que será da nossa democracia sem imprensa?*" para no final sugerir que o governo criasse fábricas nacionais de papel colocando um ponto final na dependência que o Brasil adquiriu com os estrangeiros.¹⁰⁵

Posicionamento semelhante pôde ser percebido nas páginas do *Última Hora*, mais precisamente na coluna de Adalgisa Nery, que criticou as práticas do governo, enfatizando que Quadros utilizaria o aumento nos preços de importação para cooptar as empresas jornalísticas afim de estabelecer "*em nossa Pátria um DIP*".¹⁰⁶

Como pode-se notar o governo de Jânio Quadros enfrentava dificuldades tanto no campo político e social quanto no jornalístico, de forma que o encarecimento nos preços do papel foi um importante fator para o processo de monopolização da imprensa.¹⁰⁷ As dificuldades econômicas e as contradições políticas também se apresentaram na redação do *DC* conduzindo Horácio de Carvalho Júnior a vender o jornal ao político udenista Arnon de Mello¹⁰⁸.

Não há uma data precisa da venda do periódico, apenas um anúncio de setembro de 1961 veiculado pelo *DC* em decorrência do aniversário de Arnon. Neste, há o relato de que o

¹⁰⁴ SODRÉ, Nelson. W. *Op. cit.* p. 413.

¹⁰⁵ DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 23 de março de 1961, n. 10043, p. 3, Diário

¹⁰⁶ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 25 de março de 1961, n. 3299, p. 5, Diário

¹⁰⁷ SODRÉ, Nelson. W. *Op. cit.* p. 413

¹⁰⁸ Arnon de Mello nasceu em 1911, no estado de Alagoas. Oriundo de família de latifundiários, iniciou sua carreira na área jornalística pelo *Jornal de Alagoas* e posteriormente tornou-se correspondente da *Gazeta de Alagoas* no Rio de Janeiro em 1930, trabalhando também para diversos jornais na então capital. Neste período conheceu Assis Chateaubriand e recomendou-lhe a compra do *Jornal de Alagoas*, que foi então incorporado aos Diários Associados. Entre 1930 e 1942, publicou três livros *best-sellers*, concluindo também a faculdade de direito no Rio de Janeiro e se casou com Leda Collor. Durante sua volta a Alagoas na década de 1950, se envolveu no jogo político elegendo-se governador entre 1950-56 pela UDN e se consolidando como o maior proprietário na área da comunicação em seu estado, o que lhe deu suporte para promover suas empreitadas políticas e também angariar suporte para aliados, a exemplo de Carlos Lacerda, figura frequentemente exaltada pelas empresas de Arnon de Mello. Adquiriu também o *Diário Carioca* em 1961, jornal em que havia trabalhado na década de 1930, se desfazendo do mesmo no ano seguinte. Atuou no Senado Nacional entre 1963 até 1983, inicialmente pelo Partido Democrata Cristão, fazendo forte oposição a João Goulart e depois pela Aliança Renovadora Nacional no período da Ditadura Militar, sendo um grande apoiador do regime desde sua instituição. Também ficou conhecido por seu embate com o outro representante alagoano ao senado Silvestre Péricles. Na ocasião Arnon de Mello disparou três tiros dentro do Congresso Nacional, ferindo mortalmente José Kairala, senador suplente pelo Acre. Arnon de Mello morreu em 1983. ZAIDAN, T. E. . *A organização Arnon de Mello e o seu patrono: trajetória e interesses políticos*. Verso e Reverso (Unisinos. Online) , v. 55, p. 37-46, 2010.

jornal já estava sob o comando do político que, por sua vez, pediu para que este fato não fosse divulgado com celebração devido a sua "*modéstia*", embora por conta da ocasião, os redatores se encontravam no dever de registrar "*o contentamento pela sua presença na frente da empresa*". O texto também apresentou outra informação interessante ao registrar que "*os que trabalham nesta folha usam, agora, esta oportunidade para externar o contentamento que calam a três meses*"¹⁰⁹, o que indica que desde maio daquele ano o *DC* estava sob a propriedade do político.

Ao analisar os posicionamentos políticos durante o período em que Arnon de Mello esteve a frente do *Diário Carioca*, pôde-se perceber que o jornal não alterou sua linha ideológica ligada ao PSD e tampouco diminuiu as críticas a Jânio Quadros, de forma que pode-se questionar qual foi a dimensão de envolvimento de Mello com o periódico.¹¹⁰

No entanto, uma das intervenções creditadas a Arnon de Mello no *Diário Carioca*, além das publicações dos "*bilhetinhos do Jânio*"¹¹¹, foi a proibição de um editorial pedindo a posse imediata de Jango após a renúncia de Quadros. Esta situação, de acordo com alguns pesquisadores, levou Pompeu de Sousa a demitir-se do jornal, e posteriormente receber um cargo na administração do recém empossado João Goulart.¹¹²

Textos de Arnon de Mello, foram publicados com certa frequência no jornal durante o a primeira metade de 1962 e seu nome permaneceu listado como diretor-presidente do *Diário Carioca* até o dia 28 de agosto de 1962. Nesta mesma edição noticiou-se a transferência das ações de Arnon de Mello à Danton Jobim que assumiu o controle total do periódico.¹¹³ Sob sua direção o *Diário Carioca*, seguiu com o apoio a João Goulart e recebeu auxílios em troca de seu apoio as políticas empreendidas pelo governo, fato que aprofundou o desprestígio por parte de seus leitores tendo em vista que sempre fora um crítico do trabalhismo¹¹⁴.

O apoio a Jango perdurou até a sua deposição pelo golpe Civil-Militar (1964), ao qual o periódico se opôs, e por este motivo foi sufocado pelo novo regime finalizando a sua

¹⁰⁹ DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1961, n. 10186, p. 4, Diário

¹¹⁰ Anos mais tarde, em entrevista a Cecília Costa, o jornalista Janio de Freitas afirmou que Horácio de Carvalho "*não chegou propriamente a recomprar, recebeu de volta porque o Arnon não tinha chegado a comprar*" FREITAS, Jânio de. *apud in*: COSTA, Cecília. *Op. cit.* p. 319

¹¹¹ Os bilhetinhos eram a forma como o então presidente Jânio Quadros repassava as mais variadas ordens e instruções a ministros e aos mais diversos funcionários públicos. Durante o período que Arnon de Mello foi proprietário do *Diário Carioca*, o jornal publicava diariamente os bilhetes de Jânio, geralmente em sua capa.

¹¹² FARIA, T.; LAGE., N.; RODRIGUES, S. *Op. cit.* p. 137.

¹¹³ DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1962, n. 10517, p. 1, Diário

¹¹⁴ LEAL, C. E. C. ; FLAKSMAN, Dora . *Diário Carioca. Op. cit.*

circulação no dia 31 de dezembro de 1965¹¹⁵. Horácio de Carvalho voltou a adquirir o jornal com a intenção de reabri-lo, porém sem sucesso.¹¹⁶

Se para o *DC* as administrações de Quadros e Jango serviram apenas para sua decadência, o *UH* manteve sua ascensão e popularidade durante estes governos, com irrestrito apoio as ações de Goulart e contando ainda com o suporte dos empreiteiros, o que em muito ajudou para a prosperidade do jornal.¹¹⁷ Apesar da tranquilidade financeira, o *UH* durante o governo de Jango, enfrentou a fúria da oposição conservadora, que ganhava força por conta do conturbado ambiente político no país.

Um dos episódios protagonizados pelos conservadores e que prejudicou a imagem do periódico perante ao público, foi a publicação de uma charge pela edição paulista, que representava Nossa Senhora Aparecida com as feições de Edson Arantes do Nascimento, o conhecido Pelé. Logo, políticos como Carlos Lacerda, Ademar de Barros e Amaral Neto, em conjunto com vários membros e associações da Igreja Católica passaram a organizar comícios e passeatas contra o *Última Hora*. A corrente de ódio ao periódico fez com que uma das caminhonetes que distribuíam o jornal em São Paulo fosse incendiada. Após um pedido de desculpas público de Samuel Wainer e a intermediação do padre Antonio Dutra, que trabalhava no *UH*, a situação pôde ser contornada.¹¹⁸

A administração foi mantida nas mãos de Samuel Wainer até o Golpe de 1964, quando teve início a decadência do periódico, que experimentou as represálias do regime e os boicotes de publicidade. Obrigado a exilar-se, Wainer, em 1965, cedeu seu lugar na presidência do jornal a Danton Jobim e ao regressar seis anos após, se desfez do *Última Hora*, que passou por diversos donos e linhas editoriais, até encerrar suas atividades em 1991.¹¹⁹

A complexa conjuntura histórica e política vivenciada pelo *DC* e *UH* delineou os posicionamentos destes jornais sobretudo a respeito do processo revolucionário cubano, que gerou expectativas e temores no continente americano, além de orientações políticas que nortearam as posições do governo brasileiro e dos jornais a respeito de tal processo.

¹¹⁵ Ibid.

¹¹⁶ COSTA, Cecília. *Op. cit.* p.318-319.

¹¹⁷ PEROSA, Lílian M. F. de Lima, ZANELLI, Maria Lúcia *Op. cit.* p.82.

¹¹⁸ Ibid. p. 85-86.

¹¹⁹ LEAL, C. E. C. ; FLAKSMAN, Dora . *Última Hora. Op. cit.*

1.2 Em Havana, O Delírio Popular: A Revolução Cubana e a Imprensa no Brasil.

Cuba, 8 de Janeiro de 1959: as tropas revolucionárias adentravam em Havana lideradas pelo Comandante Supremo da Revolução, Fidel Castro Ruz. Para a população em geral, não estava ainda claro o que pretendiam os barbudos guerrilheiros de Sierra Maestra que, desde 1953, após o fracasso da tomada do Quartel de Moncada em julho daquele ano, lutavam contra o regime ditatorial de Fulgêncio Batista.

No exílio no México, os rebeldes fundaram o Movimento Revolucionário 26 de Julho (MR-26), e passaram a contar com o apoio de Ernesto Che Guevara e Camilo Cienfuegos, que se uniram ao corpo de guerrilheiros. O grupo a bordo do iate *Granma*, chegou a Cuba em 2 de dezembro de 1956, afim de mudar os rumos da nação cubana.¹²⁰

No entanto, a volta a Cuba por pouco não acabou em novo fracasso. Entre os severos reveses iniciais pode-se listar os problemas técnicos da embarcação que não suportava o peso dos equipamentos e dos rebeldes, de forma que o *Granma* encalhou e atrapalhou os planos dos insurgentes de desembarcar em um local mais propício para a deflagração da guerrilha. Outro revés ocorreu quando patrulhas do exército cubano localizaram os 82 revolucionários recém-desembarcados que, pegos de surpresa, foram reduzidos a um total de 20 combatentes, pois muitos foram presos ou morreram nesta ação.¹²¹

Contudo, o ímpeto dos guerrilheiros que sobreviveram foi suficiente para que se prosseguisse a insurreição, de forma que ao longo dos anos seguintes, após uma fase nômade, se estabeleceram firmemente na região montanhosa de Sierra Maestra e passaram a contar com o apoio dos moradores da área¹²².

Depois de várias vitórias contra as forças governistas, os guerrilheiros conseguiram o apoio de grande parte das camadas populares, principalmente dos camponeses. Com este apoio, estenderam suas ações sobre todo o país, de forma que as colunas guerrilheiras comandadas por Castro, Guevara e Cienfuegos cercaram e tomaram o controle em cidades como Las Villas, Santa Clara e Santiago de Cuba. A mobilização rebelde pôs fim a ditadura de Batista, que mesmo com o apoio dos EUA, em 1º de Janeiro de 1959 fugiu de Cuba, deixando o caminho livre para que os revolucionários tomassem o poder¹²³.

Uma vez conquistada a vitória, as dúvidas pairavam sobre qual rumo tomaria o novo governo revolucionário; pois os grupos que levaram a cabo a revolução eram heterogêneos e

¹²⁰ ALONSO JR, Odir. "O processo revolucionário: 1953/1959" In: COGGIOLA, Osvaldo (Org.). *Revolução Cubana: História e Problemas Atuais*. São Paulo: Xamã, 1998. p. 51-63.

¹²¹ Ibid. p. 57.

¹²² Ibid. p. 58.

¹²³ MONIZ BANDEIRA, L. A. (b) *Op. cit.* p. 195-196.

contavam com representantes de vários posicionamentos políticos, desde liberais que somente desejavam a volta da democracia burguesa, sem qualquer mudança na posição subserviente que Cuba tinha perante aos EUA, a outros mais a esquerda, que desejavam expandir e aprofundar a revolução, como os nacionalistas movidos pelas ideias de José Martí; os comunistas das mais variadas orientações teóricas e até mesmo os que defendiam o ideário anarquista. Estes eram os grupos que os líderes da revolução Fidel Castro e Che Guevara mais se identificavam, apesar de não pertencerem especificamente a nenhum partido¹²⁴.

De acordo com Moniz Bandeira, a administração do presidente Eisenhower nos EUA recebeu de forma desconfiada os acontecimentos em Cuba, uma vez que tinha agido de forma a evitar que os guerrilheiros liderados por Castro, visto como um autoritário e simpático aos comunistas, tomassem o poder¹²⁵, porém resolveu agir com cautela pois o sentimento anti-estadunidense era cada vez maior ao sul do Rio Grande¹²⁶ e uma atitude mal calculada de sua parte poderia gerar uma enorme crise que se espalharia pela América Latina.¹²⁷

A princípio quando a interação diplomática se realizava com o então Presidente Provisório Manuel Urrutia, Washington pressupunha que o espírito revolucionário e anti-imperialista de Castro e seus apoiadores seria mantido sob controle, por calcular que as relações entre os dois países fossem mantidas dado a forte dependência financeira de Cuba para com os EUA.¹²⁸

Contudo, a pretensão do líder cubano de seguir com o projeto revolucionário de promover a justiça social e a emancipação econômica perante aos EUA, somada ao desejo que emanava dos setores mais radicais da esquerda, liderados por Che Guevara e Raul Castro, de expandir a Revolução para outros países, incompatibilizou cada vez mais o diálogo entre os dois governos.

Se nos bastidores uma Cuba Revolucionária já se apresentava como um grande empecilho aos interesses dos EUA, para as agências de notícias que acompanhavam os acontecimentos na ilha, como a UPI e *France Press*, a revolução estava propensa a

¹²⁴ Ibid. p. 232.

¹²⁵ Ibid. p. 217.

¹²⁶ As visitas do então vice-presidente Richard Nixon a diversos países latino-americanos em maio de 1958, são um exemplo da aversão as políticas dos EUA para com o resto do continente. Nixon foi recebido na Argentina, Uruguai, Colômbia, Equador e Venezuela com protestos violentos. Em duas ocasiões foi atingido por pedras e no último país a situação exigiu que tropas militares estadunidenses localizadas em Guantánamo viessem resgatá-lo da fúria dos manifestantes. O apadrinhamento de ditaduras por parte dos EUA, juntamente com a ação inescrupulosa e exploradora de suas empresas em solo latino-americano, foram algumas causas para estas demonstrações. Ibid. p. 167-168

¹²⁷ Ibid. p. 240.

¹²⁸ Ibid. p. 218.

estabelecer a democracia novamente em Cuba e o seu teor nacionalista foi digno de saudação até o momento de sua aproximação com o bloco soviético.

A própria notícia da UPI veiculada no *Última Hora* enfatizou o discurso do Presidente Provisório Urrutia quando este comentou que "*O comunismo na América em geral, e em Cuba, em particular, jamais poderá frutificar porque amamos demasiado a liberdade*"¹²⁹ destacando assim sua postura anticomunista. Assim sendo, a imprensa no Brasil que recebia as informações por intermédio destas agências inicialmente exaltou a Revolução em Cuba¹³⁰.

Até mesmo o *Tribuna da Imprensa* noticiou no dia 9 de janeiro, em sua capa, uma matéria com o título "*Fidel Castro é recebido triunfalmente em Havana*"¹³¹. A reportagem descreveu de forma entusiasmada a chegada do comandante a capital, referindo-se a ele como um herói¹³², asserções estas que contrastariam muito com as opiniões do periódico em relação ao processo revolucionário cubano quando este passou a dar sinais de seguir o rumo socialista.

Posição semelhante foi apresentada pelo *Diário Carioca*, que estampou com animação a seguinte manchete "*Fidel entrou triunfalmente em Havana: delírio popular*" dando destaque as celebrações na capital cubana¹³³. Já o *Última Hora*, no mesmo dia, não trouxe em sua capa nenhuma referência aos acontecimentos revolucionários, delimitando-se em sua sessão de notícias internacionais a reproduzir o conteúdo das agências UPI e *France Press*, sobre as decisões do governo estadunidense de ajudar a ilha na reconstrução da infra-estrutura destruída pela guerra civil.¹³⁴

O discurso de Fidel Castro proferido durante a sua visita aos EUA, em abril de 1959, pareceu conduzir a Revolução Cubana para a terceira via, que não se encaixava na democracia liberal dos EUA e tampouco no regime comunista soviético:

A democracia e o comunismo não são uma e a mesma coisa para mim. Chamamos humanistas nossos ideais, porque não queremos apenas dar liberdade ao povo, mas também proporcionar-lhes meios de viver e conseguir comida (...) Governo do povo sem ditaduras e sem oligarquias: liberdade com pão sem terror, isso é humanismo.¹³⁵

Um mês após esta declaração, Fidel Castro reafirmou que os acontecimentos em Cuba se encaminhavam a uma nova direção ao deixar claro que:

¹²⁹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 03 de janeiro de 1959, n. 2610, p. 4, Diário

¹³⁰ CARVALHO, Andreia de Souza de. *Op. cit.* p. 70.

¹³¹ TRIBUNA DA IMPRENSA, Rio de Janeiro, 09 de janeiro de 1959, n. 2739, p. 1, Diário.

¹³² *Ibid.* p. 6.

¹³³ DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 09 de janeiro de 1959, n. 9355, p. 1, Diário

¹³⁴ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 09 de janeiro de 1959, n. 2615, p. 4, Diário

¹³⁵ CASTRO, Fidel. "Discurso no Central Park de Nova York- 24 de abril de 1959", apud in: BUZETTO, M. ; MIZUKAMI, E. S. . Revolução Inacabada. p. 70-71. In: Osvaldo Coggiola. (Org.). *Revolução Cubana: História e Problemas Atuais*. 01ed.São Paulo: Xamã, 1998, v. , p. 65-79.

Nuestra Revolución no es comunista,(...) nuestros ideales se apartan de la doctrina comunista, la Revolución cubana no es capitalista ni comunista, es una revolución propia tiene una ideología propia, tiene razones cubanas, es enteramente cubana y enteramente americana".¹³⁶

Estes discursos de acordo com Moniz Bandeira, repercutiram positivamente em todo continente americano e entre os mais variados setores da opinião pública.¹³⁷ Além disso, a maneira com que os rebeldes derrubaram a ditadura Fulgêncio Batista, incentivou a Grande Imprensa a ressaltar o processo revolucionário e a figura do líder cubano, atribuindo a Castro a imagem de líder revigorante e dinâmico frente a apatia e a inércia dos políticos mundiais.¹³⁸

O governo brasileiro, por sua vez, foi um dos primeiros a reconhecer o novo regime revolucionário cubano¹³⁹, ação coerente com a política externa autonomista empregada naquele momento, uma vez que o então presidente Juscelino Kubitschek defendia uma maior emancipação do país frente aos EUA nas questões de política externa, defesa que refletiu nas relações com outros países, pois o Brasil procurava abrir contatos com as mais diversas nações, inclusive as de regime socialistas, embora com estas nações os contatos ainda mantinham-se tímidos.¹⁴⁰

Mesmo com os temores de que a Revolução Cubana representava um sinal de infiltração comunista nas Américas, a administração Kubitschek, apesar de se alinhar aos interesses estadunidenses de evitar que Cuba fosse adiante na expansão de sua revolução, manteve a cordialidade com o governo de Havana, recebendo inclusive a visita de Fidel Castro em 5 de maio de 1959.

No entanto, JK vislumbrava a Revolução Cubana como um sintoma do descaso estadunidense para com os demais países da América e utilizou este argumento para pressionar os EUA a fornecer ajuda econômica aos demais países latino-americanos por meio da Operação Pan-Americana¹⁴¹, afim de que o processo revolucionário cubano não se

¹³⁶ Tradução: "Nossa Revolução não é comunista (...) nossos ideais se distanciam da doutrina comunista, a Revolução Cubana não é capitalista nem comunista, é uma Revolução própria, tem sua ideologia própria, tem razões cubanas, é inteiramente cubana e americana." Fidel Castro, El Mundo Havana, 9/05/1959. Moniz Bandeira, L. A. (b) p. 226-227.

¹³⁷ MONIZ BANDEIRA, L. A. (b) *Op. cit.* p. 227.

¹³⁸ HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995. pg

¹³⁹ BEZERRA, Gustavo Henrique Marques. *Op. cit.* p. 44.

¹⁴⁰ MANZUR, T. M. P. G. . *Op. cit.* p. 180-181.

¹⁴¹ A Operação Pan-Americana (OPA) foi um projeto sugerido por Juscelino Kubitschek junto ao governo dos EUA, que pretendeu que se estabelecesse uma maior ajuda econômica estadunidense aos países latino-americanos, de forma que estes pudessem melhorar a qualidade de vida de seus habitantes, fato que serviria para barrar o crescimento das esquerdas no continente que, supostamente, tiravam proveito político com a situação de miséria e desigualdade existente nos países da América Latina. No entanto durante a administração do presidente Eisenhower (1953-1961), a proposta não foi levada a adiante, mas passou a ganhar força com a Revolução Cubana e a inclinação deste movimento ao socialismo, de forma que durante o mandato do Presidente J. F.

alastresse pelo continente.¹⁴² Apesar do tom alarmista sobre a Revolução, o presidente brasileiro ainda julgava Castro como "recuperável para o Ocidente".¹⁴³

Mas as tensões entre Havana e Washington não retrocederam, de forma que, de acordo com Moniz Bandeira, o momento decisivo e de impacto irreversível, tanto nas relações internas entre os revolucionários e os moderados, quanto nas externas com Washington, foi a instituição da Lei de Reforma Agrária de 17 de maio de 1959, que permitiu o confisco de várias propriedades estadunidenses na ilha. Esta ação beneficiou os camponeses cubanos em detrimento dos grupos mais abastados que muito tinham a perder com a deterioração nas relações com os EUA, de forma que grupos de moderados e anticomunistas, provenientes da classe médias e altas passaram a endurecer a oposição ao governo revolucionário e a contar com o apoio cada vez maior de Washington.¹⁴⁴

A desapropriação de terras e as estatizações de empresas estrangeiras que ocorreram ao longo da segunda metade de 1959, sobrepondo os interesses dos empresários estadunidenses na ilha, logo colocaram o regime cubano em atrito ainda maior com o governo dos EUA. Este por sua vez, passou a promover de forma mais intensa, a queda de Fidel Castro sobretudo por meio do apoio aos seus opositores, que se organizaram e iniciaram ações violentas contra o governo.¹⁴⁵

Cuba ainda tentou o diálogo com Washington até o início de sua aproximação com a União Soviética no início de 1960, mas a pretensão do governo estadunidense durante este período era, destruir o governo revolucionário de qualquer maneira, de forma que a tentativa cubana de negociar o ressarcimento sobre áreas de multinacionais dos EUA que haviam sido desapropriadas, sequer foi aceita pois exigia como pré-condição que as sanções econômicas contra Cuba cessassem, o que os EUA não estavam dispostos a fazer.¹⁴⁶ Em março de 1960, Washington aprovou o *Program of Covert Action Against Castro Regime*, que consistia em remover o líder cubano a força.¹⁴⁷

Percebendo que o confronto com os EUA era inevitável, Fidel Castro decidiu radicalizar a revolução e sua retórica anti-imperialista, o que conduziu Cuba a se aproximar da

Kennedy (1961-1963) foi lançada a mais efetiva, Aliança para o Progresso, que tinha a mesma finalidade da OPA. MANZUR, T. M. P. G. . *Op. cit* p. 180.

¹⁴² MONIZ BANDEIRA, L. A. (b) *Op. cit.* p. 265-266.

¹⁴³ BEZERRA, G. H. M. *Op. cit.* p. 44

¹⁴⁴ MONIZ BANDEIRA, L. A. (b) *Op. cit.* p. 229-232

¹⁴⁵ PERICÁS, L. B. M. Capitalismo dependente e revolução em Cuba. In: Osvaldo Coggiola. (Org.). *América Latina: encruzilhadas da história contemporânea*. São Paulo: Xamã, 2003, v. p. 159.

¹⁴⁶ MONIZ BANDEIRA, L. A. (b) *Op. cit.* p. 255

¹⁴⁷ *Ibid.*

esfera socialista uma vez que os soviéticos eram os únicos que poderiam suplantar os estadunidenses em relação ao comércio exterior.¹⁴⁸

A tensão entre Washington e Havana começou a refletir na imprensa, e se no início a Revolução Cubana e seus jovens idealizadores eram passíveis de pareceres favoráveis, com a consolidação de Fidel Castro no poder, sua retórica e atitudes cada vez mais agressivas perante aos interesses dos EUA, o discurso jornalístico se alterou. Os antigos "heróis" agora tornaram-se "traidores", pois conduziam Cuba a se transformar num foco de infiltração comunista nas Américas devido a sua aproximação com a URSS.

Em um mundo dividido ideologicamente, este cenário desconcertante seguiu com uma escalada nas tensões entre Cuba e Estados Unidos, de maneira que este embate passou a repercutir de maneiras distintas no Brasil e no meio jornalístico nacional, que como discutido anteriormente, estava profundamente conectado com a política. Particularmente, a Invasão da Baía dos Porcos e a Crise dos Mísseis, foram produtos diretos deste conturbado contexto internacional e será sobre estes episódios e suas recepções na imprensa e política brasileira que o capítulo a seguir discorrerá.

¹⁴⁸ PERICÁS, L. B. M. *Op. cit.* p. 154-155.

2. DA BAIÁ DOS PORCOS Á CRISE DOS MÍSSEIS: OS CONFLITOS EM CUBA E REPERCUSSÃO NO BRASIL

2.1. Cuba x Estados Unidos x Brasil um impasse e a Política Externa Independente

No dia 4 de março de 1960, as chamas que ardiam, no navio belga *La Coubre*, denunciavam que Cuba ainda estava em guerra não só contra os velhos inimigos representados por Washington e classes reacionárias cubanas, como também contra ex-aliados que entraram em desacordo com o governo revolucionário de Castro. A embarcação que transportava munições e armamentos para a ilha, implodiu de forma misteriosa e deixou um saldo de 75 vítimas fatais e mais de 200 feridos. Era difícil não atribuir este cenário a uma ação dos contrarrevolucionários que agiam em operações de sabotagem, contando com amplo suporte da CIA.¹⁴⁹

Fidel Castro foi enfático ao atribuir a culpa do incidente aos EUA, fato que repercutiu no Brasil por meio do *Última Hora* quando o jornal reproduziu o conteúdo da UPI em uma matéria intitulada: "*Fidel: Explosão foi Sabotagem Ianque*"¹⁵⁰. A represália cubana ocorreu por meio de mais estatizações de bens estadunidenses e em 24 de junho, após a recusa da *Texaco* e da *Standard Oil* de refinar o petróleo soviético, que naquele momento já abastecia Cuba, ambas foram estatizadas. Em resposta, em 5 de julho o Congresso dos Estados Unidos aboliu por completo a importação de açúcar da ilha, e em contraponto, no dia seguinte, os bens estadunidenses que ainda restavam em Cuba foram definitivamente nacionalizados.¹⁵¹

Os EUA estabeleceram um bloqueio comercial a Cuba, visando sufocá-la economicamente e romperam as relações diplomáticas com Havana. Por conta destas ações e subsequente intensificação das relações cubano-soviéticas, Fidel Castro e a cúpula do governo revolucionário certificaram-se de que a invasão da ilha era apenas uma questão de tempo e o surgimento de focos de guerrilha contrarrevolucionária nas regiões montanhosas de Escambray comprovava esta certeza.¹⁵² O governo cubano agiu rapidamente e convocou 50.000 milicianos fiéis a Castro, para impedir o plano dos insurgentes de estabelecer um governo paralelo que autorizaria os EUA a intervir com suas tropas na ilha.¹⁵³

A estratégia mal sucedida de estabelecer um movimento contrarrevolucionário efetivo em Cuba, conduziu o governo estadunidense a explorar outras formas de derrubar Castro do

¹⁴⁹ MONIZ BANDEIRA. L. A. (b) *Op. cit.* p. 240

¹⁵⁰ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 07 de março de 1960, n. 2970, p. 6, Diário

¹⁵¹ GUERCIO, M. R.; CARVALHO, D. *Op. cit.* p. 127.

¹⁵² *Ibid.*

¹⁵³ MONIZ BANDEIRA. L. A. (b) *Op. cit.* p. 289 e 293.

poder. Uma das propostas consistia em obter o apoio dos maiores estados latino americanos (e o Brasil se inseria neste grupo), para legitimar a ação direta das tropas estadunidenses em Cuba.¹⁵⁴

Para persuadir o governo brasileiro, foi designado o embaixador Adolf Berle Junior que desembarcou no Rio de Janeiro em fins de fevereiro, com a proposta de ajuda econômica no valor de 100 milhões de dólares, caso a administração de Jânio Quadros compactuasse com os planos estadunidenses em relação a Cuba.¹⁵⁵

A tentativa de comprar o apoio brasileiro foi mal recebida pelo então presidente, e o UH ilustrou o mal-estar gerado, publicando a seguinte manchete: "*Proposta AntiCuba foi a razão da frieza de Jânio para com Berle*"¹⁵⁶. A reportagem expôs a pretensão estadunidense em aliciar o apoio do Brasil para uma ação contra Cuba e relatou que Berle saiu desgastado do encontro com Quadros, devido a hostilidade do presidente brasileiro que, por sua vez, enfatizou que não aceitaria qualquer tentativa de interferência na política exterior de seu país. Além disso, a matéria destacou que a posição de Quadros, ao mesmo tempo que gerava o receio entre os setores conservadores, causou "*uma tomada de posição firme dos nacionalistas ao lado do Chefe de Governo no que diz respeito a política externa*".¹⁵⁷

De acordo com o DC, a visita do embaixador estadunidense resultou em fracasso e a conversa pouco amistosa entre Adolf Berle Junior e Jânio Quadros, foi resultado da maneira inquisitória na qual o estadunidense "*lançou, a queima-roupa*" perguntas sobre a posição diplomática do Brasil a respeito do reconhecimento da China Popular, Cuba e Congo na ONU. A resposta de Jânio Quadros, segundo o DC, foi concedida igualmente "*a queima roupa*" ao declarar que: "*o Brasil não deve satisfações da política externa que executa*".¹⁵⁸

Por conta de episódios como este, Washington constatou que o apoio dos principais países latino-americanos não seria facilmente obtido, pois a existência de uma Cuba revolucionária apresentava-se indiretamente favorável a várias nações americanas que conviviam com a situação de pobreza extrema e portanto, eram solos férteis para que movimentos similares ao cubano surgissem. Isto posto, a ajuda financeira de Washington, poderia ser mais facilmente obtida pelas demais nações americanas se o objetivo consistisse

¹⁵⁴ Ibid.

¹⁵⁵ Ibid.

¹⁵⁶ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 06 de março de 1961, n.3282, p. 1, Diário

¹⁵⁷ Ibid. p. 5.

¹⁵⁸ DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 04 de março de 1961, n. 10028, p. 1; 11, Diário

em desmobilizar as esquerdas, pois a ascensão destes grupos ao poder seria potencialmente nociva ao domínio dos EUA no continente.¹⁵⁹

Por sua vez, os pareceres de Jânio Quadros estavam alinhados a implementação da Política Externa Independente (PEI) que, nas palavras de San Tiago Dantas¹⁶⁰, tinha como objetivos:

- a) a contribuição a preservação da paz, através da prática da coexistência e do apoio ao desarmamento geral e progressivo; b) reafirmação e fortalecimento dos princípios de não intervenção e autodeterminação dos povos; O reatamento de relações com o Bloco Socialista, a interação com as recém formadas nações africanas e a defesa da autodeterminação dos países em seus assuntos internos; c) ampliação do mercado externo brasileiro mediante o desarmamento tarifário da América Latina e a intensificação das relações comerciais com todos os países, inclusive os socialistas; d) apoio à emancipação dos territórios não autônomos, seja qual for a forma jurídica utilizada para a sua sujeição à metrópole.¹⁶¹.

*O reatamento de relações com bloco socialista, a interação com as recém formadas nações africanas e a defesa da autodeterminação dos países em seus assuntos internos, (como no caso de Cuba), refletiram em linhas gerais, a ação diplomática brasileira do governo Quadros bem como sua estratégia de garantir ao Brasil mais autonomia e protagonismo no campo da diplomacia, além da busca de novos mercados e vantagens econômicas a partir do comércio com todos os países.*¹⁶²

No entanto, ao analisar a PEI e seus desdobramentos, torná-se relevante mencionar que os meios de comunicação de massa promoveram o debate sobre as ações diplomáticas

¹⁵⁹ MONIZ BANDEIRA. L. A. (b) *Op. cit.* p. 293.

¹⁶⁰ Francisco Clementino de San Tiago Dantas nasceu em 1911. Foi estudante de Direito entre 1928 e 1932, ano no qual ingressou na Ação Integralista Brasileira, da qual foi membro ativo até 1938. A partir disto, San Tiago Dantas dedicou-se a vida acadêmica e a advocacia, dando início a sua carreira diplomática em 1943. Dois anos depois passou a atuar na administração pública no Conselho Nacional de Política Industrial e Comercial e em 1949 assumiu a presidência da refinaria de Manguinhos. Durante o segundo governo Vargas, foi assessor pessoal do presidente e participou dos debates para a criação da Petrobrás e da Rede Ferroviária Federal, além de representar o Brasil em diversas missões diplomáticas. Em 1955 filiou-se ao PTB e três anos depois foi eleito deputado federal por Minas Gerais. Em 1961, foi nomeado embaixador por Jânio Quadros, mas por conta da renúncia do presidente, não chegou a assumir o cargo e foi indicado por João Goulart para assumir o Ministério das Relações Exteriores. A frente do Itamaraty, San Tiago Dantas seguiu com a Política Externa Independente praticada na administração anterior, e foi alvo de grandes críticas por parte dos setores conservadores da sociedade brasileira, por defender a permanência de Cuba na OEA. Em junho de 1962 se desligou da chancelaria para disputar as eleições para a Câmara, sendo cotado para assumir o posto de Primeiro Ministro, após a renúncia de Tancredo Neves. Porém, teve seu nome vetado pelos parlamentares ligados ao conservadorismo. Eleito novamente deputado em outubro, assumiu a pasta de Ministro da Fazenda, na tentativa de implementar uma série de cortes para balancear as contas do Estado (Plano Trienal), mas dado ao radicalismo político da época não conseguiu ir adiante e tentou livrar o governo de Jango do golpe, propondo uma ampla frente de apoio ao presidente. Faleceu em 6 de setembro de 1964, no Rio de Janeiro. ABREU, Alzira Alves de; LAMARÃO, Sérgio (Org.). Gilberto Amado. In: ABREU, Alzira Alves de; LAMARÃO, Sérgio. *Personalidades da política externa brasileira*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2007. p. 97-102. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/al000147.pdf>> Acesso em 20 jun. 2018.

¹⁶¹ MUNTEAL, Oswaldo; VENTAPANE, Jaqueline; FREIXO, Adriano de. *O Brasil de João Goulart: um projeto de Nação*. Rio de Janeiro: PUC, Contraponto, 2006. p. 112.

¹⁶² MANZUR, T. M. P. G. *Op. cit.* p. 183-186

brasileiras que resultou em um envolvimento da opinião pública nos assuntos internacionais¹⁶³, repercutindo mais tarde nas manifestações favoráveis a Cuba durante as crises diplomáticas que serão evidenciadas no decorrer deste estudo.

O que por hora importa destacar é que independente da resposta brasileira, os EUA continuaram seu trabalho para retirar Fidel Castro do poder e tal ação não passou por qualquer alteração após a eleição de John F. Kennedy à presidência. Em outras palavras, as ações que Washington vinha desenvolvendo como o treinamento de uma força expedicionária contrarrevolucionária de 1500 homens, denominada Brigada 2506, composta por mercenários e exilados cubanos, que teria como objetivo fortalecer os grupos já instalados em Escambray foram mantidas e reforçadas.¹⁶⁴

Cabe também destacar que o aniquilamento da maior parte dos grupos que lutavam em Cuba gerou dúvidas sobre o emprego destes contingentes adicionais e o presidente Kennedy foi persuadido por seus adjuntos militares a utilizá-los. Um ataque direto dos EUA a Cuba, era um obstáculo que Kennedy deveria enfrentar, pois tal ação minaria as relações com a União Soviética que, por sua vez, poderia retaliar ocupando Berlin Ocidental.¹⁶⁵

As inúmeras objeções por parte dos próprios altos funcionários do governo estadunidense não foram suficientes para impedir que a invasão prosseguisse.¹⁶⁶ Neste sentido, foi estabelecido que os contrarrevolucionários desembarcariam na Baía dos Porcos e após os primeiros combates instalariam um governo provisório chefiado por Miró Cardona, governo que contaria com o apoio logístico e militar dos EUA.¹⁶⁷ Além disto, o Pentágono contava com um levante geral em Cuba contra Fidel Castro e solidário para com os invasores.¹⁶⁸

Enquanto os últimos detalhes do plano eram discutidos pelos estadunidenses, em 12 de abril os soviéticos com Yuri Gagarin, colocavam o primeiro homem no espaço, aumentando assim a pressão sobre Washington e conquistando as manchetes dos jornais no plano mundial.

No entanto, quatro dias depois, o feito extraordinário de Gagarin cedeu lugar a novas manchetes nas seções internacionais, como pode-se perceber na matéria do *DC* intitulada: "*Bombas em Cuba: Ataque Aéreo*"¹⁶⁹. Nesta, o jornal informava sobre o ataque de aviões B-

¹⁶³ Ibid. p. 183-186

¹⁶⁴ MONIZ BANDEIRA. L. A. (b) *Op. cit.* p. 294.

¹⁶⁵ Ibid. p. 294-295.

¹⁶⁶ Ver Ibid. p. 295-296.

¹⁶⁷ Ibid. p. 302-303.

¹⁶⁸ GUERCIO, M. R.; Carvalho, D. *Op. cit.* p. 128.

¹⁶⁹ DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 16 de abril de 1961, n. 10064, p. 1, Diário

26 que atingiram Havana, Santiago de Cuba e Los Banos.¹⁷⁰ Este acontecimento alertou o governo cubano que a invasão era eminente.¹⁷¹

Na madrugada do dia 17 de abril, a Brigada 2506 desembarcou na Baía dos Porcos e encontrou na área um grande contingente de tropas a sua espera. Os milicianos castristas apesar de sofrerem pesadas baixas inicialmente, com o subsequente reforço do Exército e da Força Aérea Cubana, dispersaram os invasores que, mesmo com o reforço de tropas aerotransportadas, fracassaram em estabelecer uma cabeça de praia¹⁷² que pudesse ser utilizada para o prosseguimento da invasão.¹⁷³

O extensivo treinamento militar dos contrarrevolucionários não impediu sua derrota em apenas dois dias pelo Exército e milícias cubanas fiéis ao governo e a operação elevou o prestígio de Fidel e seu regime, gerando um significativo desconforto para o governo de J.F.K., pois após intenso interrogatório dos prisioneiros, confirmou-se o que era presumido: a presença da *Central Intelligence Agency* (CIA) nesta ação.¹⁷⁴

A ação de Washington evidenciou a todos os países latino americanos, que os EUA estavam dispostos a intervir diretamente em seus assuntos internos e gerou a desconfiança frente ao governo JFK, uma vez que, cinco dias antes da invasão, o presidente declarara que tudo faria para que nenhum estadunidense se envolvesse em conflito armado em Cuba.¹⁷⁵

O prestígio resultante da resistência face a agressão imperialista dos EUA que ressoou por toda América, repercutiu na imprensa brasileira, que neste momento já se posicionava contra Cuba devido a sua aproximação com o comunismo soviético. Dentre os grandes jornais do Brasil, somente o *Última Hora* e o semanário *Novos Rumos*, editado pelo PCB demonstraram um discreto apoio ao governo revolucionário.¹⁷⁶

Cuba dividia o Brasil. Enquanto grupos conservadores, liderados por Carlos Lacerda, defendiam a invasão da ilha, os movimentos sindicais, estudantis, as esquerdas brasileiras e os intelectuais que defendiam a PEI, apoiavam a Revolução. Com a Invasão da Baía dos Porcos ainda em andamento, o *Tribuna da Imprensa* publicou a declaração do líder udenista: "Saúdo

¹⁷⁰ Ibid. p. 1

¹⁷¹ MONIZ BANDEIRA, L. A. (b) *Op. cit.* p. 304.

¹⁷² Termo militar que significa o estabelecimento de uma posição defensiva sólida em território dominado por um inimigo, de forma que viabilize a continuação da invasão.

¹⁷³ MONIZ BANDEIRA, L. A. (b) *Op. cit.* p. 305-306

¹⁷⁴ Entre as várias provas do envolvimento dos EUA, a recuperação do cadáver do piloto estadunidense Leo Francisco Baker, que continha o seu plano de vôo e documentos incriminadores tinha caráter irrefutável. MONIZ BANDEIRA, L. A. (b) *Op. cit.* p. 309-315

¹⁷⁵ Ibid. p. 300.

¹⁷⁶ CARVALHO, Andreia de Souza de. *Op. cit.* p.70

a invasão de Cuba como o começo da libertação de um povo que foi traído pelo revolucionário transformado em tirano”¹⁷⁷

O *Diário Carioca*, em um tom mais ameno, embora crítico do governo cubano e especialmente de Che Guevara, estampou em sua manchete "*Invasores de Cuba Anunciam Sua Primeira Vitória*".¹⁷⁸ Na edição seguinte, o diretor Danton Jobim em sua coluna, analisou a situação da Invasão a Baía dos Porcos e a comparou a invasão da Hungria pelas tropas soviéticas (1956) destacando a atitude do governo cubano de arrastar a União Soviética para lutar em sua defesa como uma "*fantasia e uma loucura do aprendiz de comunista*", em referência as ações de Guevara.¹⁷⁹

Em contraposição, o *UH* a partir do dia 18 exibiu nas seções de opinião, uma forte crítica a ação dos EUA perante Cuba, na coluna do Barão de Itararé intitulada "*Gato escondido com o rabo de fora*". Nesta há referências ao envolvimento da CIA na invasão contrarrevolucionária em Cuba e elogios a posição tomada por Jânio Quadros de não prestar apoio a esta ação. O colunista também destacou que um membro do alto escalão contrarrevolucionário em passagem pelo Brasil, pretendeu adquirir do Presidente uma declaração contra o governo cubano, mas o "*desgraçado antifidelista*" sequer foi recebido. A coluna foi encerrada com uma crítica ao presidente J. F. Kennedy caracterizado como "*Falso democrata e mal vizinho*".¹⁸⁰

A Revolução Cubana conquistava não só a simpatia, mas um forte apoio das esquerdas latino-americanas e as manifestações a favoráveis a Cuba, após a Invasão da Baía dos Porcos, tornaram-se mais contundentes. Muitos discursos sobre este contexto foram produzidos pelo *DC* e pelo *UH* e foram analisados com base nas indicações de Pierre Bourdieu a respeito das operações sociais de *nomeação*, nas quais as instituições se pautando nos seu próprios ritos, buscam por meio da representação simbólica contida nas palavras, o poder de nomear as coisas para atribuir qualidades positivas ou negativas a elas conforme suas orientações ideológicas. Para Bourdieu, Visando a permear o senso comum com suas nomeações, as instituições adquirem poder e influenciam a percepção que as pessoas tem do mundo.¹⁸¹

Além disso, ao considerar as palavras e a linguagem como instrumentos de poder, pode-se inferir que a sua utilização está intrinsecamente conectada as posições sociais dos porta-vozes que, por sua vez, estão pautados pelas instituições as quais pertencem. Portanto,

¹⁷⁷ TRIBUNA DA IMPRENSA, Rio de Janeiro, 18 de abril de 1961, n. 2421, p. 1, Diário

¹⁷⁸ DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 18 de abril de 1961, n. 10065, p. 1, Diário

¹⁷⁹ DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 19 de abril de 1961, n. 10066, p. 4, Diário

¹⁸⁰ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 18 de abril de 1961, n. 3319, p. 5, Diário

¹⁸¹ BOURDIEU, Pierre. *Op. cit.* p. 81-83.

neste estudo monográfico, a relação entre os redatores e os jornais (*DC* e *UH*) foi criteriosamente analisada, pois considera-se também a imprensa não como uma mera comunicadora dos acontecimentos e isolada da realidade política e social, mas como um *instrumento de manipulação de interesses*, que visa intervir no cotidiano social.¹⁸²

A partir destes pressupostos teórico-metodológicos, percebeu-se nas matérias analisadas as posições tomadas pelos periódicos para descrever as manifestações sobre o conflito cubano, pois enquanto o *Última Hora* exaltava explicitamente os protestos, o *Diário Carioca* apresentava uma aparente ambiguidade.

A partir do dia 18 de abril, as manifestações favoráveis a Cuba começaram a surgir. O *UH*, por exemplo, apresentou em sua primeira página a manchete que destacava em letras garrafais "*Moscou anuncia socorro a Cuba*", seguida abaixo, no canto direito, de uma foto da embaixada cubana no Brasil, com sua bandeira a meio mastro, devido a agressão que a ilha enfrentava. O texto que acompanhou a foto além de descrever a ação da embaixada, afirmou que "*se verificaram, nos mais diversos pontos do País, manifestações em solidariedade a Cuba*" e anunciou que em frente ao Palácio Tiradentes, seria realizada uma concentração organizada pelos trabalhadores marítimos. A chamada finalizou destacando que a cidade do Rio de Janeiro amanhecera repleta de cartazes que denunciavam as "*agressões americanas a diversos países latino-americanos*".¹⁸³

Esta pequena, mas não menos importante chamada sobre a mobilização a favor de Cuba, representava a posição do *UH* em favor do regime de Fidel Castro, que ao utilizar o termo "agressões" para se referir as atitudes do governo estadunidense em relação aos povos latino americanos, indicava explicitamente a sua tradição nacionalista.

A parte superior da segunda página foi dedicada a repercussão que os acontecimentos em Cuba tiveram no Brasil e com o título "*Apoio e simpatia nas ruas a Fidel Castro*", a matéria em sua introdução referenciou a "*indignação em todas as camadas sociais da população brasileira, que, de imediato, se mobilizou para prestar ao povo cubano a solidariedade de que necessita*", informando em seguida, que um grande número de cartas e telegramas chegaram a redação do *UH* em apoio a Cuba.¹⁸⁴ Após, prosseguiu com informações e horários acerca das manifestações que se realizariam nas escadarias do Palácio Tiradentes e na frente a embaixada cubana. No subtítulo "*Voluntariado*", foi relatada a intenção de grupos voluntários do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte, em realizar uma

¹⁸² CAPELATO PRADO, Maria L. *Op. cit.* p 19.

¹⁸³ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 18 de abril de 1961, n. 3319, p. 1, Diário.

¹⁸⁴ *Ibid.* p. 2.

viagem a Cuba para combater os contrarrevolucionários. Estes grupos, confirmou o jornal, se apresentaram em suas sedes, para informar as suas intenções de defender a ilha,¹⁸⁵ o que sugere a proximidade do jornal com os manifestantes.

O *UH* também discorreu sobre os pronunciamentos de repúdio a invasão, realizados por diversos congressistas, com destaque ao discurso do deputado Jonas Bahiense que declarou a sua mais profunda repulsa sobre o envolvimento estadunidense na ação contra Cuba e alertou: "*Hoje é Cuba, amanhã poderá ser o Brasil*".¹⁸⁶

As ações dos movimentos estudantis e a nota oficial da UNE, UBES, UME e AMES, que acusava diretamente o governo estadunidense de "*criminosamente*" ameaçar o governo popular de Fidel Castro também foram divulgadas, sobretudo o apoio total destas instituições a Revolução Cubana e a exigência de que o Presidente Jânio Quadros permanecesse fiel ao apoio dado ao governo cubano. Com o subtítulo "*Reunião Monstro*", o jornal relatou "*a intensa campanha em defesa de Cuba*" que seria realizada em São Paulo, com "*pixamentos de ruas, comícios relâmpagos e passeatas de estudantes*", além da promoção de mesas redondas para discutir este conturbado episódio. Segundo a matéria, a coordenação dos vários atos pró-Cuba, estava a cargo da União Estadual dos Estudantes, como também de diversos sindicatos, entre eles o dos Metalúrgicos, o dos Cortumes e do Curso Preparatório de Farmácia.¹⁸⁷

O *UH* estampou na íntegra o cartaz denominado "*O que é a amizade americana*", extremamente crítico aos EUA, pois listava as intervenções militares imperialistas de Washington em diversos países latino-americanos e ironizava a *amigável* visita de porta-aviões estadunidenses (durante a votação da criação da Petrobrás) e os acordos militares com os EUA, afim de pressionar o governo brasileiro. Logo em seguida, o jornal apresentou um pronunciamento de Fidel Castro e de Osvaldo Dorticós. Neste, os líderes cubanos relatavam que Cuba estava prestes a esmagar os *mercenários e aventureiros* que desembarcaram no país e que contavam com a solidariedade latino americana na luta contra o imperialismo estadunidense: o "*principal inimigo da humanidade*".¹⁸⁸

A extensa matéria utilizou constantemente os termos "simpatia", "solidariedade" entre o povo brasileiro e o cubano, termos que convergem com o discurso do jornal que busca se tornar totalizante, quando explicitamente ressalta a indignação "*de todas as camadas sociais brasileiras*", buscando falar em nome de todos, prática possível, pois de acordo com Pierre

¹⁸⁵ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 18 de abril de 1961, n. 3319, p. 2, Diário.

¹⁸⁶ Ibid. p. 2.

¹⁸⁷ Ibid. p. 2.

¹⁸⁸ Ibid. p. 2.

Bourdieu, o agente social, —redator— possui o reconhecimento de um grupo, —leitores do *UH*— que lhe concedem assim, a legitimidade em falar por todos.¹⁸⁹ O papel de destaque que o *UH* concedeu a matéria reforça a sua posição favorável as manifestações pró-Cuba.

No dia seguinte, o comício realizado no Palácio Tiradentes foi noticiado com destaque por ambos os periódicos que, como já citado, se posicionaram de maneiras distintas. O *UH*, destacou em letras garrafais: "*Rebeldes Admitem Vitória de Castro*" e apresentou duas fotos do ato na frente da Sede do Poder Legislativo carioca. A primeira (a maior da página), apresentava uma faixa com os dizeres "*Abaixo a Invasão de Cuba! Viva Fidel Castro!*". A segunda imagem, que apresentava o deputado petebista Sergio Magalhães discursando, estava acompanhada de um texto adjunto, que destacava a abrangência das manifestações a favor da "*pequena e brava nação do Caribe*".¹⁹⁰

Na segunda página, outra matéria, novamente no corpo superior e com o título "*Apoio a Fidel Castro: Repúdio unânime à invasão de Cuba*", em seu *lead* afirmou que "*Milhares de pessoas concentraram-se (...) manifestando veemente condenação ao ataque sofrido pela República de Cuba*". Assim como a notícia veiculada na edição anterior, o texto carregado de subtítulos, inicia com o discurso do deputado e então diretor vice-presidente do *UH*, Bocayuva Cunha que, entre outros políticos, falou aos manifestantes sobre suas posições a favor de Cuba. Em seguida o jornal relatou que, após o comício, foi organizada uma passeata em direção a embaixada cubana, com destaque ao repúdio dos manifestantes ao então governador Carlos Lacerda.¹⁹¹

O *UH* destacou também que embora a passeata tenha ocorrido na "*mais perfeita ordem*", dois estudantes de Filosofia foram presos, perto da embaixada estadunidense, por pendurarem cartazes a favor de Fidel Castro. Posteriormente, o texto faz referência as demais manifestações que ocorreram na Guanabara, salientando a participação de Oscar Niemeyer a frente de um grupo de arquitetos que repudiava a "*covarde agressão contra Cuba*" além dos atos promovidos por ferroviários da região da Leopoldina, que organizaram voluntariados para defesa do governo de Fidel Castro.¹⁹²

Já em São Paulo, de acordo com o jornal, "*O povo aplaudiu com entusiasmo os oradores*" durante o protesto na cidade e relatou que 56 pessoas se ofereceram para defender Cuba dos invasores. Do mesmo modo, o *UH* não deixou de destacar a manifestação na capital paulista que foi "*rondada pela polícia*" e atuou no consulado e empresas estadunidenses, além

¹⁸⁹ BOURDIEU, Pierre. *Op. cit.* p. 82.

¹⁹⁰ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 19 de abril de 1961, n. 3320, p. 1, Diário

¹⁹¹ *Ibid.* p. 2.

¹⁹² *Ibid.* p. 2.

da sede do periódico *Estado de São Paulo*. Apesar da tensão, no subtítulo seguinte denominado "*Grande Ofensiva*", anunciou-se a continuação dos atos pró-Cuba na região.¹⁹³

Ainda sobre as manifestações em São Paulo, o jornal noticiou que os alunos da Faculdade de Direito do Estado de São Paulo repudiaram a invasão a Cuba, porém foram impedidos de organizarem seus protestos por grupos favoráveis a ação dos contrarrevolucionários gerando "*um começo de tumulto*". Os grupos, presumidamente conservadores, foram identificados pelo jornal como "*Playboys e subprodutos da Avenida Augusta*", e apesar da confusão não conseguiram impedir a passeata dos estudantes pró-Cuba que aconteceu na sequência.¹⁹⁴

A matéria chegou ao seu final anunciando novas manifestações promovidas por estudantes cariocas e prosseguiu com relatos sobre os protestos realizados por parlamentares em Brasília contra a invasão de Cuba, entre eles José Sarney, então vice-líder udenista e Almino Afonso, líder do PTB, e para concluir descreveu a ação de várias entidades sindicais da Guanabara de enviar um pedido a Jânio Quadros e ao encarregado de negócios do Brasil em Cuba, para que estes expressassem solidariedade a Fidel Castro e seu governo.¹⁹⁵

O *UH* seguiu com a demonstração de apoio ao país caribenho na terceira página e na seção "*Tiramos o Chapéu*", utilizada pelo jornal para elogiar a atuação dos mais variados indivíduos, agradeceu o povo cubano e solicitou ao governo brasileiro que mantivesse sua palavra de defender a autodeterminação da ilha.¹⁹⁶ Do mesmo modo, a charge do cartunista Egberto fez referências as manifestações, representando no desenho a figura de Carlos Lacerda e um adjunto que, observando os manifestantes pró-Cuba, diz ao então governador: "- *O Ardovino vai passar a semana fichando camaradas*", em alusão ao grande número de pessoas que participaram dos atos em repúdio a invasão em Cuba.¹⁹⁷

¹⁹³ Ibid. p. 2.

¹⁹⁴ Ibid. p. 2.

¹⁹⁵ Ibid. p. 2.

¹⁹⁶ Ibid. p. 3.

¹⁹⁷ Ibid. p. 5.

FIGURA 1- EGBERTO VÊ O RIO



Fonte: ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 19 de abril de 1961, n. 3320, p. 1, Diário

O *Diário Carioca*, por sua vez, no dia 18 não veiculou as notícias sobre as manifestações. No entanto, um dia após, estampou em sua primeira página, uma foto do comício realizado no palácio Tiradentes. Localizada no centro da edição, a imagem da manifestação está em conjunto com matéria de título "*Manifestações pró-Fidel em vários estados brasileiros*". Em um tom menos entusiasmado do que o *UH*, o texto informou que as capitais brasileiras passaram por "*momentos de agitação, com manifestações de estudantes e trabalhadores contra o que chamaram de invasão americana ao território cubano*" fato que, segundo o jornal, forçou a polícia a agir para "*evitar depredações*". A cobertura do evento além de mencionar os locais das manifestações e as personalidades políticas que discursaram no ato, em especial a do líder comunista Luis Carlos Prestes, enfatizou principalmente a operação policial montada para acompanhar os manifestantes.¹⁹⁸

Uma das ocorrências informadas pelo periódico foi a de que as ordens do Coronel Ardovino para que as passeatas não ocorressem foram "*desmoralizadas*", e por isso qualquer impedimento ao deslocamento do grupo "*não foi feito pelas tropas que estavam ali de prontidão*"¹⁹⁹. A conclusão do texto mesclada a outras notícias sobre o evento, destacou o ineditismo da passeata que, para o *DC*, ocorreu com "*um choque da Polícia Militar na frente e o outro atrás, com 22 homens cada, além de viaturas da DPPS [que] fizeram o*

¹⁹⁸ DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 19 de abril de 1961, n. 10066, p. 1, Diário

¹⁹⁹ Ibid. p. 1.

*policciamento (...) Quem mais sofreu foi o trânsito que ficou engarrafado na Zona Sul até Copacabana*²⁰⁰.

Preocupado com o engarrafamento gerado, o *DC* noticiou que, às 21:30 horas, a passeata chegou a embaixada de Cuba e destacou que às 22:00 horas, os policiais que acompanhavam os manifestantes entenderam que "*a Lei do Silêncio devia ser repetida a qualquer custo*", afirmando que o inspetor Enio, "*prudentemente*" comunicou aos líderes do ato que o encerramento do mesmo era necessário. O *DC* também relatou a prisão dos dois estudantes de Filosofia e sua subsequente liberação intermediada por políticos que participaram do ato.²⁰¹

A cobertura das manifestações foi concluída com notícias sobre as passeatas em várias localidades como na cidade de São Paulo, pois nesta os "*choques da força pública agiram com rapidez, impedindo que fossem feitas quaisquer manifestações de hostilidade ao Consulado e sedes de firmas americanas*". Já em Belo Horizonte, segundo o jornal, os atos pró-Cuba aconteceram de forma pacífica e em Porto Alegre houve somente "*algumas prisões*". No entanto em Recife, continuou o jornal, após pedras atingirem o Consulado Americano, "*imediatamente a polícia interviu fazendo com que a ordem voltasse*", o que gerou a prisão de um grande número de pessoas.²⁰²

As notícias sobre as manifestações continuaram a ser veiculadas no dia 20. O *UH* com a manchete "*Fidel Esmaga Tropas Invasoras*" relatou a atuação de repúdio dos parlamentares da Frente Parlamentar Nacionalista (FPN) ao embaixador estadunidense John Moors Cabot. O jornal também informou os horários e informações sobre os atos programados em Brasília, Niterói, e na embaixada cubana no Rio de Janeiro, destacando que estas manifestações eram uma "*inequívoca demonstração que o proletariado brasileiro cerra fileiras ao lado dos barbudos de Fidel*".²⁰³

Na chamada "*Comício em São Paulo*", o *UH* destacou que apesar das fortes chuvas, o ato realizado na Praça da Sé contou com "*extraordinário*" comparecimento popular, além da presença de líderes de movimentos sindicais, estudantis e de importantes figuras políticas, sendo de destaque o ensaio da peça "Pátria ou Muerte" de Gianfrancesco Guarnieri, realizado em meio ao ato. A matéria terminou apontando a atuação dos parlamentares da FPN e

²⁰⁰ DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 19 de abril de 1961, n. 10066, p. 11. Diário.

²⁰¹ Ibid. p. 11.

²⁰² Ibid. p. 11.

²⁰³ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 20 de abril de 1961, n. 3321, p. 2, Diário

destacou a nota emitida pela embaixada dos EUA, na qual negou todo envolvimento de seu país com as atividades contrarrevolucionárias em Cuba.²⁰⁴

Por fim, na parte inferior da página foi publicado o artigo "*Não Queremos Uma Espanha ou Uma Coréia em Terras da América*", de característica editorial. Neste texto, o *UH* procurou responder abertamente as críticas decorrentes do apoio que dava ao governo cubano e as manifestações pró-Cuba ocorridas no Brasil, afirmando que era "*impressionante a unanimidade da opinião pública nacional na condenação à tentativa de derrubada de Fidel Castro pela violência e má disfarçada intervenção estrangeira*", e prosseguiu indicando que era "*inútil e ridícula a atitude de setores da imprensa mais reacionários e elementos das classes mais retrógradas*" que para encobrir este fato, destacavam o envolvimento de comunistas na organização das manifestações favoráveis ao regime revolucionário cubano.

Cabe aqui mencionar que o *UH* não negou a existência de comunistas nos protestos, pois afirmou inclusive ser "*inevitável*" que suas vozes fossem ouvidas naquelas circunstâncias. Porém, esclareceu que o seu compromisso era com o "*sagrado princípio de autodeterminação dos povos*" e reafirmou sua concordância com a posição "*anticolonialista e anti-intervencionista*" do presidente Jânio Quadros e de líderes da situação e oposição, José Sarney e Almino Afonso respectivamente, que também expressavam seu descontentamento frente a invasão a Cuba. O *UH* reafirmou seu objetivo de manter-se como um "*jornal independente e livre*" e como tal, criticar ambos os lados do campo político, concluindo com um forte parecer negativo sobre Carlos Lacerda, considerando-o um demagogo, ao utilizar as próprias palavras do governador veiculadas pelo *Tribuna da Imprensa* em julho de 1960, nas quais afirmou que "*Brasil não Permitirá Tocar Num Fio da Barba de Fidel*"²⁰⁵

A posição do *Última Hora* contrastou diretamente com as considerações emitidas por Danton Jobim, em sua coluna no *Diário Carioca* do mesmo dia. Nesta, o posicionamento do diretor vice-presidente do jornal pode ser percebido logo no título: "*Lacerda é quem está com a Razão*". No texto Jobim caracterizou a Revolução Cubana em sua fase inicial como digna de entusiasmo e exaltação, e portanto conquistou o respaldo não só da imprensa estadunidense, mas também dos "*Homens de prestígio no seio do Partido Democrata*", destacando que estes jamais tiveram ligação com a tirania e violência do governo de Batista, salientando inclusive, uma suposta postura católica e liberal de Fidel Castro.²⁰⁶

²⁰⁴ Ibid. p. 2.

²⁰⁵ Ibid. p. 2.

²⁰⁶ DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 20 de abril de 1961, n. 10067, p. 4, Diário

Porém, em seguida, descreveu a maneira como a "*revolução cubana foi traída*" por Fidel Castro, semelhante as palavras de Carlos Lacerda quando o udenista exaltou a invasão contrarrevolucionária em Cuba. Para o colunista, a postura do governador da Guanabara, além de ser merecedora de aplausos, era "*justa, enérgica e precisa*", uma vez que também contestava o posicionamento do presidente Jânio Quadros.²⁰⁷

As posições dos periódicos divergiam em relação aos acontecimentos e os conflitos tornaram-se evidentes. Em um campo constituído, afirma Pierre Ansart "o sistema de produção ideológica exerce seus efeitos de campo sobre suas partes e estas não podem fugir deles sem se arriscar a perder sua presença no cenário". Por sua vez, continua o autor, os locutores de diferentes matrizes ideológicas passam a representar-se como portadores não só da verdade, mas como dos dignos valores, apresentando-se como propagadores de causas que os transcendem. Desta maneira, as rivalidades entre estes locutores aparentam não possuir "consistência própria", escamoteando a própria lógica do campo: a obtenção de poder simbólico. A produção simbólica, por sua vez, possui por característica primária, angariar audiência e atenção do público para que o locutor aja e represente uma imagem positiva de si e negativa do rival. Para obter o ganho de poder simbólico é necessário que o agente preze pela frequência e qualidade de suas intervenções, de maneira que elas se alinhem as determinações do campo em que são produzidas.²⁰⁸

No que concerne as indicações acima citadas, pôde-se perceber aspectos do conflito quando o *UH* colocou-se como *um jornal livre e independente* e crítico tanto da ideologia de esquerda quanto da direita, para servir ao *ethos* do público e cativá-lo, atribuindo a si próprio uma conotação positiva e desvalorizando seus adversários, representados por Carlos Lacerda e os grupos conservadores, afinal para cada enunciador tanto individual quanto coletivo:

o campo de produção é simultaneamente um campo de posições diferenciadas. Ao sistema global de significados corresponde o campo das posições. Para cada um, expressar uma posição é "tomar posição" na área simbólica, situar-se no espectro dos possíveis e indicar seus adeptos e seus adversários. A expressão acha-se positivamente no espectro simbólico. A identidade ideológica se faz pela designação do lugar, pela diferenciação e identificação em relação aos demais locutores.²⁰⁹

O artigo de Danton Jobim no *DC*, tem posicionamento similar, pois criou para a figura do então governador da Guanabara uma representação positiva e sensata e enumerou as suas qualidades ao mesmo tempo que desvalorizou a imagem de Fidel Castro ao denominá-lo de

²⁰⁷ Ibid. p. 4.

²⁰⁸ ANSART, P. *Op. cit.* p. 79-80.

²⁰⁹ Ibid. p. 81.

"filocomunista" e inimigo da liberdade e da democracia, valores enfatizados pelo autor como "direito imamente das grandes revoluções".

O dia 20 de abril de 1961 foi o último de grande destaque aos protestos pró Cuba, uma vez que a operação contrarrevolucionária na ilha havia fracassado e as notícias já confirmavam a vitória do governo de Fidel Castro.

Apesar do curto período de circulação das matérias sobre Cuba, pode-se inferir que o *Diário Carioca*, embora não criasse de forma explícita representações negativas às manifestações, implicitamente ao ressaltar a ação policial e alguns transtornos gerados durante o evento, caracterizou os protestos como um movimento organizado por desordeiros, enquanto o *UH* atribuía aos manifestantes a imagem de solidários e justamente indignados.

Sobre a cobertura das manifestações pelo *DC* importa ressaltar o fato de o periódico se configurar como um dos pioneiros em separar opinião de informação, separação muito difundida neste período de modernização do jornalismo. Portanto, é sintomático que as notícias publicadas no periódico tivessem, *a priori*, um tom meramente informativo e as opiniões estivessem ligadas somente a espaços destinados aos colunistas, embora compreende-se que a suposta neutralidade que o campo jornalístico pretende ao informar, escamoteia os mais variados interesses políticos, ideológicos e econômicos que o permeiam.²¹⁰

Os discursos apresentados nos dois jornais visavam públicos distintos. O *DC*, como já mencionado servia a um extrato social de classe média e alta e politicamente mais conservador. Porém, apesar das críticas e até mesmo do apoio a invasão de Cuba, publicado na coluna de Danton Jobim, as manifestações favoráveis ao país caribenho não foram colocadas para discussão em suas sessões opinativas, possivelmente devido a participação de influentes parlamentares petebistas nestes atos e tendo em vista que o PSD e PTB integravam o mesmo bloco político, uma crítica direta as manifestações poderia ressoar negativamente ao periódico.

Em contraponto, os leitores do *UH* eram em sua maioria, provenientes das classes médias e baixas e muitas vezes engajados com as lutas sociais das esquerdas. A relação entre o periódico e seu público leitor pode ser comprovada pelo contato direto do jornal com os defensores de Cuba, que como os grupos voluntários do Rio de Janeiro e Belo Horizonte, pretendiam lutar pelo governo de Fidel Castro e procuraram o *Última Hora*, como

²¹⁰ ANSART, P. *Op. cit.* p. 86.

mencionado, para expressar suas posições, pois sabiam que encontrariam respaldo neste periódico.

O *UH* não escondeu seu apoio ao governo de Fidel Castro e aos manifestantes no Brasil e a clara mistura entre opinião e informação foi perceptível, destacando-se como um aspecto marcante deste periódico.

O episódio da Invasão da Baía dos Porcos aliás, evidenciou as rachaduras na base do governo Jânio Quadros e o discurso em defesa da autodeterminação de Cuba tornou-se cada vez mais incompatível com os interesses dos grupos conservadores liderados por Carlos Lacerda, que até então forneciam o suporte ao presidente.

As medidas adotadas por Jânio Quadros no campo diplomático e também no nacional com as propostas de reforma agrária e a lei antitrustes, refletiam negativamente em sua base de apoio e não compactuavam com os interesses estadunidenses. Por outro lado, as medidas de austeridade econômica, que incluíram o congelamento de salários e corte nos subsídios governamentais, gerando o aumento no custo de vida minaram o seu apoio popular, fragilizando ainda mais a sua posição na presidência da República.²¹¹

A condecoração de Guevara com a Ordem do Cruzeiro do Sul em agosto de 1961, foi a gota d'água para que Jânio Quadros fosse abandonado por muitos de seus apoiadores, inclusive Carlos Lacerda,²¹² que por sua vez, articulou a derrubada do então presidente.²¹³

Cinco dias após a condecoração de Che Guevara, Jânio Quadros renunciou a presidência de forma inusitada. Uma das teorias mais aceitas pelos historiadores, segundo Marcos Napolitano é a de que Quadros empreendeu um "auto-golpe", pois confiante na sua expressiva votação, o presidente acreditava que conquistaria o apoio popular suficiente para regressar com amplos poderes, pois sabia que para os setores conservadores era preferível aceitar suas propostas do que ter João Goulart na presidência.²¹⁴

Todavia, o Congresso aceitou sem contestar o pedido de renúncia e as esperanças de Jânio Quadros caíram no vazio: ele não era mais o presidente. O país enfrentou uma crise política e uma Junta Militar composta por três ministros foi formada com o objetivo de impedir a posse do então Vice-Presidente João Goulart, que se encontrava na China em viagem diplomática.²¹⁵

²¹¹ MONIZ BANDEIRA, L. A. (a) *Op. cit.* p. 21.

²¹² NAPOLITANO, M. 1964: *História do Regime Militar Brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2014. p. 32.

²¹³ Em resposta a condecoração de Guevara, Lacerda entregou as chaves do Rio de Janeiro ao líder contrarrevolucionário cubano Manuel Antonio Varona. BEZERRA, Gustavo Henrique Marques. *Op. cit.* p. 125.

²¹⁴ NAPOLITANO, M. *Op. cit.* p. 32-33.

²¹⁵ *Ibid.*

Sobre a renúncia do presidente, o *Diário Carioca* avaliou o episódio tecendo pesadas críticas a Jânio Quadros no editorial intitulado "*O Único Responsável*". O texto aponta uma pesada crítica ao ex-presidente descrito pelo jornal como uma figura "*maquiavélica*", "*mesquinha*" que, com suas práticas alienou tanto a classe trabalhadora quanto a classe empresarial do país. Além disto, o *DC* foi enfático ao criticar a política externa do governo quando declarou que: "*Ao aliar-se à Cuba de Fidel Castro e ao aproximar-se da União Soviética e da China de Mao Tsé Tung, estava o sr. Jânio Quadros preparando em nosso país uma luta fratricida*", para, de acordo com o jornal, tirar proveito pessoal.²¹⁶

A aproximação com os países socialistas foi mal vista pelo *DC*, pois segundo o periódico, o Brasil que estava voltando-se para "*problemas autenticamente brasileiros*", com a instauração da PEI, abriu o caminho para "*uma luta ideológica de que o nosso povo há muito vinha se alheando*".²¹⁷ Portanto, a partir deste editorial, pôde-se perceber os motivos que geraram o posicionamento negativo do *DC* em relação as manifestações a favor de Cuba, uma vez que para o jornal, estas eram sintomas da "*luta fratricida*" gerada pelo suposto alinhamento do Brasil ao bloco socialista, durante a administração de Jânio Quadros.

Do ponto de vista teórico, este editorial do *DC* pode ser vislumbrado como um *discurso ideológico*, pois atribuiu à figura de Jânio Quadros elementos simbólicos explicitamente negativos e buscou apresentar as ações do ex-presidente como causadoras de um grande mal social.²¹⁸

Dentro deste conturbado ambiente político, a ação orquestrada pela Junta Militar para impedir a posse de João Goulart gerou fortes protestos de variados setores da sociedade. O governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, indignado com a situação, deu início a Campanha da Legalidade, que pretendia assegurar a posse de Jango, até mesmo pela luta armada.

Uma das táticas mais empregadas pelos legalistas foi a utilização da radiodifusão para disseminar informações sobre a situação política do país, ação que mobilizou diversos segmentos sociais em apoio a Campanha. A iniciativa pela legalidade contou com o suporte de quase toda a mídia impressa, com a exceção dos jornais *Tribuna da Imprensa* e *O Globo*. Já o *Última Hora* e o *Diário Carioca* se posicionaram, conforme suas afinidades políticas, a favor da posse de João Goulart.²¹⁹

²¹⁶ DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 29 de agosto de 1961, n. 10169, p. 4, Diário

²¹⁷ Ibid. p. 4.

²¹⁸ Ansart, P. *Op. cit.* p. 215

²¹⁹ NAPOLITANO, M. *Op. cit.* p. 34 e 35.

A delicada situação política brasileira refletiu no exterior, com destaque para as palavras de Fidel Castro sobre a renúncia de Jânio Quadros, a qual o líder cubano atribuiu "*a pressão imperialista dos EUA*"²²⁰. A repercussão das declarações de Castro foi inevitável e enquanto o *UH* não teceu qualquer comentário sobre o discurso do líder cubano, o *Diário Carioca* encarou as palavras de Castro como uma "*intromissão*" nos assuntos nacionais.

A partir deste momento, o *DC* na seção "*Nossa opinião*", colocou em circulação bens de significado ideológico ao caracterizar Fidel Castro como "*ditador vermelho*", "*totalitário*" que via com "*sórdido deleite*" a possibilidade de se imiscuir na vida política brasileira, visando a propagandear seu próprio regime. Em contraponto, o texto afirmava que o povo brasileiro não foi afetado pela suposta intromissão, pois apresentava maturidade política ao escolher a democracia como forma de governo. Para buscar legitimidade ao seu discurso, alerta Bourdieu, as instituições falam em nome de todos e neste caso específico o *DC* falou em nome do povo brasileiro. O texto foi finalizado com um pedido ao próximo presidente de posse de seus poderes para que reavaliasse a posição do Brasil frente a Cuba e seu regime.²²¹

A crise política no Brasil beirou a uma guerra civil quando o III Exército, enviado ao Rio Grande do Sul para reprimir Brizola e seus apoiadores, uniu-se aos legalistas que, com o apoio do Congresso Nacional, isolou os ministros militares. A fim de oferecer uma saída honrosa aos integrantes das Forças Armadas contrárias a posse de Jango, os congressistas articularam um acordo no qual Jango deveria assumir o governo sob regime parlamentarista.²²²

Mesmo a contragosto, o acordo foi aceito por Jango e independente das suspeitas levantadas sobre a nova forma de governo, tanto pelas direitas quanto pelas esquerdas, no dia 7 de setembro de 1961 João Goulart assumiu a Presidência da República.²²³

2.2 "O Barril de pólvora do Caribe ameaça explodir:" Crise dos Mísseis e a dicotomização entre o DC e UH.

Passado o episódio na Baía dos Porcos, as tensões entre os EUA e Cuba, não diminuíram e a administração Kennedy humilhada ante ao fracasso de sua operação começou a desenvolver novos planos de intervenção armada em Cuba. Entre algumas das iniciativas utilizadas por Washington, um falso ataque a Guantánamo apresentou-se como a alternativa mais viável para legitimar a ação do exército dos EUA contra Castro.²²⁴

²²⁰ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1961, n. 3428, p. 6, Diário

²²¹ DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 5 de setembro de 1961, n. 10175, p. 4, Diário

²²² Ibid. p. 4.

²²³ Ibid. p. 4.

²²⁴ MONIZ BANDEIRA. L. A. (b) *Op. cit* p. 341

Porém, as iniciativas esbarravam em dois obstáculos: o primeiro consistia na rejeição a qualquer ação por parte da opinião pública estadunidense, como também de boa parte dos países da América. Já o segundo empecilho era representado pela URSS que, por sua vez, poderia reagir agressivamente contra algum território que estivesse sob a proteção estadunidense, como por exemplo a Grécia, Berlin Ocidental, Irã ou Turquia, conduzindo o planeta a uma terceira guerra mundial.²²⁵

Restava ainda a Washington, convencer os demais países americanos de que uma invasão a Cuba era necessária para conter o avanço do comunismo no continente. Para tanto, os EUA organizaram na reunião do Conselho Interamericano Econômico e Social (CIES), realizado em Punta del Leste em agosto de 1961, a Aliança para o Progresso, na qual propuseram a alocação de 20 bilhões de dólares em ajuda ao desenvolvimento na América Latina em um prazo de 10 anos. Após explanarem sua proposta; os embaixadores estadunidenses se reuniram com representantes dos demais países latino americanos para discutir a situação de Cuba, na esperança de que o apoio necessário fosse conquistado. Todavia, os chanceleres latino-americanos não estavam dispostos a destruir Cuba: "*la gallina de los huevos de oro*".²²⁶

No entanto, Moniz Bandeira apresentou uma interessante proposição sobre a finalidade de programas como a OPA e a Aliança para o Progresso. Para o historiador, por meio destas iniciativas, os EUA encorajavam os militares latino-americanos a se engajarem na política de seus países, de forma que a tradicional atuação de defesa em caso de ataques externos por parte das Forças Armadas foi, pela influência estadunidense, substituída por uma função policial com o objetivo de reprimir quaisquer atividades do "inimigo interno", representado pelos movimentos de esquerda, em especial os que se inspiravam na Revolução Cubana. Ainda segundo o autor, as insurreições militares que aconteceram no Brasil, a exemplo do impedimento da posse de João Goulart, como em outros países latino-americanos, estavam conectadas a recusa destes governos de romperem com Havana. Portanto, continuou o historiador, o conflito entre Estados Unidos e Cuba foi responsável pela política nacional destes estados.²²⁷

Por outro lado, mesmo após enfrentar uma crise política interna, o Brasil não alterou a sua posição em relação a Cuba e continuou a defender a não intervenção na ilha,

²²⁵ Ibid. p. 341-343.

²²⁶ Ibid. p. 345-348.

²²⁷ Ibid. p. 356-357.

incomodando Washington,²²⁸ que manteve o desejo de destruir Fidel Castro e seu governo. Em 3 de novembro de 1961, os EUA autorizaram a Operação *Mongoose*²²⁹, que objetivava sabotar o governo cubano de todas as maneiras possíveis, sobretudo as relações que mantinha com os países latino-americanos, a ponto de os governos do Peru e Venezuela romperem relações com a ilha.²³⁰

No Brasil, João Goulart manteve a defesa da soberania e a autodeterminação de Cuba, ao mesmo tempo que condenava o comunismo e exaltava as virtudes dos governos democráticos, acreditando que Cuba poderia ser influenciada pelos preceitos da democracia, caso parasse de sofrer sucessivas punições e isolamentos.²³¹

Por sua vez, neste conturbado contexto de crescentes hostilidades contra a ilha, Fidel Castro declarou-se um marxista-leninista, fato que entrava em plena contradição com seus discursos no início do governo revolucionário. Aliás, para garantir mais apoio soviético Castro precisou ir além, condicionando as instituições revolucionárias cubanas aos moldes do Bloco Socialista, dificultando assim a posição dos países que defendiam a não agressão a Cuba.²³²

Os planos da diplomacia brasileira de neutralização da ilha frente ao estado de Guerra Fria, pautados na Declaração de Santiago, que tinha caráter anticomunista e foi assinada pelo líder cubano em 1959, fracassaram totalmente após as declarações de Castro e a subsequente postura ideológica adotada por seu governo.²³³

Entretanto, nos encontros da Comissão de Planejamento sobre a VIII Reunião de Consulta da OEA, realizados em dezembro de 1961, o Itamaraty diplomaticamente evidenciou que a defesa da autodeterminação cubana não ocorria por uma simpatia ideológica do governo brasileiro para com o regime de Castro, atribuindo este comportamento a gestão anterior de Jânio Quadros, como forma de demonstrar que o governo Goulart não compactuava com o comunismo e reconhecia o caráter antidemocrático do governo cubano. Em outras palavras, a posição adotada pela atual administração brasileira estava ligada aos

²²⁸ Ibid. p. 368

²²⁹ Esta operação, supervisionada por Robert Kennedy, irmão do então presidente, tinha como objetivo promover atividades clandestinas contra Cuba, que burlavam as próprias leis dos EUA e os tratados internacionais assinados por este país. A proposta desta ação era causar uma revolta interna em Cuba que justificasse a intervenção armada estadunidense, empregando desde ataques a economia, táticas de guerra psicológica e as mais variadas ações terroristas como o assassinato dos líderes revolucionários cubanos, especialmente Fidel Castro. MONIZ BANDEIRA. L. A. (b) *Op. cit.* p. 418-425

²³⁰ Ibid. p. 374-377.

²³¹ BEZERRA, Gustavo Henrique Marques. *Op. cit.* p. 142-143.

²³² MONIZ BANDEIRA L. A. (b) *Op. cit.* p. 379-381.

²³³ BEZERRA, Gustavo Henrique Marques. *Op. cit.* p. 148-150.

tratados previamente assinados e estes garantiam a soberania de Cuba e dos demais países americanos.²³⁴

Os diplomatas brasileiros representados pelo Chanceler San Tiago Dantas, mantiveram a posição anti-intervencionista, liderando Chile, Bolívia, México e Uruguai contra os demais países latino-americanos que muito evocavam preceitos de extrema direita e desejavam a destruição do regime de Castro a qualquer custo.²³⁵

Não obstante, no Brasil, a polarização dava o tom ao cenário político daquele momento e não foi aleatório que, ao longo do ano de 1962, a Política Externa Independente (PEI) passasse a ser fortemente criticada. A atuação brasileira em defesa da soberania e especialmente da não exclusão de Cuba da OEA, na Conferência de Punta del Este realizada em janeiro de 1962, provocou expressivos protestos de grupos conservadores que receberam apoio da grande imprensa.²³⁶

As inquietações provenientes da política externa se imiscuíram no plano da política nacional brasileira e muitos exemplos destas tensões foram amplamente fornecidos pelos jornais, entre eles o *DC* e o *UH* que apresentaram explicitamente suas divergências em relação a PEI e as questões cubanas.

O *Última Hora* destacou a tensão política em uma de suas manchetes, que alertavam: "*San Tiago dá a Última Palavra do Brasil para Punta del Este: Não-Agressão a Cuba por Força do Respeito à Sua Soberania*". Nesta edição, na coluna de caráter editorial "*Roteiro do Padrão- UH*", o jornal elogiou a postura de San Tiago Dantas, "*Insuspeita*" para "*as classes dirigentes, para Forças Armadas, para a Igreja e até mesmo para os Estados Unidos. Suspeito(...) ele é só para os pichadores do MAC*"²³⁷. O jornal prosseguiu salientando a firmeza e a inteligência da posição do Ministro frente aos seus detratores, aos quais o *UH* atribuiu a condição de "*terroristas*".²³⁸

O *UH* também informou sobre um atentado a bomba realizado por membros da extrema direita em sua sede paulista, fato que ilustra o grau de polarização existente no Brasil

²³⁴ Ibid. p. 148-150

²³⁵ Ibid. p. 148-150

²³⁶ Ibid. p. 175.

²³⁷ Movimento Anticomunista era uma organização paramilitar composta por membros da extrema direita, este grupo coordenava diversas ações, por vezes violentas, contra políticos e agremiações de esquerda. O grupo também contava com o suporte de empresários, estudantes, religiosos, militares e políticos simpáticos a sua causa, o que dificultava a atuação contrária a este grupo. Seus membros muitas vezes eram integrantes de outras instituições conservadoras, como o IBAD e o mais articulado IPES, que aconselhava seus membros integrantes do MAC a negar publicamente qualquer envolvimento com o grupo radical. Entre alguns dos acusados de integrar o MAC estavam o empresário Gilbert Huber, e o general Golbery do Couto e Silva, ambos do alto escalão do IPES. DREIFUSS, René Armand. *1964: A conquista do Estado*. Ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis: Vozes, 1981. p. 261

²³⁸ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1962, n.3545, p.1, Diário

e demonstra que a posição do jornal de Samuel Wainer frente as esquerdas, a Política Externa Independente e a Cuba, motivaram o atentado.²³⁹

Se por um lado, o apoio do *UH* a San Tiago Dantas e a política externa foi inabalável, para o *Diário Carioca*, comandado pelo Arnon de Mello, as ações do Ministro eram dignas de uma enxurrada de críticas. Entre as mais contundentes pode-se citar o texto denominado "*San Tiago contra Santiago*", que discorreu sobre a intenção do chanceler de neutralizar Cuba frente a Guerra Fria, classificando-a como "*ideia de jerico*" uma vez que o governo de Castro era "*inimigo da paz, do pan-americanismo e da dignidade da pessoa humana*", e prosseguiu com acusações carregadas de conotações anticomunistas, finalizando com a denúncia de um envolvimento direto de San Tiago no suposto apoio ao regime cubano que realizava.²⁴⁰

Apesar disto, a imagem do presidente João Goulart era poupada pelo *DC*, que enquanto bombardeava San Tiago Dantas com duras críticas, retratava o presidente de maneira peculiar. Na matéria intitulada "*Jango é Conservador mas sofre Influência*", o jornal relatou uma reunião entre o presidente e empresários e concluiu que Jango era "*influenciado pelos elementos de esquerda e extrema esquerda*" que o cercavam, listando os nomes de supostos comunistas que integravam o governo.²⁴¹

Na mesma edição, na coluna de Danton Jobim, a atuação de João Goulart durante a visita do presidente de Cuba Osvaldo Dorticós foi digna de exaltação. Para o jornalista, Jango deixou claro ao oficial cubano a posição contrária do Brasil em relação ao governo de Fidel Castro, logo para Jobim, a verdadeira posição de Jango em relação a ilha não compactuava com a postura de San Tiago Dantas, que se apresentou para a América como "*o grande protetor do comunismo cubano*".²⁴²

Os ecos criados pela atuação brasileira na Conferência de Punta del Este não cessaram e prosseguiram durante o ano de 1962. A PEI também incomodava o *Diário Carioca* pois, de acordo com o jornal, colocava em risco as relações entre o Brasil e seu aliado natural: os Estados Unidos da América. Tal incômodo tornou-se evidente na coluna "*Política Externa Independente*", na qual Danton Jobim deixou claro que o Brasil devia continuar com a defesa do continente perante o comunismo e portanto reconhecer que o Brasil permanecia "*na órbita do interesse dos Estados Unidos, os quais neste particular são os de toda América que não está cubanizada, nem deseja cubanizar-se*".²⁴³

²³⁹ Ibid. p. 1.

²⁴⁰ DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 1962, n. 10.386, p. 1, Diário

²⁴¹ DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1962, n. 10.389, p. 1, Diário

²⁴² Ibid. p. 4.

²⁴³ DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 24 de abril de 1962, n. 10.462, p. 4, Diário.

Apesar de contar com o apoio do *UH* e do *DC*, João Goulart enfrentava a crítica de grupos conservadores que tomavam a proteção da soberania cubana como "defesa do comunismo" por parte não só de San Tiago Dantas, como também do Presidente e de vários membros de sua administração. Ademais, a própria esquerda brasileira começou a radicalizar na defesa do processo revolucionário cubano, aumentando ainda mais a pressão sobre Jango e seus pares.

Importa aqui lembrar que além do contexto de polarização ideológica, Jango assumiu o Brasil em uma delicada situação econômica, devido as consideráveis dívidas contraídas pelos governos de JK e Jânio Quadros. O governo também era pressionado por órgãos internacionais para implementar políticas de austeridade muitas vezes contrárias as bases ideológicas do trabalhismo. Para João Goulart a melhor proposta para o país consistia na aprovação das Reformas de Base ²⁴⁴, que visavam a nacionalização das indústrias, democratização da posse da terra e o aumento do mercado interno como saída para a crise. Porém, as reformas esbarravam nos interesses das elites conservadoras, que as vislumbravam como uma ameaça aos seus privilégios, contribuindo para o ambiente hostil presente no cenário político brasileiro.

João Goulart jamais objetivou a implantação do comunismo no Brasil como afirmavam seus opositores, e sim desenvolver o capitalismo brasileiro de forma mais justa para assim diminuir a desigualdade social, democratizando a cidadania e a propriedade. Era, segundo Moniz Bandeira, um reformista e não um revolucionário.²⁴⁵

Entretanto, os opositores do trabalhismo (que desde a morte de Getúlio Vargas se fortaleciam), com o intuito de inviabilizar no Brasil a atuação de qualquer governo simpático as esquerdas, recorreram a Washington que alarmada com o processo revolucionário cubano, não vacilaria outra vez na preservação de seu domínio sobre os demais países americanos.

Durante as administrações de Jânio Quadros e João Goulart, passaram a atuar no Brasil instituições como o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES) e o Instituto

²⁴⁴ As Reformas de Base constituíam em um conjunto de medidas que alterariam vários pontos da estrutura socioeconômica e política brasileira, neste conjunto destaca-se a Reforma agrária: Mexendo na estrutura do latifúndio, sendo a mais importante e controversa proposta. Reforma política: Direito ao voto para os analfabetos e militares de baixa patente, juntamente com a legalização do Partido Comunista Brasileiro. Reforma fiscal: Pretendia aumentar a tributação e arrecadação do estado e limitar as remessas de lucros das empresas estrangeiras que agiam no Brasil. Reforma Educacional: Visando um combate intensivo contra o analfabetismo, e reformando o ensino universitário. Reforma Urbana: Conjunto de medidas que pretendiam evitar a aglomeração nas cidades e fornecer moradias dignas a todos. Reforma bancária: Pretendia agir com os bancos para facilitar o crédito aos produtores. MOREIRA, Cassio, Silva. *O projeto de nação do governo Goulart: o plano trienal e as reformas de base (1961-1964)*. 2011. 404p. Tese (Doutorado em Economia) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. p 260-261.

²⁴⁵ MONIZ BANDEIRA. L. A. (a) *Op. cit.* p.178-179.

Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), ambas com contatos próximos a CIA. Estas organizações reuniam um quadro de empresários, militares, religiosos e políticos engajados em desestabilizar e sabotar o governo de João Goulart nos mais diferentes âmbitos da sociedade brasileira, e para tanto estavam muito bem municiados com instruções e capital proveniente do exterior, além da já maciça contribuição que recebiam de membros das elites nacionais.²⁴⁶

O IPES iniciou sua atuação ao final do ano de 1961 e ao longo de 1962 penetrou na Escola Superior de Guerra, conquistando adeptos nos mais altos cargos militares brasileiros. Sua presença foi percebida também, entre os mais variados meios de comunicação, como a imprensa escrita, especialmente por conta de suas conexões perante as agências de publicidade²⁴⁷ que, como exposto anteriormente, tinham seu controle exercido no estrangeiro e já se configuravam como uma das maiores financiadoras dos jornais.

Ocasionalmente o *Última Hora* e o *Diário Carioca* estampavam anúncios e textos pagos pelo IPES, e a criação desta instituição chegou a ser celebrada pelo *DC* na matéria denominada "*Uma Grande Ideia*", na qual afirma entusiasticamente, a iniciativa dos homens de empresa em criar tal instituto "*patriótico*" que tinha entre seus vários pressupostos, a aceleração do desenvolvimento do país, a promoção de melhores condições de vida para os brasileiros e a preservação da unidade nacional. O texto finaliza com os sinceros votos que o IPES "*tenha vida longa e obtenha resultados a curto prazo, em suas atividades!*"²⁴⁸

Em poucos meses, o entusiasmo cedeu lugar a várias críticas por parte de alguns periódicos que perceberam a influência do IPES na imprensa brasileira. O *UH* por exemplo, alertou para a iniciativa das classes conservadoras de monopolização da informação e da opinião, salientando que o IPES se encontrava por trás destas ações e que "*neste caso, a própria Constituição Nacional estaria sendo violentada*"²⁴⁹.

A atuação do IPES e IBAD, passou a preocupar ainda mais a base de apoio governista, após as eleições de 7 de outubro de 1962, nas quais os candidatos da oposição conquistaram expressivos resultados tanto nos governos estaduais quanto para o legislativo federal. O crescimento da oposição não foi aleatório, uma vez que, muitos candidatos conservadores, antitrabalhistas e anticomunistas que se opunham as reformas de base, receberam maciças contribuições financeiras em suas campanhas por meio do IBAD.²⁵⁰

²⁴⁶ Ibid. p. 65.

²⁴⁷ Ibid. p. 66-67

²⁴⁸ DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 03 de fevereiro de 1962, n. 10.399, p. 4, Diário.

²⁴⁹ ÚLTIMA HORA, Niterói, 17 de abril de 1962, n.831, p. 4, Diário

²⁵⁰ MONIZ BANDEIRA. L. A. (a) *Op. cit.* p.68-69.

Um dos exemplos da fortíssima ofensiva conservadora promovida por estas entidades foi fornecido pelo tradicional periódico *A Noite*. Este jornal que apoiava candidatos trabalhistas, assinou um contrato no valor de cinco milhões de cruzeiros com a agência de propaganda *Incrementadora de Vendas Promotion*, comandada por Ivan Hasslocher, fundador do IBAD. A partir deste contrato, assinado antes das eleições de outubro, *A Noite* promoveu os candidatos financiados pela instituição, enquanto retratava de forma negativa os candidatos trabalhistas, deixando claro que sua posição ideológica estava totalmente submetida a do IBAD²⁵¹.

Os grupos que apoiavam Jango, trataram de expor esta situação e Leonel Brizola, em seu programa de rádio, proferiu a leitura da cópia do contrato entre *A Noite* e a agência de Hasslocher.²⁵² O escândalo também foi noticiado efusivamente pelo *Última Hora* por meio da reportagem "*MAC quer dividir o país: Eis as Provas*", que destacava na capa uma impressão do contrato entre *A Noite* e os grupos contrários ao governo.²⁵³

Na coluna "*Na Seara Alheia*", organizada por João Respiga, pode-se perceber pelas duras palavras utilizadas pelo colunista, que a posição do *DC* em relação ao IPES e seus pares havia se modificado, dado aos ataques destes grupos ao governo Goulart. Na matéria denominada "*Clandestino e Antinacional*", as instituições conservadoras como o IBAD e o MAC, foram comparadas a *Ku-Klux-Klan* que teriam como "*denominadores comuns, o reacionarismo e a clandestinidade*".²⁵⁴

Durante o período das eleições buscou-se iniciar uma CPI para investigar as atividades do IBAD e da Ação Democrática Popular (ADEP), que agia mais diretamente com a promoção de campanhas conservadoras. No entanto, a comissão foi postergada para maio de 1963 e as revelações de que o IBAD e seus institutos associados eram de fato financiados pelo estrangeiro foram o suficiente para que o Presidente João Goulart decretasse a suspensão de suas atividades, embora os objetivos destas organizações já estivessem praticamente atingidos.

Ainda sobre as influências exercidas por tais grupos, pode-se citar o caso do colunista Arapuã do *Última Hora*, que comandava a seção "*Ora Bolas*", de teor humorístico. A seção apresentava anedotas e sátiras sobre temas diversos, mas muitas vezes ironizava os políticos conservadores como Carlos Lacerda, o governo dos EUA e as ocorrências do campo político tanto nacional quanto internacional. Um dos exemplos da irreverência e crítica do colunista

²⁵¹ SODRÉ, Nelson Werneck, *Op. cit.* p.431

²⁵² *Ibid.* p. 431.

²⁵³ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 03 de setembro de 1962, n.3738, p.1, Diário.

²⁵⁴ DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1962, n. 10.633, p. 4, Diário.

pode ser notado na anedota " –IPES diz que vai acabar com o analfabetismo em 10 anos, com os dólares da Aliança. –Em Cuba sem os dólares, contra os dólares, acabaram em 1 ano."²⁵⁵

As declarações na "Ora Bolas" que incluíam críticas aos conservadores brasileiros e aos EUA, bem como qualquer exaltação explícita as iniciativas cubanas, cessaram em agosto de 1962, pois ao ser intimado a suprimir as críticas a Washington, Arapuã preferiu a demissão a ter que continuar com sua liberdade restringida. Em sua carta de despedida o colunista escreveu: "*Não culpo e espero que não culpem U.H. Manteve-se até onde pôde. O cerco do poder econômico porém, cada vez se torna mais implacável. E foram eles – e não UH, afinal de contas uma empresa capitalista e que precisa sobreviver – foram eles os autores remotos desta despedida*"²⁵⁶.

Neste tom crítico, que finalizou com uma menção sobre a necessidade de se lutar contra "*os autores remotos desta despedida*"²⁵⁷ que Arapuã deixou o *Última Hora*, evidenciando assim o grau de influência exercido pelo IPES e o IBAD na imprensa brasileira.

Se no Brasil a atuação dos grupos conservadores em conluio com os interesses estrangeiros causava consideráveis reveses ao governo de João Goulart; em Cuba a situação apresentava-se igualmente delicada. Não obstante as agressões provenientes de Washington, Fidel Castro lidava com uma tentativa de golpe por parte de comunistas ligados a figura de Aníbal Escalante que, pautados em Moscou, queriam derrubá-lo por julgá-lo incontrolável. Porém, a tentativa de golpe fracassou, restando a União Soviética aceitar Castro e o caráter socialista da Revolução Cubana em 11 de abril de 1962.²⁵⁸

Os soviéticos também aprovaram o envio de mísseis à Cuba, com instrutores e um regimento do Exército Vermelho há tempos solicitados por Castro. De acordo com Moniz Bandeira, o Premier Nikita Khrushchev já cogitava enviar aos cubanos ogivas nucleares com o objetivo de oferecer o desarmamento de Cuba aos EUA em troca da retirada das tropas da OTAN de Berlin Ocidental.²⁵⁹

No entanto, a instalação de mísseis nucleares estadunidenses na Turquia (que ameaçava ainda mais a URSS em caso de guerra), e os constantes testes atômicos no Pacífico por parte da administração Kennedy, foram determinantes para que Khrushchev colocasse em prática a ideia de instalar mísseis nucleares em Cuba. A ação também oferecia um benefício estratégico direto, pois forneceria aos soviéticos o meio mais eficaz de atingir todo território

²⁵⁵ ÚLTIMA HORA, Niterói, 27 de março de 1962, n.813, p.12, Diário.

²⁵⁶ SODRÉ, Nelson Werneck, *Op. cit.* p.418

²⁵⁷ *Ibid.* p. 418.

²⁵⁸ MONIZ BANDEIRA L. A. (b) *Op. cit.* p. 443-444.

²⁵⁹ *Ibid.* p. 444-447.

dos EUA, colocando Washington e Moscou em paridade militar. Além disso, a presença dos mísseis na ilha, resguardariam Castro e seu regime, uma vez que impediria os EUA de continuar com os planos de invasão.²⁶⁰

Os soviéticos agiram rapidamente para instalar os mísseis pois um novo ataque a Cuba parecia iminente, devido aos exercícios de guerra no Caribe efetuados pelos EUA. Desta maneira, uma comitiva soviética foi despachada para Havana para discutir com Fidel Castro a instalação dos armamentos. A proposta era grandiosa e a URSS ofereceu além dos mísseis, um contingente de 40.000 soldados, tanques e aviões sofisticados, além de se dispor a construir uma base de submarinos na ilha, também capazes de disparar armas atômicas.²⁶¹

O líder cubano apesar de concordar com os termos, fez objeção ao fato do acordo ser efetuado secretamente, pois poderia parecer um ato pérfido, capaz de fazer com que os EUA mobilizassem a sua opinião pública e atacassem Cuba em suposta "autodefesa". Fidel Castro exigiu uma garantia da URSS, e se caso fosse descoberta a operação de instalação, os soviéticos não deixariam a ilha desamparada na luta contra os EUA²⁶², mas sobre este aspecto recebeu respostas vagas.²⁶³

Em dia 7 de julho de 1962, teve início a Operação *Anadyr*, codinome dado ao processo de transporte e instalação dos mísseis para Cuba que utilizou 85 navios. Estes realizaram 150 viagens para transportar os equipamentos da União Soviética para Cuba e o estranho aumento no fluxo das embarcações foi notado por espiões estadunidenses, que logo informaram suas descobertas a Washington.²⁶⁴

No primeiro momento, JFK buscou esconder do público a existência de mísseis nucleares em Cuba, declarando que o que havia na ilha eram aparelhos defensivos; mas o crescente fluxo de armamentos vindos da URSS alarmaram vários setores do governo estadunidense e sobretudo os países da América Central, que passaram a pressionar Kennedy para que tomasse uma atitude militar contra Cuba.²⁶⁵ A URSS por sua vez, no dia 11 de

²⁶⁰ Ibid. p. 444-447.

²⁶¹ Ibid. p. 444-447.

²⁶² A maneira secreta que os soviéticos utilizaram para tratar deste acordo, segundo Moniz Bandeira, se deve ao fato de que Khrushchev não queria atrapalhar Kennedy e o Partido Democrata nas eleições para o Congresso estadunidense, declarando que só iria tornar público o tratado com Cuba no mês de novembro daquele ano. Ibid. p. 452.

²⁶³ Ibid. p. 447-450.

²⁶⁴ Ibid. p. 456.

²⁶⁵ A pressão dos países latino-americanos conservadores sobre Washington aumentou ainda mais, quando a confirmação da presença dos mísseis de médio alcance presentes em Cuba, em 11 de outubro de 1962. AVILA, C. F. D. . *A Crise dos Mísseis Soviéticos em Cuba (1962): um estudo das iniciativas brasileiras*. Varia História (UFMG. Impresso), v. 28, p. 361-389, 2012. p 372.

setembro, alertou que qualquer ataque contra a ilha ou contra seus navios implicaria em uma guerra.²⁶⁶

Alguns setores em Washington vislumbravam o confronto nuclear com a URSS como inevitável, e tinham em mente que a superioridade tecnológica estadunidense seria capaz de aniquilar os soviéticos com um primeiro ataque e sobreviver apesar das pesadíssimas baixas. Esta possibilidade extrema encontrava respaldo principalmente nos setores das Forças Armadas dos EUA.²⁶⁷

A inquietude do momento pode ser percebida pela matéria do *DC "Rússia ameaça Guerra por Cuba"*, que tratou justamente da mensagem emitida pela União Soviética sobre a possível deflagração de uma guerra nuclear. O tom pró-EUA coadunava com as posições até então tomadas pelo periódico que apontava Cuba e a URSS como uma ameaça.²⁶⁸

Já o *UH* ao tratar sobre o mesmo assunto, não estampou em sua primeira página as tensões da política mundial, optando por destacar o tema em sua seção internacional que apresentou a matéria "*URSS aos EUA: Uma Agressão a Cuba Provocará uma Guerra Nuclear*", deixando claro no próprio título que a guerra só aconteceria em caso de agressão a Cuba, e em seu texto não apontou a URSS como uma ameaça.²⁶⁹

Além da crise envolvendo União Soviética, Cuba e Estados Unidos, era comum encontrar nas páginas do *Última Hora* e do *Diário Carioca* reportagens sobre o Plebiscito proposto por Jango para o retorno do regime presidencialista. Outro tema recorrente, sobretudo no *UH*, era a crítica a Carlos Lacerda e a associação do político as mais variadas tramas golpistas e aos "gorilas", as ingerências de seu governo, até mesmo com denúncias de corrupção.²⁷⁰

O *Diário Carioca* também adotou uma postura fortemente crítica sobre o governador carioca e seus correligionários, porém diferente da do *UH*. O editorial de Danton Jobim, por exemplo, lançou importantes considerações que ajudam a compreender a posição política de seu periódico. Denominado "*Pela União do Centro*", a matéria iniciou mencionando a frase atribuída a Juscelino Kubistchek: "*a aliança entre PSD e o PTB poderá salvar o país*", para

²⁶⁶ MONIZ BANDEIRA L. A. *Op. cit.* p 460-461.

²⁶⁷ *Ibid.* p. 460-461.

²⁶⁸ DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1962, n. 10.579, p. 1, Diário

²⁶⁹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1962, n. 3.746, p. 6, Diário.

²⁷⁰ Proveniente da Argentina, o termo era utilizado para descrever os militares que depuseram o então presidente Arturo Frondizi em março de 1962. No Brasil teve seu significado de insulto ampliado aos integrantes da extrema direita em geral e foi inicialmente utilizado pelo *UH* durante as eleições de outubro 1962, tendo em vista a polarização política do período. Subsequentemente, o restante das esquerdas adotou o termo para fazer referência aos grupos de conservadores radicais, especialmente aos integrantes do MAC. MOTTA, R. P. S. . *A figura caricatural do gorila nos discursos da esquerda*. ArtCultura (UFU) , v. 9, p. 195-212, 2008. p 200-202.

em seguida comentar que "*sempre*" considerou "*o entendimento entre esses dois grandes partidos como a combinação de forças parlamentares que melhor nos convém*", mantendo a usual prática de exaltar a figura de JK.²⁷¹

O editorial prosseguiu comentando que a posição de Carlos Lacerda e da UDN, composta por um "*reacionarismo incorrigível*", alimentava "*o desespero das massas e à propagação maior da ideologia comunista*" e declarou que os comunistas não poderiam ser aceitos, nem mesmo na união com outros partidos de esquerda menos radicais, pois promoveriam desvios dos "*caminhos legais e democráticos*".²⁷²

O editorial analisou criticamente as cúpulas sindicais brasileiras e propôs que as lideranças de esquerda que se uniram aos comunistas repensassem sobre sua atuação e voltassem a colaborar com "*líderes cristãos e democráticos*". Danton Jobim finalizou afirmando que até mesmo na Itália a coalizão entre os variados setores de esquerda e os comunistas havia se tornado insustentável, e portanto, o Brasil não precisaria de um movimento sindical inspirado ou dominado pelo comunismo.²⁷³

A análise deste discurso permite constatar que apesar das fortes críticas aos setores conservadores da extrema direita e comparações de Lacerda e seus seguidores a Hitler e aos fascistas²⁷⁴, o *DC* julgava o comunismo e suas ramificações, compreendidas não só no Brasil, mas na Itália, em Cuba e na União Soviética, como uma grande ameaça que deveria ser contida por meio da união dos setores mais conservadores do PSD junto aos trabalhistas, evitando extremismos, especialmente os das esquerdas radicais, representadas pela Frente de Mobilização Popular (FMP). Esta linha política empregada pelo periódico também pôde ser observada na cobertura das manifestações pró-Cuba durante a Crise dos Mísseis.

Em finais de setembro e início de outubro de 1962, os jornais enfatizavam as eleições no Brasil que acirravam o debate político sobre as reformas de base. Entretanto, a partir do dia 7 de outubro começaram a circular as notícias sobre o bloqueio econômico imposto pelos EUA a Cuba aprovado pelos chanceleres americanos.

Diante deste contexto, o *DC* continuou a se referir a ilha como perigosa e ponto de infiltração comunista, diferentemente do *UH* que não apresentava o país caribenho como uma ameaça em suas matérias. Porém, as manifestações de apoio mais explícitas ao governo

²⁷¹ Como afirmado anteriormente, ao final de agosto de 1962, Danton Jobim assumiu o controle do *DC*. Por conta disto, uma das mudanças mais significativas foi a transferência de sua tradicional coluna, que usualmente ocupava a quarta página, para a capa do jornal, além disto, o espaço dedicado aos seus textos passou a utilizar o título "Editorial". DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1962, n. 10.586, p. 1, Diário.

²⁷² Ibid. p. 1.

²⁷³ Ibid. p. 1.

²⁷⁴ DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 6 de outubro de 1962, n. 10.600, p. 1, Diário.

cubano, presentes no jornal de Samuel Wainer, na época da Invasão da Baía dos Porcos, não foram mais veiculadas pelo periódico, podendo-se referenciar novamente as circunstâncias da demissão do colunista Arapuã, como uma das razões que resultaram no menor entusiasmo do periódico ao tratar diretamente sobre Cuba.

Nesse momento, as considerações de Pierre Ansart se tornam relevantes, pois ao analisar a criatividade ideológica nos conflitos, o historiador alerta que a abertura de um conflito suscita como consequência direta a organização de grupos rivais.²⁷⁵ Nesse complexo processo que opõe de forma simplificada os amigos e inimigos, três domínios de significado transparecem na produção discursiva. Logo, continua Ansart:

Importa designar o sujeito da ação, atribuir uma identidade coletiva aos membros do grupo e carregar de valores e afetos positivos o grupo a que se pertence: esses atores devem designar-se como portadores de um justo projeto, portadores dos mais altos valores que se possa alcançar(...). Simultaneamente, a ação só é possível quando os adversários são designados de acordo com uma lógica de dicotomização que é a do conflito; importa construir uma representação do inimigo, representação coerente e desvalorizante, que participa por reciprocidade da exaltação do eu.²⁷⁶

Compartilhando das indicações acima citadas, pode-se perceber a lógica da dicotomização entre algumas das posições adotadas pelo *Última Hora* em relação ao *Diário Carioca*. Apesar de apoiar as políticas da administração João Goulart, o jornal de Danton Jobim, por conta da crescente polarização ideológica, causada pelos rumos socialistas da Revolução Cubana, passou a reproduzir um discurso anticomunista e agressivo contra a ilha e seu governo. Envolvidos em um cenário de fortes confrontos políticos e ideológicos, nacionais e internacionais, tanto o *Diário Carioca* quanto o *Última Hora*, noticiaram, a partir do dia 23 de outubro de 1962, os acontecimentos no Caribe que movimentaram mais uma vez a opinião pública nacional.

Em tom alarmante, o *DC* estampou a manchete: "*EUA Desencadeiam o Bloqueio Militar de Cuba: Grave Tensão*"²⁷⁷, enquanto o *UH* divulgou: "*Guerra Mundial por um Fio!*" e "*EUA: Bloqueio a Cuba é Total*".²⁷⁸ Nas reportagens, ambos periódicos relataram o discurso de Kennedy aos estadunidenses, no qual o presidente anunciou ao público a existência dos mísseis em Cuba, declarando que estes tinham caráter ofensivo, e portanto justificavam o bloqueio militar a ilha.

No dia seguinte, o *DC* em sua capa, publicou notícias especialmente relacionadas aos EUA, por meio da manchete "*OEA aprova o emprego de força armada sobre Cuba- Brasil*

²⁷⁵ ANSART, Pierre. *Op. cit.* p.116

²⁷⁶ *Ibid.* p. 117-118.

²⁷⁷ DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1962, n. 10.614, p. 1, Diário.

²⁷⁸ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1962, n. 3.780, p. 1, Diário

absteve-se". Nesta mesma edição, Danton Jobim, tomou uma rara posição crítica a respeito das ações estadunidenses, destacando que o bloqueio a ilha era legítimo. Porém, sobre a intervenção armada pretendida pelos EUA e respaldada pela resolução da OEA, declarou: "*Nenhuma de nossas Repúblicas pode dispor de uma procuração com plenos poderes para agir em nome das demais e leva-las possivelmente a uma guerra*", criticando o que denominou de "*cheque em branco*" nas mãos de Washington, fornecido pela resolução, da qual México, Bolívia e Uruguai também se abstiveram de votar.²⁷⁹

Já o *UH*, que também relatou a crise cubana em sua capa, fez contraponto a primeira página do *Diário Carioca* pois estampou as manchetes "*Moscou: Nós Não Daremos o Primeiro Tiro*" e "*Fidel Castro: Cuba não Será um Novo Congo*" e sobre as palavras do então chanceler brasileiro, Hermes Lima, destacou: "*Cuba Tem o Direito ao seu Regime*".²⁸⁰ Cabe ressaltar também, que o *UH* veiculou um considerável número de notícias provenientes da *Telegrafnoye agentstvo Sovetskogo Soyuz* (TASS), agência de notícias soviética, embora as informações das agências ocidentais predominassem no noticiário internacional.²⁸¹

Na quarta página, o *Última Hora* deu destaque a resolução da OEA e na matéria "*Bloqueio contra Cuba: Reação no Rio e Brasília*" publicou uma relação de comentários de políticos, religiosos e intelectuais acerca dos acontecimentos no Caribe. Os depoimentos apresentavam-se, em sua maioria, favoráveis a Cuba, porém haviam também críticas. Entre os mais contundentes defensores da ilha pode-se elencar o artista Di Cavalcanti, o presidente da UNE, Vinicius Caldeira Prant e o líder sindical Benedito Cerqueira que por sua vez, considerou o bloqueio como uma "*Imaturidade e Covardia*" dos EUA.²⁸²

A matéria finalizou com o relato de uma comissão de servidores públicos, composta por trinta pessoas, que compareceu a redação do *UH* para expressar seu protesto à ação contra a ilha, com destaque para a fala de um dos membros: "*Desejamos a paz mundial, representada, no momento, pelo direito de autodeterminação de Cuba. O bloqueio é ilegal.*"²⁸³

²⁷⁹ DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1962, n. 10.615, p. 1, Diário

²⁸⁰ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1962, n. 3.781, p. 1, Diário

²⁸¹ A monopolização no campo do jornalismo internacional foi apontada pelo *UH* durante a Crise dos Mísseis. Na matéria "Gorilismo no Noticiário", o jornal denunciou a maneira como as informações provenientes das agências estadunidenses e da *France Presse*, além de serem pouco esclarecedoras, pretendiam descrever sempre as ações de Washington de maneira favorável e que cabia ao governo de João Goulart regulamentar a atuação destas agências para coibir esta "*atuação lesiva aos interesses do Brasil*". ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1962, n. 3.783, p. 12, Diário

²⁸² ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1962, n. 3.781, p. 4, Diário

²⁸³ Ibid. p. 4.

Durante o dia 25 de outubro, as manifestações ganharam maior destaque no *Última Hora*, que em sua primeira página, publicou em caixa alta a matéria com o título: "*Barril de Pólvora do Caribe Ameaça Explodir*", seguido, do subtítulo "*Nas Mãos Desses Homens o Destino do Mundo*", acompanhada de diversas fotos de líderes mundiais como John F. Kennedy, Nikita Khrushchev e U Thant e de pequenos textos relatando as posições dessas personalidades políticas sobre a crise que se desenrolava em Cuba. Na parte inferior da página, o *UH* estampou outra reportagem intitulada "*Manifestações Pró e Contra no Itamarati*" e o subtítulo "*Cerco das Caraíbas Agita Opinião Pública*", adjunto a uma foto de guardas e manifestantes em frente a sede do Ministério das Relações Exteriores.²⁸⁴

Na segunda página, que usualmente tratava sobre política internacional, o *UH* estampou no canto inferior esquerdo da folha, um quadro denominado "*A Pedidos*", com o título "*Contra o Bloqueio Norte-Americano a Cuba! Aos Trabalhadores e ao Povo*". A declaração assinada pelos líderes sindicais das classes dos estivadores, ferroviários, marítimos e pela União dos Portuários do Brasil, expressou o repúdio as ações estadunidenses contra a "*heróica República de Cuba*" e conclamou os trabalhadores a tomar parte nos protestos que exigiam o fim do bloqueio. Além disso, o texto expressava apoio a Política Externa Independente e advertia sobre as discussões acerca da suspensão dos trabalhos nos navios estadunidenses aportados no Brasil.²⁸⁵

Na seção denominada "*Acontecimentos de Última Hora*", outra notícia foi divulgada com o título "*Recife: Violências da Polícia Contra Manifestantes pró-Cuba*", inserida na parte superior esquerda da página e conquistando o maior espaço na seção. Nesta, há um relato de como os manifestantes pró-Cuba foram dispersados de forma violenta por um grupo de choque da Polícia Militar após terem se manifestado, mesmo sem a permissão do Secretário de Segurança do Recife.²⁸⁶

A reportagem também relatou a prisão de um jovem, filho de um juiz, que junto aos manifestantes, concitava os populares a se unirem ao ato; destacou a ação violenta da polícia, afirmando que os policiais jogaram bombas nos manifestantes mesmo quando estes se abrigaram em uma igreja e finalizou discorrendo sobre o clima de tensão estabelecido em Recife, que obrigou o exército a efetuar a proteção da embaixada estadunidense, que se encontrava sob grande ameaça de receber a ira dos manifestantes.²⁸⁷

²⁸⁴ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1962, n. 3.782, p. 1, Diário.

²⁸⁵ Ibid. p. 2.

²⁸⁶ Ibid. p. 3.

²⁸⁷ Ibid. p. 3.

Percebe-se nesta notícia a predisposição do *UH* de retratar a ação policial de forma negativa, uma vez que prejudicava os protestos organizados muitas vezes pelos movimentos estudantis e sindicais, grupos que o periódico de mais se identificava.

A matéria anunciada na capa da edição, continuou na quarta página e discorreu inicialmente sobre trinta mulheres do Grupo das Senhoras Brasileiras em Defesa da Democracia que, ao adentrar no Itamaraty com o intuito de defender o bloqueio estadunidense a Cuba, foram seguidas por "*uma multidão de populares*" contrários a tal ação que se referiram à estas mulheres como "*mal-amadas*", "*entreguistas*" e "*reacionárias*".²⁸⁸

Sobre este acontecimento, o *UH* noticiou que Hermes Lima resolveu receber o grupo anti-Cuba, pois na véspera havia dialogado com representantes de entidades estudantis e sindicais. O relato prosseguiu caracterizando a conversa do Ministro com o grupo conservador, que criticou a posição do governo brasileiro enquanto hipotecou apoio aos Estados Unidos. A resposta do chanceler, transcrita pelo jornal apresentava como ponto principal a defesa das ações do governo em conjunto com a exaltação do regime democrático, no qual os dois grupos ideologicamente distintos, podiam se expressar livremente.²⁸⁹

No entanto, a matéria chamou a atenção para a dificuldade de o Ministro em se comunicar com as manifestantes anti-Cuba, que constantemente interrompiam-no com pedidos de intervenção na ilha, o que exigiu do chanceler "*extrema paciência*" para responder aos "*apartes histéricos*" das mulheres que, ao final da conversa, "*não satisfeitas com a agitação que faziam*", passaram a ofender deliberadamente Hermes Lima. Segundo o jornal, a saída das representantes do grupo feminino anti-Cuba, também resultou em confusão, pois foi necessário a intervenção policial para assegurar a partida das mesmas e nesta ação, duas pessoas do grupo favorável a Cuba foram presas.²⁹⁰

Discorrendo sobre os manifestantes pró-Cuba, o *UH* noticiou que alguns foram recebidos pelo embaixador Carlos Alfredo Bernardes, que expressou satisfação em receber o apoio de intelectuais (defensores da autodeterminação de Cuba), entre eles Di Cavalcanti, Dias Gomes e os generais Carlos Hess de Melo, Jaci Coelho e Sampson Sampaio. A matéria finalizou com a informação de que os manifestantes presos durante o ato, foram liberados junto ao DOPS pela interseção de Hermes Lima.²⁹¹

Por fim, na mesma página, o *Última Hora* publicou outra matéria a respeito das manifestações pró-Cuba. Nesta, intitulada "*Solidariedade a Cuba na Embaixada*", o periódico

²⁸⁸ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1962, n. 3.782, p. 4, Diário.

²⁸⁹ Ibid. p. 4.

²⁹⁰ Ibid. p. 4.

²⁹¹ Ibid. p. 4.

informou o comparecimento de manifestantes na embaixada cubana no Rio de Janeiro e a entrega de uma declaração redigida por jornalistas brasileiros, que pedia o fim do bloqueio a ilha.²⁹²

Na extensa cobertura sobre os atos a favor da ilha caribenha que o *UH* realizou nesta edição, destacou-se também o anúncio intitulado "*Em Defesa de Cuba*", localizado na parte inferior direita da página oito. O texto conclamou os trabalhadores e o povo carioca, a comparecer nas escadarias do Palácio Tiradentes para uma concentração de apoio a ilha, finalizando com os dizeres: "*OS INIMIGOS DO VALOROSO POVO CUBANO SÃO TAMBÉM NOSSOS INIMIGOS. TODOS AO PALÁCIO TIRADENTES*"²⁹³. O mesmo evento também foi anunciado na "*Coluna Sindical*" do *UH*.²⁹⁴

No dia seguinte, o *Última Hora* novamente estampou em sua capa manchetes a respeito da crise cubana, porém, as manifestações foram destacadas na segunda página. Com o título "*Povo nas Ruas da Guanabara Enfrenta a Polícia e Protesta contra o Bloqueio*", a matéria descreveu a "*poderosa manifestação popular*" em frente ao palácio Tiradentes que, segundo o jornal, contou com sete mil participantes e tinha como destino a ida em marcha até a embaixada estadunidense. No entanto, o protesto foi marcado pela atuação da "*Polícia de Carlos Lacerda*" e resultou na prisão de setenta pessoas, além de vários feridos, entre eles, dois policiais e uma senhora, que recebeu uma "*descarga de metralhadora nas pernas*".²⁹⁵

O texto continuou enfatizando a violência dos policiais que, de acordo com o jornal, não se fartaram com o uso do carro pipa "*Lacerdão*" e utilizaram metralhadoras, pistolas e cassetetes para causar o "*pânico*". Entretanto, segundo o *UH*, nem os tiros e nem o "*Lacerdão*" fizeram com que a opinião pública mudasse de ideia e os trabalhadores e estudantes revidaram a violência dos policiais com pedras, ferindo dois milicianos e atingindo diversas vezes o carro pipa. Após este relato, a matéria destacou os discursos dos deputados Sergio Magalhães e Bocayuva Cunha, ambos marcados pelo forte apoio a Cuba e repúdio as ações estadunidenses, além da presença de vários líderes sindicais na manifestação.²⁹⁶

Na mesma página, o *Última Hora* publicou uma pequena notícia referente a nota policial divulgada sobre a conturbada manifestação. Na nota, a polícia tachou os participantes

²⁹² Ibid. p. 4.

²⁹³ Ibid. p. 8.

²⁹⁴ Ibid. p. 13.

²⁹⁵ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1962, n. 3.783, p. 2, Diário

²⁹⁶ Ibid. p. 2.

do ato de comunistas e aconselhou para que "*pessoas de bem*" não participassem de manifestações semelhantes.²⁹⁷

O *Diário Carioca*, que até então não havia publicado notícias sobre as manifestações em decorrência da Crise dos Mísseis, tratou deste tema em 26 de outubro e na edição deste dia, estampou a manchete: "*EUA e URSS dispõem-se a trégua sob condições*", acompanhada de uma foto do Papa João XXIII, com uma legenda sobre o apelo do pontífice para que não se iniciasse uma nova guerra mundial. A capa também apresentou várias notícias que procuravam caracterizar Cuba de forma ameaçadora.²⁹⁸

Foi publicada também na coluna de Danton Jobim, localizada no canto superior esquerdo da capa, opinião que tratava sobre a impossibilidade de "neutralizar" Cuba frente a Guerra Fria, pois outros países poderiam solicitar o mesmo estatuto, colocando o propósito de defesa contra o comunismo em risco, já que muitas nações não mais cerrariam fileiras com os EUA na defesa do Ocidente em caso de guerra com a URSS, o que na opinião do diretor do *DC* seria um "*contra-senso, um erro palmar*".²⁹⁹

No entanto, a matéria que relatou os protestos pró-Cuba também obteve destaque. Localizada na parte inferior esquerda da primeira página e intitulada "*Navios dos EUA serão bloqueados nos portos*",³⁰⁰ em *lead*, informou a decisão de alguns sindicalistas e estudantes durante o comício realizado no Palácio Tiradentes, de impedir o embarque e o desembarque das cargas de navios de origem estadunidense, como forma de represália ao bloqueio marítimo que os EUA impuseram a Cuba. Na sequência, o texto relatou que os participantes do comício se dirigiram à embaixada Cubana (informação divergente da veiculada no *UH*) e foram dispersados pela polícia com bombas de gás e por água do "Lacerdão".³⁰¹

Já na matéria correlata intitulada "*Democratas Agredidos*", um relato mais aprofundado dos eventos foi publicado. Nesta, o *DC* informou que supostos "senhores", críticos dos protestos pró-Cuba "*quase foram agredidos*" pelos manifestantes, sem detalhar a "quase agressão". O jornal também destacou a fala dos "senhores", que consistia no enaltecimento das liberdades democráticas e a condenação do comunismo, apontando ironicamente que, em Cuba, o chamado "*governo do povo*" de Fidel Castro, não permitiria que a população expressasse a sua opinião em público.³⁰²

²⁹⁷ Ibid. p. 2.

²⁹⁸ DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1962, n. 10.617, p. 1, Diário

²⁹⁹ Ibid. p. 1.

³⁰⁰ Ibid. p. 1.

³⁰¹ Ibid. p. 1.

³⁰² Ibid. p. 1.

A notícia continuou informando que os policiais da Divisão de Polícia Política e Social (DPPS), que acompanhavam os manifestantes, pensaram que estes se dirigiam a embaixada dos EUA e por isso empreenderam a interceptação do protesto, prendendo cerca de setenta pessoas. Relatou também que os manifestantes reagiram com paus e pedras a ação dos policiais ferindo dois guardas e encerrou com a notícia de que duzentos policiais faziam a segurança da embaixada estadunidense, pois houve uma tentativa malograda dos organizadores do protesto em conclamar os populares a invadirem o local, pois tais indivíduos foram presos e a polícia continuava atrás dos "agitadores".³⁰³

O que é válido destacar, são os posicionamentos claramente contrastantes entre o *Última Hora* e o *Diário Carioca* ao noticiar o mesmo evento no Palácio Tiradentes. Os anúncios veiculados pelo *UH* por si só já comprovam a familiaridade dos organizadores das manifestações pró-Cuba com o periódico e vice-versa, mas a notícia sobre a decorrência do ato explicitou também a simpatia do jornal ao protesto, pois culpou a "Polícia de Lacerda" pela maneira violenta como a passeata foi interceptada e atribuiu à manifestação características positivas, sem noticiar qualquer incidente de agressão aos referidos "senhores" mencionados no *Diário Carioca*.

Por sua vez, o *DC* abandonou a posição aparentemente ambígua que possuía frente as manifestações em decorrência da Invasão da Baía dos Porcos, explicitando sua crítica ao ato pró-Cuba e seus participantes, caracterizando-os como *agitadores*, *antidemocráticos* e *violentos*. Além disso, a impactante informação veiculada pelo *UH*, de que uma senhora havia sido baleada pela polícia no protesto, não foi noticiada *Diário Carioca* que optou por relatar o socorro que os dois policiais feridos necessitaram após o confronto com os manifestantes.

Pode-se observar também nestas duas notícias a lógica de dicotomização, pois para defender o grupo Pró Cuba, o *UH* empreendeu uma forte desvalorização da ação policial, que foi conectada também a imagem de Carlos Lacerda, outro inimigo ideológico do jornal, ao mesmo tempo que exaltou a manifestação como "*poderosa*", atribuindo aos seus participantes aspectos positivos e valorosos como a coragem, ao destacar que nem mesmo as balas puderam modificar a opinião pública, supostamente favorável a Cuba.

No dia seguinte, a tensão internacional seguiu alta e foi sintetizada pela manchete do *UH*: "*IMINENTE O ATAQUE ÀS BASES DE CUBA*"³⁰⁴, acompanhada de três páginas repletas de informações sobre a crise. Na quarta folha, o periódico noticiou que entraria em

³⁰³ Ibid. p. 1.

³⁰⁴ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1962, n. 3.784, p. 1, Diário

vigor o bloqueio dos navios estadunidenses nos portos brasileiros e publicou uma extensa lista de intelectuais que manifestaram solidariedade aos cubanos.³⁰⁵

Contudo, na mesma página, o texto "*Guerra de Nervos*", escrito por Paulo Francis, teceu algumas considerações sobre os protestos a favor e contra Cuba. Entre uma delas, a de que as manifestações foram ignoradas pelos grandes jornais. No restante do texto, o jornalista discorreu sobre pequenos episódios cotidianos que se ocorreram por conta do forte atrito ideológico vigente naquele momento e destacou a sua versão sobre o protesto contrário a Cuba no Ministério das Relações Exteriores.

Em tom profundamente ofensivo, Paulo Francis declarou que as "*malamadas*" e "*discípulas de Carlos Lacerda*" após insultarem o Ministro, "*comportaram-se como mulheres, talvez pela primeira vez na vida*" quando "*largaram seus cartazes ridículos*" e tiveram que fingir serem funcionárias do Itamaraty para que conseguissem escapar da ira da multidão pró-Cuba, que mesmo assim identificou algumas que foram "*devidamente classificadas pela massa*".³⁰⁶

A linguagem dicotômica neste caso é explícita, tanto no texto de Paulo Francis, quanto na notícia original sobre o ocorrido no Itamaraty. Ambos caracterizaram a massa pró-Cuba como representante da verdadeira e justa posição, enquanto as inimigas ideológicas, representadas pelas manifestantes anti-Cuba, foram retratadas nas duas matérias como históricas, mal amadas, antidemocráticas, petulantes.

Assim como o *UH*, o *Diário Carioca* também evidenciou o funesto clima de guerra iminente: "EUA ADMITEM CLARAMENTE EMPREGO DE FORÇA MILITAR". Na primeira página também foi publicada a coluna de Danton Jobim, que elogiou a atuação diplomática brasileira frente a crise e em matéria no final da folha o *DC* destacou o bloqueio dos portuários brasileiros aos navios estadunidenses. Nesta, o jornal atentou aos prejuízos que a ação causaria ao Brasil e trouxe a posição do líder do Sindicato dos Arrumadores, que desmentiu que os trabalhadores desta classe tomariam parte neste bloqueio.³⁰⁷

Ambos os periódicos não circularam no domingo (dia 28) e a edição do *Última Hora* de segunda feira (dia 29) noticiou a predisposição de Nikita Khrushchev de remover os mísseis soviéticos de Cuba, colocando um ponto final na crise que ameaçava o mundo. O *UH* foi enfático ao estampar a manchete que parafraseou Hermes Lima " — URSS PÔS FIM A CRISE MUNDIAL" e também destacou a atuação brasileira no processo de negociação

³⁰⁵ Ibid. p. 4.

³⁰⁶ Ibid. p. 4.

³⁰⁷ DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1962, n. 10.618, p. 1, Diário

afirmando que o sítio de Jacarepaguá, local em que Jango e embaixadores cubanos, soviéticos e estadunidenses se encontraram para debater o desfecho do impasse, tornou-se "*centro de interesse mundial*". Não houve no *UH* menções sobre as manifestações favoráveis a Cuba, possivelmente por conta da finalização do impasse.³⁰⁸

O *Diário Carioca*, com sua edição correspondente aos dias 28 e 29, não informou sobre fim da crise, noticiado apenas na edição seguinte, mas veiculou informações sobre os protestos, como por exemplo, a proibição dos atos pró-Cuba em São Paulo por meio de uma determinação da Polícia Política. Outra matéria relacionada as manifestações foi publicada na coluna "*A Nossa Opinião*", intitulada "*Comportamento Exemplar*", na qual o jornal parabenizou o líder do Sindicato dos Ensacadores, que negou os comentários sobre a participação de seus filiados no bloqueio aos navios dos EUA. Para o *DC* o sindicalista representou um "*digno e honrado trabalhador*" que deu "*uma lição de bom senso, equilíbrio e civilismo*" aos extremistas de direita e esquerda, pois apresentou-se como um "*brasileiro autêntico*", que soube colocar a Pátria acima de seus interesses e paixões.³⁰⁹

A intenção política do *Diário Carioca* ao retratar as manifestações a favor de Cuba tornou-se explícita neste editorial que corroborava com posicionamentos alinhados ao "centro" político e a postura anticomunista ao destacar os eventos pró-Cuba como uma exaltação do extremismo das esquerdas. A dicotomia entre as posições supostamente descabidas dos "*extremistas*" frente a "*louvável*" e "*equilibrada*" posição do líder sindical também reforçou o discurso ideológico efetuado pelo jornal neste editorial.

Por sua vez, o *Última Hora* se não mais apoiava tão efusivamente a posição do governo cubano, continuou prestando apoio as manifestações favoráveis a Cuba, servindo de veículo para convocação dos protestos, dado aos anúncios que publicou. Além disso, o volume de notícias sobre os eventos que estampou em suas páginas também superou o *DC*, que apenas informava acerca das manifestações ocorridas nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, o que demonstra um maior interesse do jornal de Samuel Wainer em noticiar tais acontecimentos.

Nas páginas do *DC* e do *UH*, os conflitos em Cuba passaram a ceder espaço as preocupações relativas ao retorno do regime presidencialista no Brasil e ambos os jornais publicaram o seu apoio ao governo João Goulart frente ao enfrentamento e a radicalização que fortaleciam diferentes poderes no país.

³⁰⁸ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1962, n. 3.785, p. 1, Diário

³⁰⁹ DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 28/29 de outubro de 1962, n. 10.619, p. 4, Diário

Os acontecimentos em Cuba não *tragaram o mundo em fogo atômico*, mas deixaram marcas consideráveis nas partes envolvidas. O acordo entre Kennedy e Khrushchev, que estipulou a retirada dos mísseis de Cuba em troca da remoção das armas atômicas estadunidenses instaladas na Turquia foi cumprido, junto com a promessa de Washington de cessar as hostilidades contra Cuba. Porém, Castro e seus pares que exigiam ao menos a saída das tropas estadunidenses de Guantánamo, se viram traídos pela URSS que desconsiderou suas posições no acordo com os EUA. O grande mal-estar entre Havana e Moscou perduraria até a visita de Castro a União Soviética no ano seguinte.³¹⁰

Já para o Brasil o episódio da Crise dos Mísseis também teve múltiplas consequências. Para a diplomacia brasileira foi um momento de prestígio, tendo em vista seu papel na negociação dos acordos que selaram o fim do impasse, porém, em contraponto, a crise acirrou ainda mais os ânimos tanto das esquerdas quanto das direitas, de modo que as significativas manifestações contra e a favor de Cuba foram claros exemplos da polarização ideológica vigente durante o governo João Goulart.³¹¹

Dentro da complexa conjuntura interna brasileira, o então presidente também enfrentou a crescente desconfiança dos EUA, que perceberam como um ultraje a posição do Brasil contrária a intervenção militar à Cuba. Por conta disto, publicações midiáticas e influentes personalidades políticas estadunidenses (entre elas Robert Kennedy), passaram a externar suas críticas a Jango e a sua administração, chegando a caluniá-lo de diversas maneiras. O descontentamento com o governo brasileiro também fez com que Washington intensificasse seu apoio aos grupos que tramavam a deposição de Jango, acelerando o processo que resultaria no Golpe Civil-Militar de 1964.³¹²

³¹⁰ AVILA, C. F. D. *Op. cit.* p. 38

³¹¹ MONIZ BANDEIRA. L. A. (a) *Op. cit.* p 81.

³¹² *Ibid.* p. 82.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No dia trinta de outubro de 1962, Leonel Brizola concedeu uma entrevista a Danton Jobim e com voz emocionada, porém tranquila, comentou sobre a decepção que sofria ao constatar que Fidel Castro entregara a soberania de Cuba. No final da reportagem, Brizola teceu o seguinte comentário:

Quando apoiamos o povo cubano na sua luta para se ver livre da espoliação e da injustiça social, da intolerância, da opressão e domínio dos grupos econômicos e do próprio governo da poderosa nação norte americana, jamais admitiremos que Cuba venha a se transformar num satélite da União Soviética.³¹³

A decepção demonstrada pelo líder petebista não foi um caso isolado e repercutiu nas esquerdas após a publicação de Danton Jobim, o que demonstra a força que o *Última Hora* e o *Diário Carioca* exerciam sobre o público.

Ciente desta influência e objetivando discutir de que forma os jornais *Diário Carioca* e *Última Hora* retrataram as manifestações pró-Cuba que ocorreram no Brasil, ao longo das duas crises internacionais que envolveram a ilha, buscou-se além da análise das reportagens produzidas sobre estes dois episódios a verificação dos editoriais, de matérias e notícias, que evidenciaram as posições tomadas pelos jornais (*DC* e *UH*) no período que antecedeu os conflitos em Cuba, para detectar as possíveis alterações de seus posicionamentos em relação à Política Externa Independente e também ao governo cubano, fatores que permearam os discursos sobre as manifestações favoráveis a Cuba.

Contudo, constatou-se que sobre o contexto em questão, em suas linhas editoriais o *DC* e o *UH* convergiam em suas opiniões sobre a ação diplomática brasileira e ambos apoiavam as ações do governo João Goulart, mas ao cobrir os acontecimentos relacionados as manifestações a favor de Cuba estes periódicos divergiam de maneira significativa.

Como as balas e a violência não conseguiram mudar a opinião dos manifestantes pró-Cuba, a posição do *Última Hora* sobre estes eventos também não foi alterada, embora a crescente polarização política modificasse o contexto político e social de forma significativa. Enquanto no período da Invasão da Baía dos Porcos, o *UH* afirmava o seu apoio a Cuba e aos protestos, caracterizando-os como atos que expressavam a intenção do povo brasileiro de “*cerrar fileiras*” com Fidel Castro e Cuba .

Porém, durante a Crise dos Mísseis a posição do jornal alterou ou foi obrigada a alterar em relação aos temas ligados a Cuba. A ilha neste momento havia aprofundado as ligações com o comunismo soviético e o *UH*, como grande instituição empresarial imersa no

³¹³ DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1962, n. 10.620, p. 1, Diário

polarizado contexto político brasileiro, recebeu diversas pressões para que diminuísse o apoio ao governo cubano em suas páginas. Entre os exemplos de pressão recebidos pode-se citar a demissão do colunista Arapuã, que não hesitava em seu apoio a Fidel Castro.

Neste contexto, também há de se levar em consideração que, durante a Invasão da Baía dos Porcos, Cuba foi percebida por grande parte do setor político (inclusive pelo Itamaraty) como uma nação agredida por uma potência superior e no caso da Crise dos Mísseis, a ilha se configurou como uma "*base do imperialismo vermelho*". Por sua vez, o Itamaraty apesar de se opor a ação militar contra Cuba, votou a favor do bloqueio da ilha, dado as pressões externas que envolviam o então presidente João Goulart.

A conjuntura política e jornalística brasileira em outubro de 1962, se apresentava mais hostil a Cuba que no ano anterior, porém isto não impediu que *UH* continuasse seu apoio aos manifestantes pró-Cuba, servindo novamente de veículo para a convocação dos protestos e, apesar das manifestações não ocuparem lugares de destaque dentro do periódico, a linguagem utilizada pelo jornal de Samuel Wainer ao noticiar os eventos não deixava dúvidas que o *UH* defendia as manifestações favoráveis a Cuba, especialmente frente a repressão policial, vista pelo jornal como excessiva e violenta.

Por outro lado, o *Diário Carioca* fez contraponto as posições do *UH* tanto durante a Invasão da Baía dos Porcos quanto na Crise dos Mísseis. Em abril de 1961, o *DC* já vislumbrava Cuba e seu regime como uma ameaça aos preceitos democráticos e cristãos ocidentais. A partir destes pressupostos, o jornal procurou inicialmente de forma não explícita caracterizar os atos pró-Cuba como agitações, pois em sua cobertura preocupou-se em registrar os transtornos gerados pelos atos que atrapalharam o trânsito na Guanabara e causaram tumulto em várias cidades brasileiras.

Porém, é importante salientar que mesmo aparentando ser um mero relato dos acontecimentos, as notícias do *DC* sobre os protestos pró-Cuba, visaram apresentar estes eventos de forma negativa e este contraste se torna ainda maior quando comparado a maneira que o *UH* noticiou os atos. As colunas de opinião do *DC* também ofereceram um indício significativo da predisposição anti-Cuba, pois apresentavam um conteúdo extremamente crítico do governo de Fidel Castro, refletindo na maneira como o jornal relatou as manifestações.

No entanto, a polarização política também ocasionou uma mudança na avaliação do *DC* sobre os temas relacionados a Cuba. Apesar de já ser hostil ao governo da ilha, a partir da aproximação cubano-soviética em 1962, o *DC* passou também a criticar a Política Externa Independente e especialmente San Tiago Dantas ao mesmo tempo em que frisava ser

necessário ao Brasil a aproximação com os EUA, a fim de preservar os "valores democráticos ocidentais" contra o comunismo.

Aderindo as crescentes tensões ideológicas durante o período da Crise dos Mísseis, o *Diário Carioca* passou a explicitar seus esforços para caracterizar as manifestações não só como agitações, mas como organizações de extremistas e setores antidemocráticos da esquerda.

A fala dos "senhores democráticos" anteriormente relatada neste trabalho, evidenciou a hostilidade aos protestos pró-Cuba por parte do *DC*, pois seu destaque foi exatamente de encontro as posições sustentadas no editorial do dia vinte e oito de outubro de 1962, no qual o jornal afirmou que a postura *patriótica e responsável* sobre os atos pró-Cuba consistia em sua não adesão a estas ações, uma vez que eram manifestações de extremistas.

Esta posição também corroborava com as opiniões emitidas pelo então diretor do *Diário Carioca*, Danton Jobim que, apesar de elogiar a atuação diplomática brasileira não escondia sua posição extremamente crítica a Cuba e seu governo, posição nítida desde a Invasão da Baía dos Porcos. Na análise de algumas de suas colunas, também foi constatado o alinhamento político centrista de Jobim e sua crítica a radicalização proposta supostamente por comunistas dentro de entidades sindicais, que foram em grande parte, ativas em seu apoio a Cuba.

Desta maneira, tomando as considerações de Pierre Bourdieu, que concebe o poder simbólico como um "*poder de fazer as coisas com palavras*" desde que estas sejam adequadas as circunstâncias³¹⁴, pôde-se vislumbrar a intenção do *Diário Carioca* e do *Última Hora* de caracterizar e *nomear* as manifestações pró-Cuba de acordo com seus próprios princípios ideológicos e mesmo que de acordo com o *ethos* jornalístico estivessem meramente expondo a realidade, por meio da análise das fontes apresentadas constatou-se a pretensão destes jornais em forjar uma percepção destes eventos que corroborassem com as suas linhas político-ideológicas.

³¹⁴ BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. Tradução Cássia da Silveira e Denise Moreno Pegorin. São Paulo: editora brasiliense, 2004, p. 166-167.

FONTES

- DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1945, n.5325.
- DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 10 de junho de 1953, n. 7644.
- DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1955, n. 8342
- DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1955, n. 8384.
- DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 09 de janeiro de 1959, n. 9355.
- DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 04 de março de 1961, n. 10028.
- DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 23 de março de 1961, n. 10043
- DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 16 de abril de 1961, n. 10064.
- DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 18 de abril de 1961, n. 10065.
- DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 19 de abril de 1961, n. 10066.
- DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 20 de abril de 1961, n. 10067.
- DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 29 de agosto de 1961, n. 10169.
- DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 5 de setembro de 1961, n. 10175.
- DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1961, n. 10186.
- DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 1962, n. 10.386.
- DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1962, n. 10.389.
- DIÁRIO CARIOCA , Rio de Janeiro, 03 de fevereiro de 1962, n. 10.399.
- DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 24 de abril de 1962, n. 10.462.
- DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1962, n. 10.579.
- DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1962, n. 10.586.
- DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 6 de outubro de 1962, n. 10.600.

- DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1962, n. 10.614.
- DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1962, n. 10.615.
- DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1962, n. 10.617.
- DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1962, n. 10.618.
- DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 28/29 de outubro de 1962, n. 10.619.
- DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1962, n. 10.620.
- DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1962, n. 10.633.
- TRIBUNA DA IMPRENSA, Rio de Janeiro, 09 de janeiro de 1959, n. 2739
- TRIBUNA DA IMPRENSA, Rio de Janeiro, 18 de abril de 1961, n. 2421.
- ÚLTIMA HORA, Niterói, 27 de março de 1962, n.813.
- ÚLTIMA HORA, Niterói, 17 de abril de 1962, n.831.
- ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 03 de setembro de 1962, n.3738.
- ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1954, n. 979.
- ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1955, n. 1347.
- ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 03 de janeiro de 1959, n. 2610.
- ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 09 de janeiro de 1959, n. 2615.
- ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 07 de março de 1960, n. 2970.
- ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 06 de março de 1961, n.3282.
- ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 25 de março de 1961, n. 3299.
- ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 18 de abril de 1961, n. 3319.
- ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 19 de abril de 1961, n. 3320.
- ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 20 de abril de 1961, n. 3321.
- ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1961, n. 3428.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1962, n.3545.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1962, n. 3.746.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1962, n. 3.780.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1962, n. 3.781.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1962, n. 3.782.

ÚLTIMA HORA , Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1962, n. 3.783.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1962, n. 3.784.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1962, n. 3.785.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves de; LAMARÃO, Sérgio (Org.). Gilberto Amado. In: ABREU, Alzira Alves de; LAMARÃO, Sérgio. *Personalidades da política externa brasileira*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2007. p. 97-102. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/al000147.pdf>> Acesso em 20 jun. 2018.
- ABREU, A. A. *A Modernização da Imprensa (1970 - 2000)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.
- ABREU, A. A.; CARNEIRO, A. D. (Org.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro da Primeira República 1889-1930*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. v. 1. 1400p
- ALONSO JR, Odir. “O processo revolucionário: 1953/1959” In: COGGIOLA, Osvaldo (Org.). *Revolução Cubana: História e Problemas Atuais*. São Paulo: Xamã, 1998. p. 51-63.
- ANSART, Pierre. *Ideologias, conflitos e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978
- AVANZA, Marcia Furtado. *Danton Jobim, o mediador de duas culturas: por uma pedagogia do jornalismo*. Tese de doutorado apresentada à Escola de Comunicação e Artes da USP. São Paulo: 2007.
- AVILA, C. F. D. . *A Crise dos Mísseis Soviéticos em Cuba (1962): um estudo das iniciativas brasileiras*. *Varia História* (UFMG. Impresso), v. 28, p. 361-389, 2012.
- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil (1900-2000)*. Rio de Janeiro: Mauadx, 2007.
- BARS MENDEZ, Rosemary . *Pompeu de Souza: o jornalista que transformou o jornalismo*. In: Terceiro Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2005, Novo Hamburgo. Rede Alfredo de Caravlhho, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Lingüísticas*. São Paulo: Editora da USP, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. Tradução Cássia da Silveira e Denise Moreno Pegorin. São Paulo: editora brasiliense, 2004.
- BUZETTO, M. ; MIZUKAMI, E. S. . *Revolução Inacabada*. p. 70-71. In: Osvaldo Coggiola. (Org.). *Revolução Cubana: História e Problemas Atuais*. 01ed.São Paulo: Xamã, 1998
- CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.
- _____. PRADO, Maria L. *O Bravo Matutino*. São Paulo: Editora Alfa-Romeu, 1980
- CARVALHO, Andreia de Souza de. *De revolução salvadora à conspiração maligna: representações da Revolução Cubana na imprensa escrita brasileira. (1959 a 1964)*. 171f. Dissertação (Mestrado em História)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004

CASTILHO, Marcio de Souza . *A presença da Esso na imprensa brasileira*. In: VI Congresso Nacional de História da Mídia, 2008, Niterói. 200 anos de mídia no Brasil - Historiografia e tendências, 2008.

COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Revolução Cubana: História e Problemas Atuais*. São Paulo: Xamã, 1998.

COSTA, Cecília. *Diário Carioca: o jornal que mudou a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2011.

DREIFUSS, René Armand. *1964: A conquista do Estado*. Ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis: Vozes, 1981.

FARIA, T.; LAGE., N.; RODRIGUES, S. *Diário Carioca: o primeiro degrau para a modernidade*. *Estudos em jornalismo e mídia*, Florianópolis: Insular, v.1. n. °1., 2004.

FERREIRA, Marieta de Moraes ; MESQUITA, Claudia. Os anos JK no acervo da Biblioteca Nacional p. 8. In: BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Brasiliana da Biblioteca Nacional-guia de fontes sobre o Brasil /Organização Paulo Roberto Pereira*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Nova Fronteira, 2001. il., p.329-368.

GODOY, Alexandre Pianelli . *Ver para crer Na Última Hora*. *Histórica* (São Paulo. Online) , v. 1, p. 01-09, 2008

HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995

MAIA, Deodato. *Diário Carioca: o máximo de jornal no mínimo de espaço*. In: *Cadernos de Comunicação. Série Memória*. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2003.

MACHADO, Izamara Bastos. *A reforma do Diário Carioca na década de 50*. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 1., 2003, Rio de Janeiro

LEAL, C. E. C. ; FLAKSMAN, Dora . Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1984.

MELO, W. F.; Macedo, R. G.. O periódico Última Hora e a sua relevância na história da mídia impressa brasileira. In: *VI Congresso Nacional de História da Mídia. 200 anos de mídia no Brasil. Historiografia e tendências*, 2008, Niterói - RJ. VI Congresso Nacional de História da Mídia. 200 anos de mídia no Brasil. Historiografia e tendências. Niterói - RJ: EdUFF, 2008.

MONIZ BANDEIRA. L. A. (a) *O Governo João Goulart: As lutas sociais no Brasil(1961-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977

MONIZ BANDEIRA, L. A. (b) *De Martí a Fidel: A Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

MOREIRA, Cassio, Silva. *O projeto de nação do governo Goulart: o plano trienal e as reformas de base (1961-1964)*. 2011. 404p. Tese (Doutorado em Economia) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MOTTA, R. P. S. . *A figura caricatural do gorila nos discursos da esquerda*. ArtCultura (UFU) , v. 9, p. 195-212, 2008.

MUNHOZ, Aylza M. *Pensamento em Marketing no Brasil: um estudo exploratório*. São Paulo, 1982. Tese(Doutorado em Administração) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas. In: Falcão, R., F. (2014). *O Marketing no Brasil: Sua História e Evolução*. 374 f. Tese (Mestre em Ciências). Departamento de Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade. Universidade de São Paulo.

MUNTEAL, Oswaldo; VENTAPANE, Jaqueline; FREIXO, Adriano de. *O Brasil de João Goulart: um projeto de Nação*. Rio de Janeiro: PUC, Contraponto, 2006

NAPOLITANO, M. 1964: *História do Regime Militar Brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

PERICÁS, L. B. M. Capitalismo dependente e revolução em Cuba. In: Osvaldo Coggiola. (Org.). *América Latina: encruzilhadas da história contemporânea*. São Paulo: Xamã, 2003.

PEROSA, Lílian M. F. de Lima, ZANELLI, Maria Lúcia. *Última Hora: uma revolução na imprensa brasileira*, Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2003. (Cadernos da Comunicação. Série Memória; v. 7)

RIBEIRO, A. P. G. . *Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950*. Estudos Históricos - CPDOC/ FGV, Rio de Janeiro, v. 31, p. 147-160, 2003.

SALES, Felipe Gomes. COSTA, Klenio Veiga da. BATISTA, Renata Lourenço. *Jornalismo Narrativo: eficiência e viabilidade na mídia impressa*. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/costa-klenio-jornalismo-narrativo.pdf>> Acesso em: 12/06/2018.

SIQUEIRA, C. V. *A novidade que faltava: sensacionalismo e retórica política nos jornais Última Hora, O Dia e Luta Democrática no segundo governo Vargas (1951-1954)*. In: NEVES, Lúcia Maria. B. P. das; MOREL, Marco; FERREIRA, Tânia M. Bessone da C. (org.). *História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A / FAPERJ, 2006

SODRÉ. Nelson Werneck, *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

ZAIDAN, T. E. . *A organização Arnon de Mello e o seu patrono: trajetória e interesses políticos*. Verso e Reverso (Unisinos. Online) , v. 55, p. 37-46, 2010.